

A, BABÁ
GOTICA

ADRIANA IGREJAS



PERIGOSAS NACIONAIS

A BABÁ GÓTICA

ADRIANA IGREJAS

Publicação Independente, com autorização da Editora de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

“A babá gótica”, Evolução Publicações

Direitos reservados

E-book disponível na Amazon, 2017

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Sumário

1. A Bela Babá
2. Bruxa?
3. A Jovem Lucinda
4. Preconceito
5. Preocupações de Mãe
6. O Jovem Lourenço
7. A Babá Fica
8. Quem Era a Babá
9. Bancando o Detetive
10. A Menina Lisânia
11. Muitas Perguntas
12. Desespero
13. A Ida ao Zoológico
14. Química Explosiva
15. O Fantasma
16. Crime e Castigo
17. Pato Novo não dá Mergulho Fundo
18. Desvendando Mistérios
19. Ciúmes e Revelações

PERIGOSAS NACIONAIS

- 20. Duas Semanas
- 21. Fim de Jogo
- 22. O segredo de Lucinda
- 23. A revelação do Fantasma
- 24. Não Acabou
- 25. Elementar, meu caro Perez
- 26. Enfim, a paz
- 27. Crianças Sabem de Tudo
- 28. Epílogo

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO I

A BELA BABÁ

Ana Beatriz abriu a porta, apesar de todos os avisos de sua mãe para que não o fizesse. E gritou assustada com o que viu. Lá, parada diante da menina, estava uma mulher que correspondia à descrição de uma bruxa de filme de terror – toda de preto, com maquiagem pesada (sombra e batom pretos nos lábios), piercings no nariz e correntes pesadas em sua cintura.

– Mamãe! – gritou a menina de cinco anos quase chorando.

A mãe apressou-se em chegar até lá. Devia ser

PERIGOSAS ACHERON

a babá excêntrica com quem relutantemente aceitara conversar, depois de receber os maiores elogios de duas conhecidas: *“Ela assusta pela aparência. Mas não se deixe levar por isso e você não vai se arrepender”*.

Analice não se assustou menos que a filha, apesar de já ter sido avisada pelas amigas da aparência mórbida que a babá apresentava. Mas controlou suas emoções conturbadas sobre a primeira impressão da moça, que a compelia a despachá-la de imediato. Disfarçou sua surpresa, tentando manter no semblante sua calma habitual, quando por dentro gritava que aquilo era um absurdo. Como poderia submeter sua doce filhinha àquela imagem de pesadelo dia após dia? Onde estava com a cabeça? Não era como se estivesse desesperada por uma babá. Certo, certo, as últimas três foram um desastre!

A primeira era tão mal educada, que após uma

PERIGOSAS ACHERON

semana, Ana Bia tinha *enriquecido* seu vocabulário com vários palavrões. A segunda era incapaz de se lembrar de dar os remédios de alergia à menina. E a terceira, ah, a terceira tinha problema de rotacismo. Sim, aquela troca do *l* por *r* em encontros consonantais que nunca sabemos se é devido à falta de estudo e por convívio com uma comunidade igualmente carente de correção linguística ou se é um problema de língua presa. Mesmo fazendo tudo para não ter o preconceito linguístico, Analice simplesmente não conseguia achar normal a filha falando *expricar*, *ingrês*, *Framengo* e por aí vai.

É complicado, mas tinha entendido o quanto um adulto pode influenciar uma criança ainda em tenra idade. Isso a assustava muito. Queria muito poder ficar em casa com Ana Beatriz, como havia feito nos últimos cinco anos. Largara tudo para ficar com ela. Mas agora que tinha feito trinta anos, tinha medo de que, se recusasse a oferta de PERIGOSAS ACHERON

emprego excelente que tivera, estivesse jogando fora sua última chance de retornar ao mercado de trabalho e à sua carreira. Analice era analista de sistemas, era muito boa e sabia disso. Tanto que quando pediu demissão para ficar em casa com a filha, sua empresa lhe fez uma proposta para trabalhar em casa com o mesmo salário e, um possível aumento. Ela aceitou, é claro. Mas não funcionou. Não podia prever o quanto as funções de mãe eram exigentes e ela simplesmente não conseguia cumprir os prazos. Acabou se demitindo de vez.

A decisão foi tomada em conjunto com Humberto, seu esposo, que como todo homem, ainda que moderno, tinha a fantasia de ser o provedor único do lar e ter uma esposa que só ficasse em casa, ainda que seu primeiro casamento tivesse sido assim e não tivesse dado certo. Talvez por ter se casado tão cedo... Ficou casado por dez

anos e sua primeira esposa e perfeita dona de casa o entediava. Há dois anos ela teve um câncer e faleceu. Seu filho então passou a morar com ele e a nova esposa, Analice, e a irmãzinha Ana Beatriz.

Analice tinha uma boa relação com o enteado, Lourenço, agora com dezenove anos. Longe de ser aquele adolescente revoltado e malcriado que ela esperava de tanto ver filmes de madrastas, o rapaz sempre foi educado, gentil com ela, estudioso e prestativo. Sempre ajudou a tomar conta da irmãzinha, que ele adorava. Brincava com ela, contava histórias. Não só Ana Beatriz gostava de brincar com o meio irmão, mas também *ele* se divertia. Mas agora, no segundo ano de medicina, não tinha mais tempo para nada e muito mal voltava para casa nos finais de semana. Algumas vezes preferia ficar no alojamento da universidade para estudar também nos fins de semana.

Ela realmente precisava de uma babá digna de
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

confiança, que pudesse chegar bem cedo e ficar até tarde. Que pudesse vir também nos finais de semana, vez ou outra. Ela queria demais, sabia. As amigas lhe disseram que *aquela ali* faria tudo isso. No entanto, custava-lhe acreditar. Que menina da idade dela aceitaria ficar sem alguns finais de semana, depois de ter trabalhado tanto durante a semana? Observou-lhe os olhos de um azul profundo. A pele branca e os olhos claros pareciam contrastar com os cabelos, pretíssimos. Aquela com certeza não era sua cor natural de cabelo.

Tirando as esquisitices, a menina tinha um rosto bonito e não parecia nada com o tipo de moças que costumavam se candidatar a babá. Ao contrário de países como os EUA em que adolescentes de classe média exercem essa função, no Brasil, as babás são normalmente muito pobres mesmo, trabalham quando jovens, para ajudar a família e, quando mais velhas, para sustentar uma.

PERIGOSAS ACHERON

– Oi. Eu sou a Lucinda! A babá!

– É! Quer dizer, oi! Entra, entra...

A moça entrou sem nenhum embaraço. Cabeça erguida, andar firme. Nenhum vestígio da humildade e olhar cabisbaixo que costuma acompanhar os trejeitos das amas, nem sinal da admiração que elas costumavam registrar ao verificar um apartamento luxuoso. Parecia à vontade no ambiente. Mas foi educada e esperou pelo convite para se sentar.

Analice pediu à filha que fosse brincar no quarto enquanto ela conversava com a moça. A menina obedeceu correndo. Ainda estava assustada pela aparência de Lucinda. Analice também não se sentia exatamente confortável.

– Então, é... Você foi muito bem recomendada.

– Obrigada – disse sorrindo.

– A Tânia e a Débora me disseram que você não se importa em chegar cedo ou sair tarde, nem

de trabalhar no final de semana.

– É isso mesmo. Posso ser uma babá de tempo integral se a senhora quiser, precisar...

– Não que eu não ache ótimo, lógico que eu pagaria pelas horas extras... Mas, eu fico me perguntando..., por quê? Você tem dezenove anos, não é? Não tem uma vida social, um namorado, um...?

– Não mesmo – respondeu de forma sucinta e seca para em seguida abrir um sorriso e falar mais serenamente. – No momento estou só me dedicando a este trabalho.

– Ao trabalho de babá? – indagou incrédula.

– É.

– Por quê? – A pergunta escapou mesmo ela sentindo que a moça não queria entrar em detalhes sobre sua vida pessoal. – Desculpa. Mas não posso deixar de perguntar. Minhas amigas me falaram alguma coisa sobre você querer estudar psicologia

infantil.

– Isso! Eu quero ir para a faculdade ano que vem e... cursar psicologia. Quero me especializar em psicologia infantil, por isso decidi trabalhar como babá durante esses dois anos.

– Antes de ir para a faculdade – concluiu Analice ainda incrédula. Que tipo de jovem pensaria em uma experiência prática antes de uma teórica?

– É... Por isso só fico seis meses em cada emprego. Assim em dois anos vou poder ter observado quatro crianças diferentes. Sua menina é minha última.

– É essa parte de minha filha ser uma cobaia é que eu não gosto.

Lucinda refletiu por um instante. Aquela parte sempre era difícil.

– Não vou tratar sua filha como cobaia. Ela é uma criança. Vou tratá-la como criança. Vamos

brincar, nos divertir, conversar. Vou cuidar dela como a senhora recomendar. Vou dar minha total atenção a ela.

– E ficar só seis meses... – Analice pensava em todos os contras.

– Aposto que a senhora teve babás que duraram menos. Nunca se sabe o quanto vão ficar, não é?

– É, mas e se a criança se apegar?

– A criança tem que se apegar aos pais. A babá é só uma figura amiga, como a professora da escola. A cada ano elas têm uma nova. Além disso, vou fazer o mesmo que fiz com suas amigas: antes de sair, vou ajudar a arranjar uma babá perfeita para ficar por um bom tempo.

Analice parecia convencida, mas ainda receosa. A babá era, no mínimo, um pouco arrogante. Já se achava doutora em psicologia infantil? A super *Nanny*? Como ela podia achar que seria melhor juíza de babás que a mãe da criança? Tinha muitas

PERIGOSAS ACHERON

dúvidas e medos. Mas o que mais a incomodava parecia não querer sossegar sem uma explicação, apesar de as amigas terem lhe recomendado não tocar no assunto.

– Me desculpe. Eu sei que posso até ofender você, mas... Olhe, me desculpe mesmo... Mas você sempre se veste assim?

Lucinda sabia que ela iria perguntar. Elas sempre perguntavam. Simplesmente não conseguiam não fazê-lo. Suas emoções eram um misto de mágoa e compreensão.

– Sempre – disse sorrindo e já esperando pela outra pergunta que ela sabia que viria.

– Por quê?

Lucinda respirou fundo. Não podia contar toda a verdade.

– O jeito de eu me vestir é uma maneira de me expressar. É minha identidade, meu gosto... É muito pessoal. É uma das poucas condições que

coloco para esse trabalho. Não reclamo do salário que a senhora quiser me pagar, trabalho todas as horas extras que precisar e nem faço questão de receber por elas. Só preciso que respeitem meu jeito de ser e vestir.

Analice ficou pensativa: “Aquela menina tinha realmente dezenove anos? Era tão firme e madura... Mas aquela aparência...”

– E o que você é exatamente? Gótica, emo, roqueira...?

– Roqueira, gótica, um pouco de Emo... nada específico. Sou apenas eu!

Resposta estranha. Se era para se expressar, por que não tinha o perfil definido? Algo não batia. Analice estava muito preocupada. À sua mente veio uma imagem muito tenebrosa da babá colocando sua filhinha em um altar de sacrifícios com velas vermelhas acesas ao redor. Tinha escutado histórias sobre satanismo e paganismo, bruxaria... Que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

droga! Ela não acreditava naquelas coisas! Mas, e se a babá acreditasse e fizesse? ...Bobagem! Suas três melhores amigas a adoravam e suas crianças estavam inteiras e bem!

– Sei. Tudo bem. É, desculpe. Sei que não devemos julgar as pessoas pelas aparências, mas você deve entender que para cuidar dos filhos da gente... É meio estranho, né?

Analice sabia que era loucura. Sabia que o marido teria um ataque, o enteado, todo certinho e bom moço, teria um ataque, Ana Beatriz teria um ataque! Ah, as vizinhas iam ter o que falar! Ah, logo ela que sempre se preocupou com aparências...

– Tudo bem. Vai depender da Bia. Se ela se acostumar com você, tudo bem. Vamos acertar os detalhes.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 2

BRUXA?

Ana Beatriz brincava em seu quarto, sentada no chão com várias bonecas espalhadas. Ela segurava uma em cada mão e mexia com elas para simular movimentos de uma pessoa enquanto fazia alternadamente as vozes das bonecas:

– Eu não tenho medo de bruxas! Bruxas não existem!

– Existem sim!

– Só na televisão! Sua boba!

– Existem sim. Eu vi uma!

– Só na televisão e nos livros...

– Ela está lá com a mamãe... toda de preto...
“*sustadôla*”!

– Ela é uma bruxa?

Nesse momento Ana Beatriz registrou a presença da babá que observara a conversa de suas bonecas. Abraçou as duas bonecas com força e deu um pulo para trás. Estava com medo.

– Oi – disse Lucinda sorrindo. – Não tenha medo! Não vou machucar você.

Analice tinha concordado, meio a contragosto, com que Lucinda falasse a sós com a menina.

– Meu nome é Lucinda. Você é Ana Beatriz, né?

A menina moveu apenas a cabeça afirmativamente, sem tirar os olhos da babá e ainda agarrada às bonecas.

– Eu queria ser sua amiga. A sua mãe disse que você é muito legal.

– O que você fez com a minha mãe? –

PERIGOSAS NACIONAIS

sussurrou ainda com medo.

– Nada. Nós conversamos. Ela me deixou vir aqui falar a sós com você.

– Você é uma bruxa?

Lucinda riu e entendeu melhor o conflito da menina.

– Na verdade... – começou cautelosa, enquanto se sentava no chão para ficar perto da menina – eu sou sim – disse temerosa para ver Ana Beatriz arregalar os olhos. – Mas não se preocupe, estou sem meus poderes.

– Por quê? – A curiosidade venceu o medo.

– Estou de castigo. Você já ficou de castigo?

– Já. Mas só quando faço coisa feia e a mamãe briga.

– Pois é. Eu fiz coisa feia. Eu fui uma bruxa muito má, mas aí... eu fui castigada e agora estou tentando ser uma bruxa boa. Você podia me ajudar a ser boa?

PERIGOSAS ACHERON

A menina relaxou e quase sorriu. Torceu seu narizinho.

– Acho que você podia trocar de roupa para parecer boazinha...

– Ah, não! Você não sabe? ...Bruxas más se vestem de muitas cores. Quando eu era má, eu vestia muito cor-de-rosa.

– É mesmo? – registrou com surpresa genuína e infantil.

– É sim. Você não pode saber quem é bruxa ou princesa pela roupa. As bruxas más se disfarçam... E as boas também... Eu agora visto preto, cinza e estas coisas – mostrou as correntes. – Assim, as bruxas más não vão me achar e me levar para o caminho do mal de novo.

– Puxa! Mas a Cinderela veste aquele vestido azul brilhante... A bruxa da Branca de Neve veste capa preta!

– É, mas a madrasta da Cinderela não veste

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

roupa preta! Como a gente sabe que ela é má?

– É mesmo! – concluiu a menina como se aquilo fosse uma grande revelação.

– E se a bruxa má se disfarçasse de Cinderela e fizesse a Cinderela se vestir de bruxa? Como você ia saber quem é quem?

Lucinda viu que talvez tivesse ido longe demais. A garotinha parecia confusa, muito confusa. Mas, de repente, ela se levantou de um salto com o entendimento infantil levado ao máximo.

– Entendi! É como o Shrek! Ele é feio e “sustador”, mas é bonzinho! E o príncipe Encantado no Shrek é mau!

– Isso mesmo!

– Então, como vou saber quem é bom e quem é mau? – choramingou.

– Pelas coisas que as pessoas fazem. Observando...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Hum... – assentiu pensativa. – Papai diz que a gente pode ver coisas das pessoas olhando nos olhos. Também ajuda?

– Ajuda! Se a gente souber olhar...

– Posso olhar nos seus olhos?

Lucinda consentiu e ficou de quatro, de frente para Ana Beatriz. A garota olhou bem nos olhos dela e ficou encantada pelo azul profundo.

– Você tem olhos lindos! Acho que podemos ser amigas!

– Ótimo! Mas então você tem que guardar segredo, não pode contar a ninguém que eu sou uma bruxa!

– Claro, claro. Ninguém ia acreditar mesmo!

* * *

Analice mal acreditou quando Lucinda apareceu de mãos dadas a Ana Beatriz à porta da

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sala, as duas rindo juntas como velhas amigas que acabam de se reencontrar. Ela teve que admitir que, tirando as roupas e um pouco de sua introspecção, Lucinda não tinha nada de sombrio. Seus olhos eram vívidos e esperançosos e ela exalava bondade, apesar de parecer carregar uma tristeza pessoal. Mas quem era ela para analisar tanto assim uma pessoa? Era analista de sistemas. Analisava máquinas. Não pessoas. Nunca se importara em explorar o que os olhos das outras babás diziam. Bem, talvez porque não dissessem nada. Eram meio ocas. Só se via um vazio... Credo! Pensando agora, como pôde deixar sua filha com pessoas de olhar vazio? Que loucura! Estava pensando demais!

Sim, daria uma chance a Lucinda, a babá esquisita. Só precisava preparar o terreno. Acertou-se tudo para ela começar na segunda. À noite contaria a Humberto.

PERIGOSAS ACHERON

* * *

Por mais que tivesse pensado em formas de entrar no assunto, achou melhor uma abordagem casual, como se fosse a coisa mais natural do mundo a pessoa vestir preto e usar correntes. Então, naquela noite, durante o jantar, ela simplesmente anunciou:

– Contratei uma nova babá.

– Graças a Deus! – Tanto a voz quanto o suspiro de alívio e descontração que se seguiram mostraram que Humberto tinha realmente se preocupado com o assunto. – A gente não tinha mesmo mais como pedir favor a parente ou vizinho, nem contar com a Danúzia! Nem perder dia de trabalho, nem eu nem você! Que bom! Ótimo mesmo! – concluiu com um sorriso de satisfação, passando até a comer com mais apetite.

– Pois é. Ela veio hoje aqui e acertamos.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Se você gostou, pra mim está ótimo!
- A Bia também gostou!
- Achei ela “sus-ta-dô-la”! Parece uma bruxa!
- comentou Bia com inocência, chamando a atenção do casal, deixando Analice em uma situação difícil e fazendo com que Humberto levantasse uma das sobrancelhas em sinal de preocupação. – Mas aí eu vi os olhos dela... Ela é boazinha. Está disfarçada. As bruxas más hoje em dia se vestem de rosa... – falou serenamente esquecendo por completo o segredo que Lucinda lhe pedira.

Marido e mulher se entreolharam e Analice não soube a que atribuir o comentário da menina.

- Você gosta dela, Bia? – perguntou o pai.
- Ela é... – iniciou a menina.
- Ela é diferente! – completou a mãe com medo do que a filha diria.
- Ela tem olhos bonitos – disse Bia animada – e

PERIGOSAS ACHERON

está disfarçada de bruxa.

O desespero de Analice só aumentou. Teria que contar logo, de uma vez. Despejar:

– Ela usa roupas pretas e correntes.

– O quê?

– É o que acabei de dizer. Ela é tipo... roqueira.

– Tá de brincadeira? – Humberto agora parecia furioso.

– Não! Mas ela foi muito bem indicada e...

– Essa é a tal que suas amigas falaram que é ótima? – perguntou com total descrença.

– É sim!

– Uma dessas malucas de cabelo colorido? – Ele era puro escárnio.

– Preto. – Analice apaziguou. – Alguns piercings, mas eu não vi nenhuma tatuagem! – O tom da mãe era exageradamente condescendente.

– Nossa! Que alívio! – Ele borbulhava ironia. – Ah, tá! É só uma maluca que se veste igual bruxa,

cheia de correntes e piercings e...

– Maquiagem pesada – acrescentou ciente de que agora não devia mais poupá-lo de nada.

– Mas ela é uma princesa! – defendeu Bia. – Tá disfarçada... – sussurrou com a mão em concha na lateral da boca como quem conta um segredo. – Bem, ou uma bruxa boa... uma fada! As bruxas boas são fadas, né, mãe?

– É, acho que são.

Humberto olhava para a filha e a esposa com cara de pouquíssimos amigos.

– Conversamos depois, no quarto, Analice!

Analice entendeu que ele não queria mais discutir o assunto na frente da menina.

Como sempre já era muito tarde quando conseguiram colocar Ana Bia para dormir. A menina era um doce, mas fazia de tudo para não ir para a cama. A conversa do casal que se seguiu foi tensa e demorada. Analice não soube bem como,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mas acabou convencendo o marido. Não tinha nada a seu favor a não ser a indicação das amigas e uma sensação boa que os olhos de céu da moça transmitiam. Provavelmente ele se deixou convencer por puro desespero. Eles precisavam trabalhar e concordaram desde o início em não colocá-la em creche o dia inteiro. Queriam alguém que lhe desse atenção. E assim, Humberto concordou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 3

A JOVEM LUCINDA

Lucinda vestia um short e uma camiseta larga. Estava estirada sobre a cama, que tinha uma armação de madeira antiga e um colchão tão velho que tinha depressão em alguns pontos, o que o tornava bastante desconfortável. Tinha um livro em mãos: *Princesa de gelo* de Thayane Gaspar. Tinha feito uma pausa na leitura para refletir sobre o comportamento depressivo da protagonista. Queria muito entender *aquilo*. Porque aquele tipo de comportamento suicida e intimista era o mesmo *dela*. *Aquela garota*. Aquela garota: Lisânia. Só que ela não teve um *Lacrov*^[1] para salvá-la. Lisânia morreu.

A mente de Lucinda visitou lugares de um passado próximo enquanto seus olhos vagavam perdidos pela pequenez e mediocridade do quarto que era seu lar há um ano e meio. As mesmas paredes brancas, agora mais encardidas e descascadas. Uma única lâmpada no teto sem nenhum lustre ou ornamento, apenas a lâmpada e o bocal. Um pequeno guarda-roupas de madeira aglomerada, caindo aos pedaços e uma cômoda de madeira velha que tinha um leve odor de mofo. Cada móvel tinha estilo, material e tonalidade diferentes, o que evidenciava que o quarto era apenas mobiliado, não decorado. Mas nada disso incomodava Lucinda, que já se acostumara há muito com o cubículo espartano. Nem televisão tinha.

Sentou-se na cama e pôs os pés no assoalho frio de lajotas quando escutou uma batida à porta. Buscou com os pés os chinelos e os calçou.

Consultou as horas no celular de modelo simples que mantinha embaixo da cama, na ausência de uma mesa de cabeceira, para fazer as vezes de despertador. Já passava das 22h. Quem poderia ser? Não a senhoria, já havia pagado o aluguel...

Abriu a porta com receio. Não havia nenhum olho mágico, nem janela de onde checar quem era o visitante. Era seu pai.

– Lucinda.

– Oi, pai. O que está fazendo aqui?

– É aqui que você mora, né?

– É.

– Posso entrar?

Em vez de responder, ela cedeu-lhe espaço para passar. Ele entrou e com três passos havia coberto todo o comprimento do quarto. Ficou desconfortável ali. Olhando aflito para um cenário de pobreza ao qual não estava acostumado.

– Senta aí na cama, pai. Não tem outro lugar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Sim, ele já havia reparado. Conformado, sentou-se e sentiu-se grande demais para aquele espaço sufocante. Ele parecia cansado e mais velho, com menos cabelo. Lucinda sentiu pena dele.

– Então é aqui que você vive – concluiu o óbvio como uma evidente tentativa de iniciar uma conversa.

– É.

Ela continuava de pé. Não sabia o que esperar da visita do pai, mas a julgar pela última vez em que se falaram, um ano e meio atrás, não podia esperar que ele a tratasse com carinho.

– Por quê? – A voz dele demonstrava dor e isso tocou Lucinda. Ela esperava agressão, ironia, desprezo, mas não dor.

– Você sabe, pai!

– Não, eu não sei – disse endurecendo a voz.

– Eu expliquei tudo na última vez que falamos...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Você me contou uma história fantástica sobre fantasmas! – Ali estava a agressividade de volta.

– Não, pai. Acho que você não entendeu...

– Então, não tem nenhum fantasma!

– É complicado. Olha, eu não quero ter que repetir tudo. Se você não entendeu...

– Tudo bem. Deixa pra lá. Volta comigo pra casa! – O olhar dele mostrava uma súplica verdadeira que derrubou os muros que Lucinda sustentava.

– Pai! – Ela queria muito dizer sim. Mas querer nem sempre era poder. – Não posso!

– Por quê?

– Você sabe por quê.

Ele se levantou e olhou em volta, mas vendo que não havia espaço para sua agitação, sentou-se de novo.

– Lucinda! Você está vivendo em um cortiço! Você sabia que aqui vivem meninas de profissão

PERIGOSAS ACHERON

duvidosa?

Lucinda olhou para ele em desdém. É claro que ela sabia quem morava ali. Estava ali há um ano e meio!

– Quase tive uma discussão com sua senhoria! Tive que jurar que era seu pai. Ela achou que eu era seu cliente! Disse que não permite que as meninas recebam clientes aqui! Você vive num antro de prostitutas! Me diz uma coisa: ela não sabe que você é babá..., ou sou eu que não sei que você é prostituta?

Aquele, sim, era o Seu Josué que ela conhecia. Irritado e desconfiado. Juiz de tudo e de todos.

– Pai! Como pode pensar isso de mim?

– Então posso ficar tranquilo?

– Não me conhece?

– Conheço! Mas não vejo você há um ano e meio. E a educação que lhe dei não incluía a sua transformação em um morcego e nem em uma

babá...

Ele olhou para ela e reparou, então, que ela estava sem aquela maquiagem horrorosa e sem piercings, e as roupas que usava eram claras. Só o cabelo continuava com um corte louco e preto azeviche. Mesmo assim queria abraçá-la.

Lucinda cruzou os braços e esperou. Não ia responder àquilo.

– Você não vai voltar para casa?

Ela negou com a cabeça.

– Agora não! Só no final do ano. Para o Natal!

– tentou sorrir. – Dois anos. Eu lhe disse que eram dois anos.

– Sei. E então vou ter minha filha de volta? – Agora ele suplicava de novo.

– Vai! – Ela sorriu e ao mesmo tempo em que ele se levantou, ela foi em sua direção. E se abraçaram. Mas ela sabia que a filha que ele teria de volta não seria mais a mesma.

Ambos mantiveram lágrimas suspensas. Quando se olharam havia uma promessa e um *até lá* no ar.

– Promete que vai fazer o vestibular de novo?

– Claro. Já estava nos meus planos. Ano que vem vou para a universidade.

– Ótimo. Precisa de dinheiro?

– Não, pai. Obrigada. Eu trabalho, lembra?

– Tá.

Ele lhe deu um beijo e saiu. Ela o acompanhou até o portão da vila de casas e quartos.

Se seu pai a tivesse procurado há um ano, ela teria fraquejado. O começo foi muito difícil. Mas agora, o que era tormento se tornara suportável, e o que era incômodo se tornara um prazer; a pessoa que ela era não existia mais. Só mais seis meses. Aprendera tanto em um ano e meio! O que mais aprenderia nos seis meses restantes? Ela tinha uma missão e ia cumprir. Depois? Não sabia.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 4

PRECONCEITO

As sete e meia da manhã da segunda-feira, já no escritório, Analice tentava desesperadamente ligar para casa. Tinha deixado Ana Beatriz com Lucinda e tinha deixado tudo anotado: a rotina da escola e cursos, a rotina caseira, as refeições, remédios e vitaminas, os telefones de contato no trabalho, os celulares, tudo. Lucinda estranhamente lhe passou muita segurança e ela não estava ligando porque estivesse preocupada com Ana Beatriz. Estava preocupada sim era com Danúzia, a empregada doméstica da

casa que chegaria até as oito e não sabia nada sobre Lucinda. Tentara ligar para o celular dela inutilmente durante todo o final de semana. Mas só dava caixa postal e ela não tinha outro número para contato. Sua última esperança era falar com ela em sua casa mesmo, logo que chegasse. Mas pela segunda vez foi Lucinda quem atendeu. Acabou deixando por conta da babá, que garantiu que se apresentaria e que não haveria problema algum.

Felizmente ela não estava lá para escutar o grito que Danúzia deu quando entrou na cozinha e encontrou Lucinda preparando um Nescau. A pobre se encostou no armário da cozinha para não cair e pôs a mão no peito.

– Jesus! Ó, pai! Ó, pai! O que é isso?

Lucinda não se abalou e até achou um pouco engraçado. Conteve-se para não rir.

– Calma. Eu sou Lucinda...

– Luci... Lúcifer! É o que você é! – gritou,

enquanto de acuada e apavorada se armava de sua fé intolerante, retirando uma Bíblia de capa preta da bolsa que ainda trazia a tiracolo, assustando Lucinda, que por um segundo pensou que poderia ser uma arma.

A mulher segurou a Bíblia contra o peito como um escudo e começou seu ataque verbal:

– Lúcifer!

– Não! Lu-cin-da!

– Lúcifer! Filho de Belzebu! Sai desta casa! Sai daqui, criatura imunda! Besta dos infernos!

Lucinda não contava com que a empregada fosse religiosa do tipo fanática. Talvez por isso, dona Analice estivesse tão preocupada...

– Olhe, se acalma e para de gritar, senão vai acordar a menina.

– Ai, Jesus! Meu Deus! Você fez mal à menina?

A mulher estava alterada, mas ainda com medo,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

indecisa entre atacar ou se defender. Lucinda sabia que tinha exagerado na maquiagem. Foi por medo de aliviar demais. Não podia perder a identidade para agradar ninguém. Mas o escândalo da mulher estava começando a irritá-la.

Ela se aproximou com cuidado e pôs a mão sobre a Bíblia da mulher, que arregalou os olhos de pasmo. Manteve sua mão ali.

– Viu? Posso tocar a Bíblia. Não sou a besta. Não vim dos infernos e meu nome não é Lúcifer, e sim, Lucinda. – Sua voz era calma, mas firme. Quase didática. – Se eu fosse o filho de Satã, minha mão estaria queimando agora, né?

A mulher concordou com a cabeça enquanto Lucinda se afastava.

– Eu sou a nova babá. Dona Analice me contratou.

– Jesus! E por que você está vestida de bruxa? De membro de seita satânica?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Só estou usando uma blusa preta, um jeans preto rasgado e algumas correntes e piercings.

– Isso é símbolo do demônio! – disse apontando para o cordão que a moça usava.

– Não, não é. É só uma estrela de cinco pontas...

– Não é o que a minha religião diz. Essa maquiagem, cabelo, essas roupas de cor das trevas...

– Trevas? – Agora Lucinda não conseguia segurar a ironia. – Preto é cor das trevas? Então você também é serva das trevas, porque não sei se alguém já te disse, mas você é negra, mulher!

– Isso é racismo!

– Não, não sou eu quem está dizendo que negra é cor ruim. Você é que está dizendo que preto é coisa das trevas... Você é que está de racismo comigo!

– Mas você é branca!

PERIGOSAS ACHERON

– É preconceito do mesmo jeito! Com as minhas roupas! Você está me julgando e me condenando! Você gosta quando te discriminam por ser preta? Como acha que me sinto? Não julgueis para não serdes julgados! Não é isso que diz na Bíblia?

Lucinda pôde ver que a mulher estava um bocado confusa. Em minutos ela a fizera pensar mais que em meses, supôs. Todos os paradigmas religiosos e sociais que ela possuía foram questionados e postos em xeque. Seus arquétipos hermeticamente fechados em uma caixa escrito “*não abra*” estavam sendo sufocados diante daquela lógica esmagadora.

– Mas, não é de Deus... – Ela ainda relutava repetindo frases feitas de sua moral cristã. – Não agrada ao Senhor...

– Por quê, Danúzia? É Danúzia, não é? Por que Deus iria se importar se eu me visto assim, se o

PERIGOSAS ACHERON

filho dele ajudou leprosos e até uma prostituta? Ele não discriminava... – falou a filha de um ateu, que não sabia até aquele momento que sabia tanto da Bíblia.

Danúzia não largava a Bíblia e parecia cada vez mais confusa.

– Mas se você acredita na palavra, por que não segue?

– E se eu fosse Jesus disfarçado? Ia me atirar pedras? Me crucificar? – Agora ela pôde ver que tinha exagerado. Ia deixar a mulher louquinha. Era melhor aliviar. – Tudo bem. Olha, eu sou apenas a babá. Eu sou esquisita e uso essas roupas esquisitas. Mas sou inofensiva. Não faço o mal... – Pelo menos no momento ela não fazia mal a ninguém. – Quem sabe nós podemos até ser amigas? – concluiu estendendo a mão para ela apertar.

Danúzia estendeu a mão e apertou a da outra

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com cara de nojo.

– Vou ficar de olho em você. Se vier com artimanha do demo...

– Sem artimanha. Sem demo, prometo – concluiu divertida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 5

PREOCUPAÇÕES DE MÃE

Não era a primeira vez de Lucinda como babá. Era sua terceira criança. A primeira tinha sido difícil, mas ela conseguira fazer um bom trabalho. E se tinha aprendido uma coisa naquela profissão era que cada criança era diferente. Aqueles seres minúsculos com cheirinho de talco, de pele fresca e macia, com carinha de anjos tinham cada qual uma personalidade distinta. Eram microcosmos de inocência, vontades, manhas e idiossincrasias.

Nenhuma criança era igual a outra, mesmo que fossem irmãos, filhos do mesmo pai e da mesma mãe, com a mesma educação, frequentando a mesma escola... e ainda tão pequenos... O que os fazia ser diferentes em meio a um mundo de coincidências e fatores comuns, se eram ainda tão novinhos? O que construía suas personalidades? De onde eles traziam aquilo? Nasciam assim? Como? Era genético? Era o espírito que já trazia experiências? Porque certamente não eram só fruto do meio.

Ana Beatriz era uma garotinha linda e doce que ainda acreditava em princesas e bruxas ou, preferia acreditar. Crianças gostam de ser crianças pelo maior tempo possível e, quanto mais se isolam em um mundo de fantasia, afastadas da realidade, mais tempo conseguem preservar seus mundinhos de inocência e contos de fada.

Pelo que Lucinda conversou com a mãe da

PERIGOSAS ACHERON

menina, Ana Beatriz às vezes era manhosa e teimosa. Tinha acessos de choro quando repreendida ou quando via algo que considerava triste. Era muito sensível. Lucinda sabia que tinha se arriscado um pouco ao revelar à menina sua identidade de bruxa má convertida em bruxa boa. Crianças daquela idade não guardavam segredos. Mas ela precisava acalmar a mãe, ganhando a confiança da filha. De qualquer forma, ninguém acreditava em crianças pequenas ainda mais se o assunto fosse *bruxas...*

Ana Beatriz tinha uma rotina a ser seguida. Ela estudava à tarde, Pré-escola II. Então, tinha que estar pronta para a escola, de banho tomado e almoçada às 12h30min – hora em que deveriam sair de casa. Isso significava começar todo o processo: banho, almoço, preparação do lanche a ser levado e arrumação da mochila às 10h30min. Às quartas e sextas, ela tinha balé das 9h às 10h e

PERIGOSAS ACHERON

às terças e quintas, natação no mesmo horário. Isso significava acordá-la cedo, arrumá-la e levá-la para as aulas e ficar lá durante aquela horinha junto de mães e outras babás e enfrentar os olhares estranhos que lhe lançariam com certeza e trazê-la de volta em meia hora para começar a arrumação para a escola. Tudo era relativamente perto: escola, clube, escola de balé. Então tudo o que ela tinha de fazer era andar até lá com a menina e as bolsas.

À tarde tinha folga, pois a menina estava na escola. Mas de qualquer forma, estaria presa o dia todo, nem valia a pena voltar para “casa”, pois perdia muito tempo no transporte e este, no trânsito. Muito trabalho para ficar duas horinhas em seu “*muquifo*”. Aproveitaria melhor seu tempo no quarto de empregada, que Danúzia não utilizava, estudando. Iria prestar vestibular naquele ano, precisava estudar. Antes das cinco, precisava estar à porta da escola para buscar Ana Beatriz. Então,

PERIGOSAS ACHERON

levá-la até a casa, dar banho, mudar roupa e dar o jantar. A essa hora, Danúzia já teria ido embora – a empregada limpava, lavava, passava, arrumava e cozinhava. Nada mais. Entrava pontualmente às oito horas e saía pontualissimamente às cinco da tarde. A menina era de total responsabilidade de Lucinda.

Após o jantar, brincavam, conversavam e assistiam a desenhos na tevê ou a DVDs. Por volta das oito, Analice chegava para colocar a filha na cama e contar-lhe uma história, dar-lhe um pouco de “tempo de qualidade”, fazer seu papel de mãe e, ainda assim carregar a culpa que irremediavelmente as boas mães modernas que têm uma carreira carregam – o dilema que começou no século XX e estende-se pelo século XXI: como ser mãe e trabalhar fora ao mesmo tempo? Como não prejudicar nenhum dos lados? Ela se punia e sofria. Tão doloroso quanto ficar em casa como mãe de

PERIGOSAS ACHERON

tempo integral amargando não exercer uma carreira para a qual estudou e se preparou, era também ter essa carreira de volta e se sentir culpada por isso, por deixar sua filha o dia todo com uma estranha. E bota estranha nisso!

Analice passou os dias daquela semana aos sobressaltos, extremamente preocupada e receosa. Dava muitos telefonemas por dia para Danúzia e para a própria Lucinda. Pedia para falar com a filha. A cada telefonema tranquilizava-se. A voz de Lucinda parecia a de um anjo, o que a fazia se sentir tola por se alarmar tanto. A voz da filha era sempre alegre e bem-disposta e Danúzia meio a contragosto admitia que a moça *medonha* se comportava *direitinho*. Lógico que Danúzia a deixou desesperada no primeiro dia, ao esperá-la depois de seu horário, só para se queixar:

— Dona Analice! Que moça esquisita é essa que a senhora arrumou para babá!

PERIGOSAS NACIONAIS

– Danúzia, ela foi muito bem recomendada.

– Pelo cão, né? Coisa do demônio! Toda de preto! Cara cheia de pintura preta! Cheia das correntes do inferno! Até a unha é preta!

Analice teve que respirar fundo. Já havia verificado que a filha estava bem, sorridente e que adorava a babá recém-contratada. Lucinda já lhe relatara o estranhamento das mães e de outras babás na escola, mas tudo estava resolvido. A moça era eficiente e organizada.

– Ela causou algum problema?

– Não – respondeu de má vontade. – Mas...

– Ela destratou você?

– Não, mas...

– Ela foi mal educada, grossa...? Fez alguma coisa de errado?

– Não, mas...

– Então, não estou entendendo...

– Dona Analice! Não viu o jeito que ela se

PERIGOSAS ACHERON

veste? Aquele cabelo!

– Isso é preconceito, Danúzia!

– Ah, agora a senhora vai “vim” com a mesma história da Lúcifer...

– Lúcifer! Para com isso, Danúzia! O nome dela é Lucinda.

– Aquilo não é de Deus! – afirmou catedrática apontando o dedo com o braço esticado para a direção em que ficava o quarto de empregada onde Lucinda estava naquele momento, preparando-se para ir embora.

– É minha filha. Minha responsabilidade. Você tá me deixando nervosa. Eu estou vigiando ela, tá? Estou de olho. Se ela fizer alguma coisa errada...

Danúzia teve que se calar. Depois que ela se foi, Analice foi até o quarto da filha para encontrá-la às gargalhadas com a babá. As duas inventavam vozes e frases engraçadas para cada uma das bonecas da menina. Analice sorriu e sentiu-se mal,

PERIGOSAS ACHERON

porque não conseguia arrancar tantas gargalhadas da filha com tanta facilidade e frequentemente não tinha paciência para aquele tipo de brincadeira.

Após despedir-se da babá, voltou ao quarto e tentou compensar como pôde. Fez cócegas na filha, perguntou sobre o dia, contou uma historinha. E a historinha passou a ser o momento do dia com a filha, sempre que chegava do trabalho.

O pai chegava um pouco depois e depositava um beijo na face da menina já adormecida ou quase. Para ele foi mais fácil aceitar a babá. Não falava nada. Só levantava uma sobrancelha a cada vez que a moça era mencionada. Com aquele gesto, parecia querer dizer à esposa: *“Isso é responsabilidade sua, se algo der errado, você é responsável...”*

E assim foi-se a primeira semana. Danúzia ainda olhava atravessada para Lucinda, mas parecia menos hostil. Tudo estava dando certo. Ana Beatriz

PERIGOSAS ACHERON

parecia nem sentir a falta da mãe, o que deixava Analice com ciúmes terríveis, mas feliz por ter acertado com a babá a despeito de sua aparência bizarra.

Agora só faltava Lourenço. Se ele chegasse cedo da faculdade na sexta-feira, encontrar-se-ia com a moça antes que ela pudesse explicar. Teve que telefonar para ele. Mas Lourenço era quem menos lhe causaria problemas. Era jovem, mais próximo da modernidade. Certamente não acharia nada de mais uma babá gótica... Além disso, era um rapaz tão bom, amigável... Ela realmente não devia se preocupar. Mesmo assim, ligou para ele. Mas como era comum, quando ele estava em aulas, não atendeu o celular. Acabou deixando uma mensagem de texto: *A babá é gótica. Por favor, não estranhe.* E esperou que fosse o suficiente.

Lucinda estava feliz. Seu pesadelo não a incomodou a semana toda. Ana Beatriz era um

PERIGOSAS ACHERON

docinho de menina e ela se afeiçoou a ela muito rapidamente. A menina era carinhosa e alegre. Gostava muito dos pais e do meio irmão. Falava deste último, Lourenço, como se ele fosse alguma espécie de herói. *Enço sabe fazer isso, Enço sabe fazer aquilo... Enço diz que... Meu irmão vai ser médico...* Lucinda achava muito meigo que a menina tivesse tanto orgulho do irmão.

No segundo dia, ela quis lhe mostrar o quarto dele.

– Não, querida. Não é certo entrar no quarto dele quando ele não está.

– Por quê? Eu faço isso o tempo todo. Ele deixa.

– E por que você faz isso? Mexe nas coisas dele?

– Não! Quer dizer, mexo. Só nos “bibi... bibi”... nos brinquedinhos que ele tem no móvel!

– Bibelôs?

PERIGOSAS NACIONAIS

– Ele tem carrinhos iguais aos de verdade e um globo e uma luneta e um relógio! Você tem que ver!

– Você é a irmã dele. Pode entrar. Eu não.

– Ah, por favooooooooor! – choramingou.

– Não e ponto final.

Já na sexta-feira, por volta das três da tarde é que Analice recebeu a resposta à sua mensagem: *Como assim gótica?* Ele ligara também, mas ela estava em uma reunião e não pôde atender. Quando ligasse de volta já seria tarde, ele já teria chegado a casa.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 6

O JOVEM LOURENÇO

Lucinda estava
estudando no
quartinho de

empregada quando ouviu a movimentação no apartamento. Alguém entrara e estava falando com Danúzia. A voz era grave e ela sabia que devia ser o rapaz – Lourenço, o irmão de Ana Beatriz. Ficou indecisa sobre se deveria ir até lá se apresentar ou se seria melhor não se meter onde não foi chamada. Estava curiosa para conhecer o moço, mas dominou sua curiosidade e continuou a olhar para as páginas do livro de História, embora agora não conseguisse sair do mesmo parágrafo. Sua atenção estava

PERIGOSAS ACHERON

dispersa.

Não demorou muito, no entanto, e Danúzia veio chamá-la. Lourenço queria conhecê-la. Largou o livro em cima da cama e ajeitou suas roupas. Estava toda de preto – camiseta com estampa de uma banda de rock, calças justas, muitas correntes. A maquiagem estava caprichada, bem *dark*. Respirou fundo esperando que o rapaz gostasse de rock e tivesse sido avisado sobre... ela.

Quando apareceu na sala, ele estava dedilhando sobre o tampo de vidro da mesa. Era um rapaz robusto, de estatura média, bem moreno – concluiu que a mãe dele devia ser morena, já que o Senhor Humberto era branco. O tipo lembrou Lucinda dos indianos. Tinha olhos cor de mel. Era um rapaz muito bonito.

Ele se virou quando notou sua presença. Ele não disse nada, mas ela percebeu o choque em seus olhos. Ele não era um jovem descolado como ela

PERIGOSAS ACHERON

torceu para que fosse. Vestia uma camiseta básica, jeans e tênis *All Star* pretos. Usava um relógio preto digital. Nada mais. Era um rapaz bem simples. Nenhuma tatuagem visível, nada de brinco nem orelha furada, nem piercing. Era quase um *mauricinho*. Que ótimo! Se ele tivesse pelo menos um piercing, poderia contar com alguma simpatia ou compreensão. Mas ele parecia um *Senhor Certinho*. Torceu para que as aparências a estivessem enganando. Estudante de medicina... Seria inteligente e de mente aberta?

— Boa tarde. É Lourenço, né? — resolveu tomar a iniciativa, já que ele permanecia calado e olhava para ela muito sério e com o que pareceu ser um ar de reprovação.

— É. — A voz parecia igualmente aborrecida, mais grave e grossa do que esperava dele por sua aparência e rosto suaves. — E você é a babá gótica.

— Sou.

Mais silêncio incômodo.

Lourenço estava furioso. Que figura macabra era aquela? O que Analice tinha na cabeça para contratar a babá da família Adams? E onde seu pai estava com a cabeça para concordar com uma babá mórbida de filme de terror? Não podia nem queria imaginar sua doce irmãzinha nas mãos daquela pirada horrorosa que estava ali. Ela poderia ser satanista, maluca, psicopata, desequilibrada, drogada. Na melhor das hipóteses era uma roqueira maluca, promíscua e maconheira.

Estava indignado. A única coisa que suavizava a aparência lúgubre da moça eram aqueles olhos azuis incríveis. Olhos de feiticeira! É, bem podia ser uma dessas bruxas modernas metidas em cultos ritualísticos em que fazem oferenda de crianças... Só de pensar naquilo quis pegar a esquisitinha pelo pescoço e sacudi-la.

– Quantos anos você tem?

– Dezenove.

– Faz o que da vida? – O tom era inquisidor.

Lucinda sentiu-se muito mal. Foi bem ruim com Danúzia, mas ela era uma mulher simplória. Ela não podia ficar ofendida. Tinha que entender, ser compreensiva. Mas que desculpa podia dar para aquele ali? Jovem e inteligente. Era puro preconceito. Ah, claro, ela entendia bem o preconceito... só era difícil tolerá-lo.

– Sou babá – respondeu rápida e secamente. Não ia ser simpática com quem estava sendo rude.

– Sei – falou cruzando os braços sobre o peito, revelando músculos nos quais Lucinda ainda não tinha prestado atenção. – *Por que resolveu ser babá?*

Ela suspirou. Teria que dar muitas explicações.

– Gosto de crianças e pretendo estudar psicologia infantil.

– E aí resolveu experimentar com crianças

inocentes. É algum teste para ver quantas crianças você consegue traumatizar?

– O que você tá dizendo?

– Obviamente você não tem o perfil para ser babá. Está mais para babá de filme de terror. Qual é a sua, hein? Tá aqui pra dar algum golpe? Sequestrar minha irmã?

Lucinda sentiu seu rosto queimar de humilhação. Provavelmente estaria vermelha agora. Estava sendo duramente atacada. Sua vontade era reagir, agredir de volta. Teve que usar todo o seu autocontrole para conter-se, lembrando-se de que aquele era o filho de seus empregadores. Queria gritar com ele, mas seria apenas seca. Passara já por muitas situações constrangedoras por conta de seu novo visual, mas nenhuma a deixara tão magoada antes. Inexplicavelmente aquele rapaz a estava machucando muito. Talvez por ser irmão da Ana Bia, criaturinha que ela já amava veementemente.

PERIGOSAS NACIONAIS

– Você está me ofendendo. Não fiz nada para ser tratada assim – começou tentando dominar a vontade de chorar.

– Você usa drogas? – continuou seu interrogatório *policial* sem nenhuma consideração aos sentimentos dela, nem mesmo vendo que ela parecia que ia chorar.

– Não! – gritou ofendida – Nunca usei drogas! Não uso! Não sou burra! Drogas é coisa pra gente burra! – disse aos gritos, bendizendo o fato de Danúzia já ter ido embora, caso contrário ela correria para lá para verificar seu vexame e o escândalo que estava fazendo aquela conversa exaltada.

Lourenço se assustou com a reação explosiva dela. Os minutos de choque dele deram a ela o tempo para prosseguir com sua indignada defesa:

– Tomar substâncias que comprovadamente fazem mal a uma pessoa é burrice. E é suicídio!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fazer mal a si mesmo é suicidar-se aos poucos. Suicídio é um crime tão hediondo quanto assassinato! E as consequências... Oh, Deus!

– A consequência é a morte – externou um pensamento cético de quem não entendia aonde ela queria chegar. Não podia crer que fosse religiosa.

– Quem dera fosse simples assim! Não importa! O que importa é que não sou uma drogada!

– Certo. Não sei se acredito. Mas se não conseguir fazer a Analice dispensar você, vou ficar de olho. Posso pedir testes, analisar sua urina...

– Caramba! Você nem me conhece! Está me hostilizando! Fazendo campanha contra mim, baseado em quê? Só na minha aparência?

– É. Essa aparência – falou gesticulando na direção dela – é inaceitável para alguém que toma conta de uma criança!

– Por quê?

PERIGOSAS ACHERON

– Não é apropriado! Do mesmo jeito que não é apropriado trabalhar em um escritório de bermuda e chinelo! Não é preconceito! É bom-senso.

Ele argumentava bem, ela pensou. Tinha desarmado sua reclamação sobre preconceito. Agora ela seria apenas alguém sem noção que não sabe se vestir apropriadamente para o trabalho.

– Vista uma roupa decente, tire essa pintura horrível! Aí você vai parecer gente. Aí, pode parecer alguém normal o bastante para tomar conta de uma criança!

– Não vou mudar meu estilo só porque você quer!

– Então não vai tomar conta da minha irmã!

– Eu já tomei conta da sua irmã! A semana inteira!

– Só porque não pediram minha opinião!

– Então não é você que decide!

Eles estavam discutindo. Eles estavam

PERIGOSAS NACIONAIS

discutindo pra valer! Lucinda estava totalmente alterada. Mas o mais incrível é que se sentia viva. Gritar com alguém podia ser um poderoso meio de catarse. Por sua vez, Lourenço sentia-se desafiado e aquilo era estimulante de uma maneira absurda.

– Mas vou opinar. E se depender de mim, este é seu último dia aqui.

– Boa sorte! Mas acho que sua mãe precisa muito de uma babá e não vai arrumar outra para segunda...

– Ela não é minha mãe! É minha madrasta. E isso veremos!

– Você não pensa na sua irmã?

– Eu só estou pensando na minha irmã.

– Devia considerar a opinião dela. Eu gosto dela e ela gosta de mim.

– Você manipulou ela! É uma criança. Ou você enfeitiçou ela? Me diz: você é bruxa?

– Acreditaria se dissesse que sou?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Claro que não. Mas aí saberia que é uma dessas malucas que acendem velas e incenso e matam galinhas...

– O que você acha que sou de verdade?

Lourenço demorou um pouco para responder. Respirou fundo e analisou a moça dos pés à cabeça. Surpreendeu-se ao verificar que ela tinha curvas atraentes e recriminou-se mentalmente por achar qualquer coisa atraente na menina que devia causar-lhe apenas repulsa. Parou o olhar no rosto dela e novamente flagrou-se achando-a atraente. Decadentemente atraente, mas ainda assim... Estacionou seu escrutínio nos olhos da moça, que sustentou o olhar. Encararam-se assim por alguns segundos, antes que Lourenço pudesse voltar a si, lembrar-se da pergunta que ela lhe havia feito, para poder enfim respondê-la:

– Acho que é uma “rebeldezinha” sem causa, que se veste assim para escandalizar seus pais e

PERIGOSAS ACHERON

todo mundo, porque ainda não encontrou sua própria identidade! Se diz roqueira, ou gótica só para aparecer! Ou você é do tipo gótica que vai para cemitérios à noite? É necrófila?

– Não vou responder a isso – disse enojada.

– Por que não?

– Porque essa conversa já foi longe demais. Eu não tenho que ficar ouvindo ofensa. E já está na hora de buscar a Ana Bia.

– Você? Você tem a coragem de mostrar essa cara horrível na porta da escola? Matar minha irmã de vergonha?

– Ela tem cinco anos. Não tem vergonha, ela não entende preconceitos. Ainda.

– É, a Analice deixou uma criança inocente na sua mão.

– Chega! Não aguento mais! – bufou levando as duas mãos à cabeça, num gesto de desespero. Ele a estava levando ao seu limite. – Vou ter o maior

prazer em me demitir ou aceitar a demissão se seus pais quiserem, mas agora eu vou cumprir com o meu papel! – disse exaltada.

Lourenço estava chocado. Com ela. E com ele próprio, porque nunca antes havia se comportado tão mal e tratado alguém de forma tão rude ou hostil. O que estava havendo com ele? Afinal a moça já estava trabalhando lá há uma semana e Analice confiou nela. E tudo aquilo...

Não, ele não era moderno nem de mente aberta como supôs. Sim, era preconceituoso se isso significava não gostar daquele visual. Condenava totalmente qualquer esquisitice daquele tipo. Sempre achara ridículas as garotas assim. Gostava das meninas de rosto limpo ou com maquiagem suave, roupas normais, delicadas... Ignorava totalmente as meninas metidas a aberração. Infelizmente não podia ignorar aquela ali.

Ainda em estupor, viu-a sair do apartamento

PERIGOSAS ACHERON

com uma pequena bolsa preta de pano. Com muita raiva, foi atrás dela. Seguiu-a de perto. Ela notou, é claro, mas o ignorou. Caminharam em silêncio. Os dois de cara feia, quase lado a lado, trocando olhares furiosos.

Logo que chegaram à escola, Lourenço confirmou suas suspeitas ao constatar os olhares de pais e babás na saída da escola. Alguns soltavam risadinhas e cochichavam. Pegou-se pensando como alguém se dispunha a passar por aquilo... Era tão mais fácil ser comum... Devia ser horrível suportar todos aqueles olhares, inclusive o dele.

Por quê?

Ana Bia interrompeu esse último pensamento ao vir sorridente e saltitante em meio à algazarra de meninos e meninas de sua turminha. A professora, logo que viu Lucinda, liberou-a com um sorriso azedo de quem não queria julgar, mas julgava. Lourenço não entendeu por que aquilo o irritou. A

PERIGOSAS ACHERON

última coisa que queria era ser solidário ou sentir pena da *aberração*. Mas Ana Beatriz abraçou-a tão carinhosamente que ele titubeou. E a esquisita foi muito *carinhosa* com ela também. Pegou-lhe a mochila e a lancheira e a menina pôs-se a tagarelar sobre seu dia até que o viu. Aí deu um gritinho de alegria e foi abraçá-lo.

– Maninho Enço!

Lucinda achou muito engraçado um cara daquele tamanho ser chamado de *maninho*!

O rosto dele logo se iluminou e com um belo sorriso entregou-se ao abraço da irmã. Ganhou e deu beijos e a colocou em seus ombros. Assim foi carregando-a enquanto Lucinda os acompanhava levando as bolsas. Enquanto ela falava do trabalhinho de pintura que fizera na escola estava tudo bem. Mas ele não gostou quando ela quis incluir a babá na conversa.

– Enço, você gostou da minha babá?

E agora?

Ele ficou em silêncio. Depois tentou mudar de assunto:

– Que tal um sorvete?

– Ebaaaa! – A menina comemorou muito alegre.

Como para qualquer criança, sorvete era uma palavra mágica e o salvou de ter de responder. Mas enquanto tomavam o sorvete sentados a uma mesinha de uma lanchonete no caminho de casa, nova situação incômoda se instalou:

– Lucinda é a melhor babá do mundo! – A menina soltou sem mais nem menos.

– Nossa! Jura? – Ele falou olhando para a moça, para atingi-la em cheio, sem nenhuma preocupação em esconder o sarcasmo, pois sabia a irmã não entenderia.

Lucinda, quieta desde que saíram da escola, olhou para ele sem raiva agora, apenas triste.

PERIGOSAS NACIONAIS

– Ela é “sustadôla” só na primeira vez. Mas depois que conhece ela... Ela é boazinha... Uma fada...

– Uma fada... – Ele repetiu esbanjando escárnio e fuzilando Lucinda com os olhos. Ela teve vontade de jogar seu sorvete na cara dele.

– Não sou uma fada – zangou em tom brincalhão com a menina, tentando ignorar o rapaz.

– É sim. Eu sei!

Nenhum dos dois teve ânimo para discutir com a criança. Antes de se retirarem da lanchonete, a pequena pediu para ir ao banheiro e Lucinda a levou. As duas desapareceram num corredor que levava aos sanitários e Lourenço ficou pensativo. Não queria ceder, mas realmente as duas pareciam se entender muito bem. Mas algo o fez reagir a essa complacência e manter viva a chama de sua oposição à babá funesta. Talvez orgulho, talvez sensatez. Ele não sabia.

PERIGOSAS ACHERON

Ficou desconcertado ao ouvir as risadas. Das duas! A esquisita ria às gargalhadas junto com sua irmãzinha. E era muito estranho ver a moça rir. Ela parecia... parecia... o quê? Humana! Bonita? De onde vieram essas palavras? E do que elas riam?

– Qual a graça? – perguntou logo que se aproximaram.

Ainda com dificuldade para falar devido aos risos, Lucinda explicou, já que a menina só compreendera para si própria, não para explicar:

– Eu entrei no banheiro com a Ana Bia para ajudar, sabe? Aí... – parou para tomar fôlego, pois ainda estava rindo – aí, ela disse que tinha uma câmera no banheiro. E eu fiquei desesperada! Eu também usei o banheiro, antes dela... – Novos risos – Imagina! Uma câmera filmando a gente no banheiro! Um absurdo! E eu perguntei a ela por que ela estava dizendo aquilo, onde estava a câmera, pois eu não consegui ver nenhuma...

– Alta observação! – completou a menina entre risinhos.

– É – continuou Lucinda, tão envolvida com o episódio que até se esqueceu da hostilidade do rapaz. – Ela disse que colocaram uma câmera no banheiro para ver se a gente só ia usar duas folhas de papel para secar as mãos...

Lourenço olhava para a babá com as sobrancelhas levantadas em um gesto interrogativo, como se ela fosse louca ou coisa assim.

– Ana Bia está se alfabetizando na escola, mas como é muito esperta, já lê muita coisa. Ela leu “use apenas duas folhas para secar as mãos – alta observação”; em vez de ler o que está escrito: ALTA ABSORÇÃO! – concluiu com novos risinhos.

Por mais que Lourenço quisesse ser mau com ela, acabou achando graça da situação quando finalmente entendeu e não conseguiu conter um PERIGOSAS ACHERON

sorriso.

– Ela achou que alta observação significava uma câmera escondida – concluiu a gótica ainda tendo dificuldades para cessar o riso.

Caminharam de volta para casa envolvidos em bom humor. Lourenço deixou de lado a carranca que fazia para Lucinda e se concentrou em ser brincalhão com a irmã. Já de volta ao apartamento, Lucinda continuou ignorando o olhar de supervisão do jovem Lourenço enquanto ela cuidava da menina, que falava com um e com outro enquanto eles falavam com ela, mas não um com o outro. Ela pareceu perceber.

– Vocês estão estranhos... – comentou.

– Não. É que eu não conhecia a sua babá... A gente não se conhece direito ainda... é só isso – tentou justificar.

– Não é isso... – A menina continuou pensativa.

– É isso mesmo – confirmou Lucinda.

Durante o jantar eles continuaram a olhar um nos olhos do outro, como inimigos a medir forças e em desafio. Ana Beatriz continuou cismada e olhava de um para o outro.

– Já sei! – gritou a menina de uma vez, assustando os dois jovens. – E viveram felizes para sempre!

– Hein? – indagou Lourenço.

– É assim que vai terminar a história. – Ela respondeu.

– Ah, que bonitinho! A babá te contou uma história?

– Um monte! Mas tô falando de vocês!

– Hein? – Foi a vez de Lucinda intrigar-se.

– Lucinda e Lourenço... Começa assim... olhando esquisito um pro outro, mas vai terminar com “E viveram felizes para sempre”.

– Tá maluca, maninha? – Agora ele parecia bem irritado enquanto Lucinda arregalava os olhos

e corava tanto que ficou vermelha e seus olhos azuis brilharam intensamente. – A babá tá lendo conto de fadas demais pra você! – disse com um riso forçado.

– Né, não! Lucinda é uma fada disfarçada. Ela pode ser princesa também... e você pode ser o príncipe.

Lourenço estava no limite. Lucinda, envergonhada ao extremo, levantou-se com seu prato e deixou a sala em direção à cozinha. Queria fugir e sumir dali.

Longe da presença incômoda e do escrutínio daqueles olhos azuis, Lourenço se sentiu mais à vontade para conversar com a irmã.

– Querida, ela é só a babá. E eu não sou príncipe.

– Mas você gostou dela... ficou olhando pra ela!

– Não, nada disso! Fiquei olhando porque ela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

veste roupas esquisitas... Toda avacalhada!

– Vacalhada? – disse a menina em meio a suas gargalhadas infantis, achando muita graça naquela palavra. – Vacalhada é um monte de vaca?

Lourenço não pôde deixar de rir da dedução vocabular inocente.

– Não, Bia... Avacalhada quer dizer que é ridícula – disse para em seguida meio que se arrepender, pois ela poderia ter escutado da cozinha ou a irmã podia falar para ela. Mas por que ele deveria se importar? Ele mesmo já não tinha dito coisas igualmente horríveis na cara dela?

– Ela é bruxa... – cochichou a menina.

Aquilo o alarmou. Apesar de serem palavras de uma criança que falava em princesas e finais felizes.

– É? Ela te disse?

– É. Shiu... É segredo. Ela é uma bruxa boa disfarçada de bruxa má.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Isso é você que tá dizendo, né?

– Não. Ela me contou.

– O quê?

– Que é bruxa, né?

Lourenço não sabia o que pensar daquilo. Afinal Ana Bia tinha apenas cinco anos.

– Bruxas não existem! – Ele quis argumentar.

– Tá – falou despreocupadamente. – Tudo bem. Adultos não entendem.

Lourenço ficou intrigado.

Meia hora depois, enquanto a irmã assistia a desenhos na tevê, ele foi procurar a babá novamente. Foi encontrá-la no quarto da irmã, verificando o material escolar. Ela folheava os cadernos à procura de dever de casa. Assustou-se um pouco ao vê-lo e parou o que estava fazendo.

– Você pode ir embora. Eu estou aqui. Não precisa esperar Analice chegar.

– Mas este foi o combinado.

PERIGOSAS ACHERON

– Mas sou irmão dela e estou aqui.

Ela cruzou os braços em postura de protesto.

– Ótimo. Mas eu combinei que seria responsável por ela até os pais chegarem e é isso que vou fazer.

Lourenço soltou uma meia risada forçada enquanto bufava. Tudo naquela garota o... incomodava? Tinha alguma coisa ali... E quando ela o desafiava com aqueles olhos azuis... Dava vontade de... Dava vontade de quê? Nunca garota alguma o desafiara com os olhos como ela. E ele a conhecia há apenas algumas horas.

Sim, ela parecia responsável. Sim, a despeito de sua aparência bisonha e roupas tenebrosas, maquiagem decadente, ela era boa com Ana Beatriz, ou parecia ser. E seus olhos azuis o confundiam. Mas ele estaria atento. Resolveu que não iria discutir com ela novamente antes de falar com sua madrasta. Então apenas deu meia volta e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

saiu do quarto da irmã.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 7

A BABÁ FICA

— A nalice, eu nunca pensei que fosse chegar esse dia.

— Que dia, querido?

— O dia em que eu tivesse que discordar de você. Nós sempre nos demos bem... Nunca te considerei como uma madrasta ou substituta de mãe, mas sempre como uma amiga.

— Enço, você está me assustando! O que é que foi?

Analice chegara há uma hora. Humberto, um pouco depois. Lourenço continuou por um tempo

brincando com a irmã, dando um tempo para que a babá se fosse e para a madraستا tomar um banho e jantar.

Logo, logo ela percebeu que ele estava inquieto e olhava muito para ela. Ela lhe perguntou o que era e ele lhe disse que precisavam conversar assim que Ana Beatriz dormisse. Aquele tinha sido o início da conversa. Humberto tinha se absterido da mesma. Quando o filho lhe perguntou por quê, ele simplesmente respondeu: *Você se acostuma com ela. É gente fina. Feia, mas gente fina.*

A falta de preocupação do pai deixou-o ainda mais irritado. E feia? Sua aparência e roupas sim! Mas os olhos azuis lhe diziam que havia uma garota bonita debaixo de toda aquela maquiagem.

– Essa babá! Você tem que dispensar! – Ele finalmente revelou a Analice, que soltou um suspiro.

Logo Lourenço? Se nem Humberto implicava

PERIGOSAS ACHERON

mais com ela! Danúzia fazia cara feia, mas ficava na dela. Lourenço não tinha gostado da babá! Tá. Ninguém tinha gostado. Pelo menos, não de cara. Ela se sentou e apontou o sofá para que ele se sentasse também.

– Lourenço, eu sei que ela tem essa coisa gótica. Mas é muito boa e foi bem recomendada.

– Por quem? Pelo anjo da morte?

Analice se assustou. Lourenço jamais fora sarcástico com ela.

– Lourenço! Você também? Tá parecendo a Danúzia!

– Analice, eu não estou te entendendo. Como você escolhe uma pirralha rebelde cheia de correntes para cuidar da Bia?

– Pirralha? Ela tem a sua idade! Você é pirralho?

– Para uma babá é!

– E você vai se formar um médico pirralho,

então!

– Quer parar de falar de mim? Nós estamos falando da babá!

– Tudo bem. Já entendi. Você não gostou dela.

– Não mesmo!

– Mas ela é ótima! E a Ana Bia gosta dela. Se você me arrumar uma babá melhor é só avisar. Você não se lembra de quantas tentamos?

– Por que a Danúzia não pode cuidar dela? Você pagaria uma pessoa em vez de duas!

– Já tentamos isso. Não lembra? Danúzia é ótima com a limpeza, para cuidar das roupas, mas não tem jeito com crianças... Além disso, Danúzia é semianalfabeta, não tem condição de ajudar Ana Bia nos trabalhos de casa. Não deu conta de levar a Ana Bia para balé, natação, escola e ainda cozinhar, lavar, passar e cuidar da casa. E ela tem que sair às cinco da tarde, porque seu filho trabalha à noite e ela precisa chegar logo em casa, porque

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não pode deixar sua mãe que é idosa e doente sozinha. Pensei que você soubesse disso. Lucinda não se importa em sair daqui às sete, oito ou nove da noite...

– Eu podia faltar a algumas aulas na faculdade até você achar alguém...

– Não vou achar, Lourenço... Tá difícil. Ela faz tudo direitinho... É só a aparência.

– E essa história de ela ser bruxa?

– Ah! Não acredito! – disse rindo. – Por favor, Enço! A Bia tem cinco anos! Ela também tem amigos imaginários, acredita em princesas e príncipes e quando eu a pus para dormir ela estava me falando sobre você e a babá felizes para sempre... De onde ela tirou essa ideia?

– Sei lá! Absurdo!

– É absurdo! Assim como a história da babá ser bruxa.

– É diferente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Por quê? Ela diz que ela é bruxa, depois fada e agora é princesa. E você é o príncipe encantado! – Analice concluiu engolindo o riso.

Lourenço estava furioso. A insinuação de algo entre ele e aquela bruxa era inaceitável.

– Que droga! Eu estava falando sério com você e agora você resolve me zoar!

– Vai ver você está atraído por ela... sei lá, pode ter uma queda por... achar sexy meninas góticas...

– Para, tá? Você venceu. Fica com a Vandinha^[2]! Mas eu vou ficar de olho! Se ela fizer qualquer coisa suspeita...

– Querido, – começou agora totalmente séria – se ela fizer qualquer coisa, eu vou ser a primeira a reconhecer o erro de demiti-la sumariamente.

– Importa-se se eu investigar?

– Investigar?

– É, investigar. O que você sabe sobre essa maluca?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Foi recomendada e eu tenho o currículo.
- Pode me dar?
- O quê?
- O currículo.
- Pra quê?
- Eu disse que vou investigar.
- Garoto, eu estou te estranhando...

Analice realmente não podia entender o comportamento do enteado. Ele nunca fora tão desconfiado nem hostil. Ficou seriamente preocupada. Será que ele tinha razão? Será que era alguma espécie de pressentimento?

– Tá, tudo bem. Investigue. Faça o que você achar melhor. Mas me fale se achar qualquer coisa, tá?

– Tá.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 8

QUEM ERA A BABÁ

Lourenço começou a investigar imediatamente.

Começou por procurá-la no Google, nas redes sociais. Foi uma total decepção. Ela não tinha perfil em nenhuma rede social. Isso por si só era estranho. Que garota de dezenove anos no planeta Terra não teria pelo menos um perfil nas redes sociais?

Teria que ser radical. Sentiu-se estranhamente obcecado. Era uma ideia fixa. Ele tinha que

descobrir alguma coisa que fizesse Analice despedi-la. Por isso, naquela radiante manhã de sábado, ele olhou para o azulão do céu e pensou em todas as possibilidades que um rapaz de dezenove anos normal pensaria: praia, piscina do condomínio, jogar futebol com os amigos, sair com a namorada. Mas já não era um garoto normal desde que resolvera estudar medicina. Tirando as férias de verão, raramente ia à praia, ou à piscina. Seus amigos do colegial já o consideravam um chato, um *nerd* pior a cada dia, que só pensava em estudar. Até para os colegas de Medicina, ele era dedicado demais: o estraga-prazeres que estava sempre lembrando a todos que tinham uma prova ou seminário na próxima semana e que precisavam estudar, que *ele* precisava estudar. Por fim, a namorada do colegial o dispensara após o primeiro trimestre da faculdade, reclamando que ele só tinha tempo para os estudos e nunca para ela. E ele nem

PERIGOSAS ACHERON

sequer tentara argumentar, pois ela estava certa. Ele não tinha mesmo tempo para namorar e nem queria. Passou a ficar com uma garota ou outra sem compromisso, normalmente após as provas do bimestre.

Então ao que ele renunciaria naquela manhã para bancar o detetive e se dedicar ao mistério da babá gótica? Aos estudos. Sentia-se culpado, como sempre se sentia quando decidia usar seu final de semana com outra coisa que não fosse estudar. Mas estranhamente animado, como se aquilo fosse um propósito nobre ou algo assim. Era algo que valeria a pena. Por quê? Porque se tratava da segurança de sua irmãzinha, claro. Claro. Claro. Era só isso.

Foi até o endereço do currículo. Era um prédio no Recreio dos Bandeirantes, não tão distante de onde eles moravam, na Barra. Olhou para o condomínio do lado de fora – tão luxuoso quanto aquele em que ele morava. Por que aquela menina

trabalhava de babá? Não fazia nenhum sentido... Nem a história de Psicologia... Primeiro a pessoa se forma em uma universidade, depois se procura a experiência prática... era o normal... E babá?

Ele pediu ao porteiro para interfonar, dizendo que era relativo ao trabalho dela. Mas o que o porteiro disse foi bem curioso:

– Dona Lucinda não mora mais aqui não. Faz pra mais de um ano. Só o pai dela mora aqui.

– Ah, então ela não mora mais com o pai. Está morando com a mãe?

– Ixi! A mãe dela é falecida!

Como a minha. Foi impossível para Lourenço não sentir a identificação com a situação da garota e, por mais que não quisesse ser simpático com ela em nada, sentiu um nó no peito. Ele sabia bem o que era perder a mãe. Talvez por isso ela tivesse ficado maluquinha e virado gótica? Nem todo mundo aguentava do jeito que ele aguentou. Não

PERIGOSAS ACHERON

que ele fosse tão forte, mas se sentia afortunado porque o pai tinha sido ótimo nos piores momentos e Analice fora um anjo também. Mas imediatamente rejeitou sua simpatia ou piedade pela moça. Precisava manter-se firme em seu propósito de tirá-la da vida da irmã e ficar com peninha não ia ajudar.

– Ela foi morar sozinha. Deu um desgosto danado pro seu Josué... – continuou o porteiro parando de repente, pensando se não estava falando demais, se não ia prejudicar a moça no tal emprego. – Mas tô falando demais... Dona Lucinda é moça de bem.

Lourenço tinha ouvido tudo atentamente e ficado feliz pela indiscrição do porteiro, tinha que fazê-lo falar mais.

– Puxa. É mesmo? A gente bem que queria ajudar a Lucinda lá no trabalho, com os problemas dela, sabe... – mentiu descaradamente. – Mas ela é PERIGOSAS ACHERON

tão fechada... Se eu pudesse saber mais... Por que será que ela saiu de casa? O senhor sabe?

O porteiro coçou a cabeça e olhou para os lados. Parecia querer contar, mas queria certificar-se de que ninguém os escutava. Com um gesto chamou Lourenço para o lado do balcão da portaria, de onde, de fora do prédio, ninguém os veria.

— A moça Lucinda era uma menina linda! Ô! Os rapazes do prédio ficavam atrás dela o tempo todo. Bonita, bem vestida, com um cabelo lindo! Uma formosura! Era meio metida, sabe? Não dizia nem bom dia nem boa noite pra ninguém! Andava com um bando de meninas iguais a ela: bonitas, bem arrumadas e todas metidas. Aí, do dia pra noite, ela mudou. Cortou aquele cabelo lindo, começou a usar umas roupas esquisitas! Ficou toda de preto! — falou em tom de lamento movendo a cabeça para um lado e para o outro. — Mas você é

amigo dela, né? – disse preocupado em estar falando mal da garota para alguém que a considere.

– Tudo bem. Pode ser sincero. Também acho horrível o jeito que ela se veste.

Aliviado pelo que o outro disse, o porteiro se sentiu animado a continuar falando:

– Ela trabalha vestida desse jeito, é?

– Fazer o quê! – respondeu Lourenço sem conseguir evitar a ironia.

– Pois é, foi de repente que ela se transformou.

– Foi a morte da mãe?

– Não, a morte da mãe foi bem antes. Eu nem trabalhava aqui. Eu ouvi dizer que por causa da morte da mãe que ela ficou metida e... daquele jeito que era.

– Então foi assim? Sem motivo?

– Motivo deve ter tido. Eu é que não sei. Só sei o que eu observo e o que eu ouço aqui na portaria. A menina mudou. E não foi só nas roupas.

PERIGOSAS NACIONAIS

Começou a ficar mais mansa, de olhar baixo, mais humilde, triste, mas mais atenciosa e passou a me dar bom dia.

– Não entendi. Então ela ficou melhor ou pior?

– Na figura, pior. No trato, melhor. Mas logo depois se mudou. Eu sei porque o pai desceu atrás dela aos gritos. Foi uma discussão danada. Ela só estava levando uma malinha e uma mochila.

– Nossa! Mas o que ela dizia pro pai?

– Que tinha que fazer... que precisava fazer alguma coisa, não sei... Mas é urgente que você precisava falar com ela?

– É, mais ou menos. É um recado da minha mãe. Ela trabalha para ela. Eu poderia subir e falar com o pai dela? – atreveu-se Lourenço.

– Poder, podia. Mas Seu Josué tá viajando a trabalho. Só volta na semana que vem.

– Ah, tudo bem.

– Ela não tem celular? – perguntou o porteiro.

PERIGOSAS ACHERON

– Não está atendendo – mentiu rapidamente.

Lourenço se despediu agradecendo pela atenção e saiu de lá desdobrando o currículo, de uma página, da moça, que estava enfiado no bolso da calça jeans. Viu um número de celular. Ligou movido por um impulso inexplicável. Quando ouviu a voz dela do outro lado do aparelho, sobressaltou-se e desligou imediatamente. O que estava fazendo? Que diabos estava fazendo? Não só ligando para ela, mas ali, atrás de um endereço, investigando? Tinha que estudar! Ou então descansar! E estava brincando de detetive!

Respirou fundo e tentou organizar seus pensamentos até chegar ao local onde tinha estacionado o carro. Foi para casa decidido a esquecer tudo e deixar para lá. Porém, as palavras do porteiro o deixaram intrigado. E ela tinha mentido sobre o endereço no currículo! Aquilo era grave. Ou não era? Precisava contar a Analice.

Quem esconde onde mora, esconde alguma coisa...

Ele passou um fim de semana bem angustiante. As horas em seu quarto com a cara nos livros estavam sendo bem pouco produtivas. Pouco se concentrava, preocupado com sua irmãzinha nas mãos da garota bizarra. Pelo menos era o que dizia a si mesmo. Ou talvez estivesse intrigado com a história que o porteiro lhe contou. De qualquer forma, o que o distraía era ela – a esquisitinha a que ele se recusava a chamar pelo nome, mesmo em pensamento. Ela era um mistério. O problema era que ele queria desvendá-la.

Acabara resolvendo não falar com Analice ainda sobre o endereço. Primeiro descobriria onde a maluca estava morando. Precisava segui-la. E mal podia esperar até segunda para isso. Não passaria a semana no alojamento da faculdade. Teria que voltar para casa ao menos na segunda. Ou até que descobrisse tudo. Enquanto isso, ele tinha que se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

concentrar naqueles malditos capítulos de
histologia!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 9

BANCANDO O DETETIVE

Ele a seguiu.
Esperou que
saísse do

trabalho. Não passou por lá. Ela precisava achar que ele estava na faculdade a semana toda.

Ele a viu sair do prédio e ir até o ponto de ônibus duas quadras adiante. Dirigiu devagar, temendo que ela o visse. Nunca tinha feito nada assim antes e pegou-se perguntando se estaria ficando louco. Onde esperaria se o ônibus dela demorasse? Por sorte ele logo veio. E agora? Será

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que conseguiria dirigir o tempo todo atrás do ônibus? Consequiria ver quando ela saltasse? Que roubada! Precisava tentar!

O trânsito estava péssimo. Como sempre. Não tinha visto o destino do ônibus. Não tinha a menor ideia de para onde estava indo. Depois de meia hora de um trajeto lento por causa do trânsito, começou a desesperar-se. Aquilo só podia ser uma obsessão para a qual não atinava com a razão. O trajeto ainda durou mais quarenta minutos até que a viu saltar. E agora? Estava em um daqueles bairros nas imediações do centro do Rio de Janeiro, talvez Catumbi... Ela andava e tomou a rua da esquerda subindo. Se continuasse a segui-la de carro, a velocidade a que precisaria ir logo chamaria a atenção dela e ela o veria. Resolveu estacionar no início da rua e esperar no carro até que ela estivesse a uma distância segura para segui-la.

A rua era mal iluminada e as casas antigas e

PERIGOSAS ACHERON

mal preservadas davam um aspecto decadente ao lugar e ele de repente acordou para o perigo que poderia representar aquele bairro. Temeu por seu carro ainda novinho, presente de seu pai quando passou para a faculdade de Medicina. Somente uma insanidade temporária poderia explicar seus atos naquele momento.

Lourenço observou alguns moradores sentados em calçadas conversando. Mas o jeito deles causou-lhe medo. Parecia que estava entrando em um mundo diferente. A pobreza era evidente. Olhou para o relógio e viu que eram dez e meia da noite. Depois, viu adiante de onde a esquisitinha caminhava um grupo de rapazes em roda, de pé na calçada, gargalhando e falando alto, enquanto algum aparelho de celular tocava um funk. Alguns fumavam e Lourenço teve a impressão de que não era exatamente cigarro.

Meu Deus, o que eu estou fazendo aqui? E

como ela pode viver aqui? Parecia incompreensível, principalmente depois de ver onde ela morava antes. A briga com o pai devia ter sido muito feia mesmo! Só muito orgulho para alguém que vivia onde ela vivia ir viver ali! Ele queria voltar, mas precisava ver em que casa ela ia entrar.

Súbito, gelou quando a viu passar pelo grupo. De onde estava não conseguiu ouvir direito, mas percebeu que mexiam com ela. Ele a ouviu dizer algo como “me deixe em paz” e alguma coisa que o fez suspeitar que aquela não era a primeira vez que ela passava por aquele tipo de situação. Será que ela sofria aquilo todos os dias? Sem pensar ou refletir seus passos se apressaram. Corria para resgatá-la sem nenhuma preocupação mais com permanecer incógnito ou bom-senso, já que ele era um e eles, pelo menos cinco.

Chegando mais perto pôde ver que um deles a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

havia prendido pelo pulso. Eles soltavam risos sardônicos e insultos. Alguns ele pôde ouvir:

- Bruxinha esquisita!
- Vampira!
- Vadia escrota!
- Maluca!

Parecia que todos queriam fazer uma gracinha em relação à aparência dela. Lourenço estava quase lá! O coração aos pulos. Nenhuma reflexão, apenas ódio pelo que estavam fazendo com ela. O que era bem estranho considerando a maneira como ele próprio a tratou. E sentiu-se mal ao se enxergar naquele comportamento bárbaro. Antes de alcançar o local exato, mas já bem próximo, estacou ao vê-la torcer o braço do rapaz que a detinha, para em seguida com as mãos erguidas soltar imprecações, amaldiçoando-os com palavras como se fosse realmente uma bruxa fazendo seu vodu. E em... latim? Aquilo era latim?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fosse como fosse, Lourenço ficou lá parado a poucos passos deles em completo espanto, tanto devido ao golpe preciso que ela havia dado no rapaz para libertar-se quanto pelas palavras incompreensíveis. Em meio a um eloquente discurso em língua morta que fez com que os rapazes se dispersassem com caras de medo evidente, Lourenço apenas entendeu algumas palavras: as que se pareciam com português e que provavelmente foram as mesmas entendidas pelos jovens do grupo e as mesmas que fizeram com que cada um deles procurasse o caminho de casa – *infidelium, imundus, mortuum, diabolus, calamitas, sepulcrum, tumulus, lacrima, infernum*. Não precisava ser nenhum gênio para deduzir que o que ela dizia não era nada bom. O último a se afastar deixou no ar seu grito após fazer o sinal da cruz: *Ih, eu hein! Sai pra lá, bruxa!*

Então Lourenço adiantou-se e passou pelo

PERIGOSAS ACHERON

grupo alcançando-a. Ela estava tão transtornada, caminhando afogueada, quase correndo, que demorou ainda alguns segundos para notá-lo. Quando o fez, olhou para ele em perfeito pasmo. Deu outra olhada para trás, para se certificar de que o grupo realmente havia se dispersado. Segurou firme Lourenço pelo braço e puxou-o. Parecia decidida a ganhar uma distância segura daqueles rapazes antes de falar com o futuro médico. Parou apenas quando chegaram ao portão do cortiço onde morava e então o encarou.

— Pronto. Estou em casa. Era isso que você queria ver? Onde eu moro? Foi por isso que me seguiu?

Ele olhou para a construção e achou o lugar um lixo. Sentiu pena dela. Pela segunda vez. Tomado de repente de sentimentos ternos, teve que armar-se novamente da postura cínica que adotara com ela, antes que ele... o quê? A mulher era uma bruxa! Ou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pensava que era! Aquelas palavras em latim? O que foi aquilo? Invocando o demônio? Ridículo! Ele não acreditava em demônio! Nem em bruxas! Mas parecia que ela sim!

– Não vai dizer nada? – inquiriu ela ao notar o atordoamento dele.

– Posso entrar?

Não era isso que ela esperava ouvir, mas entendeu que ele estava tenso, talvez por causa da cena que presenciara e era melhor que conversassem em paz. Ela abriu o portão e sussurrou um pedido para que ele não fizesse barulho, algo sobre a senhoria não entender. Lourenço sentiu as batidas de seu coração acelerarem-se ou pela proximidade com que ela sussurrou as palavras em seu ouvido, ou por causa da entrada clandestina no quarto da moça, algo que tinha um sabor de aventura que ele não provava há muito tempo.

PERIGOSAS ACHERON

Logo que entraram no cubículo onde ela morava, Lourenço tomou consciência da miséria em que ela vivia e sentiu o peito confrangido. Pena dela de novo? E o espaço pequeno parecia não ser o suficiente para os dois. Ambos pareciam nervosos. Podiam pôr a culpa no incidente com o grupo de jovens hostis na rua, mas a tensão no ar era mais do que isso. Era primordialmente hormonal. Nada poderia apagar o fato de que ali naquele espaço mínimo, fechado, estavam dois jovens de dezenove anos – um homem e uma mulher. Depois, comportamental. O relacionamento dos dois desde o começo havia sido estabelecido entre farpas.

Após alguns segundos de silêncio embaraçoso e olhares diretos e desconcertantes, Lourenço resolveu quebrar o silêncio e o feitiço que os olhos dela pareciam, por vezes, exercer sobre ele:

– Você mentiu sobre o endereço no currículo. –
A voz saiu amena, quase carinhosa. Nada do jeito
PERIGOSAS ACHERON

que ele queria. Ele queria ter sido rude e mordaz como quando a conheceu. O que havia de errado com ele?

– Eu não menti. É o endereço da minha casa. Só que não estou morando lá. Temporariamente. Mas vou voltar – disse calmamente.

– Por quê?

Lucinda tinha ficado muito calma até aquele momento, mas aquele playboy estava começando a irritá-la! Que abuso! Ele a estava seguindo! Mas quem ele pensava que era?

– Não é da sua conta! Quem te deu o direito de me seguir? Eu achei que você era um ocupado estudante de medicina! Dona Analice disse que nem vinha para casa aos finais de semana às vezes. Só para estudar! Então o que está fazendo aqui numa segunda-feira à noite? Não tinha que estar com a cara nos livros?

Ai! Aquela tinha doído. Porque ela estava

PERIGOSAS ACHERON

certíssima. O que diabos ele estava fazendo ali?

– Não posso estudar tranquilo sabendo que minha irmã está nas mãos de uma maluca que mentiu no currículo sobre seu endereço! Quem mente esconde alguma coisa! Então, se você quer que eu te deixe em paz, vai ter que me dar algumas respostas, ou vou ter que continuar te seguindo para descobrir seus segredos sórdidos! – despejou satisfeito por ter respondido à pergunta dela e a suas próprias dúvidas tão satisfatoriamente.

– Segredos sórdidos? – soltou em meio a uma gargalhada forçada. – Isso é ridículo!

– Então responde. Responde tudinho que eu te perguntar e eu te deixo em paz!

– Sério?

– Vai depender das respostas. Se você for honesta, pode ser...

– Muito bem. Manda ver. Vou responder. Por alto. Não sou obrigada a dar detalhes pessoais, que
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

julgo que não são da sua conta.

– Por que saiu da casa de seu pai e está morando aqui?

– Nós brigamos.

– Só isso? – perguntou frustrado pela resposta tão vaga, sem nenhum detalhe.

– É pessoal. Entre mim e meu pai e não vou te contar. Eu nem te conheço, garoto!

Lourenço não gostou da resposta, mas isso não o impediria de continuar perguntando.

– Se brigaram, como disse que vai voltar para casa logo?

– Ele veio aqui e a gente meio que se entendeu. Eu falei com ele que vou voltar.

– Ótimo. Então pega as suas coisas que eu te levo lá. Este lugar é horrível.

– Não agora. Eu vou voltar no final do ano. Nós não estamos totalmente bem, eu meio que tô pensando no assunto...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– O que tem pra pensar? Um cara te agarrou hoje nesta rua! Este lugar é perigoso!

Lucinda sorriu involuntariamente, pois notou que ele... se importava com ela?

– Está preocupado comigo? Que fofo! Pensei que não gostasse de mim! Que quisesse me ver longe de sua irmã...

– Não mudei de ideia. Continuo achando que minha irmã merece coisa melhor... Mas você é um ser humano, ou não é? Bruxa? O que foi aquilo lá fora? Uma mandinga? Você fala latim?

– Você é muito bobo! Tá com medo de mim? Acha que eu posso colocar um feitiço em você? – disse com malícia se divertindo com a possibilidade de assustá-lo, avançando na direção dele, fazendo-o recuar até estar de costas para a parede. – *Ab amicis honesta petamis*^[3]! – falou cerimoniosamente girando o indicador perto do rosto dele.

– Para com isso! – falou com um tom quase PERIGOSAS ACHERON

infantil de desespero.

– *Amor vincit omnia!* ^[4]– Ela prosseguiu se divertindo muito.

– Sêrio. Para! Agora! – exaltou-se e acabou segurando o dedo dela com uma das mãos e tapando-lhe a boca com a outra. Mas algo semelhante a uma leve descarga elétrica que sentiu ao tocá-la o fez soltá-la em seguida.

Ela riu e ele viu que estava debochando dele.

– O que você disse? Me amaldiçoou?

– Coisas aleatórias – disse francamente, resolvendo não ir adiante com sua atitude de troça.

– Eu não falo latim. Aprendi algumas frases e palavras para assustar caras como aqueles lá fora. Todo mundo sabe que rituais em filmes de terror são feitos em latim e assusta bastante, né? Devia ter visto a sua cara! Eu só sobrevivo nessa vizinhança porque já criei fama de bruxa... Mas sempre aparece um grupo novo para tentar me provocar...

PERIGOSAS NACIONAIS

– E o golpe de luta?

– Fiz umas aulas de jiu-jitsu quando era criança. Meu pai achava bonitinho. Depois que me mudei pra cá, comecei a ver alguma utilidade nisso...

– É por isso que se veste desse jeito também? – perguntou em tom de compreensão como que achando uma explicação lógica para o maior mistério da babá. – Para assustar a vizinhança incômoda? – Mas assim que falou lembrou-se do que o porteiro do prédio dela disse sobre a transformação dela ter se dado naquela época e ter sido o motivo para a briga com o pai.

– Não.

– Então por quê? – insistiu, mesmo intuindo que ela não lhe responderia com a verdade.

– Eu sou assim agora. É minha identidade...

– Secreta? – gracejou com um sorriso.

– Por que é tão difícil aceitar que uma pessoa

PERIGOSAS ACHERON

queira se expressar dessa maneira?

Ele pensou por alguns minutos. Já havia conhecido caras e garotas roqueiros, góticos antes. Mas simplesmente ela não passava autenticidade. Parecia algo forçado, uma identidade secreta, como ele disse jocosamente. Era como se ela estivesse disfarçada... Se morassem nos Estados Unidos, ele pensaria que se tratava de alguém do programa de proteção a testemunhas. Mas não existia esse tipo de coisa no Brasil. Mas algo pareceu clarear em sua mente e lhe deu uma grande satisfação: porque ele agora tinha quase certeza de que o que o incomodava nela – o fato de ser gótica – na verdade não era real. Ela não era assim, ele podia sentir. A irmã não lhe dissera algo sobre ela ser uma bruxa disfarçada? E se ela realmente tivesse dado à menina alguma pista da verdade? Meias verdades, disfarçadas como ela?

Sim, aquilo era forçado. Talvez ela tivesse

PERIGOSAS ACHERON

assumido aquilo para irritar o pai, chamar a atenção... Mas não era o mesmo motivo que levava todos os tribalistas a adotarem uma tribo? Chamar a atenção dos pais? Da sociedade? Querer pertencer a um grupo? Isso! Grupo! Contudo, ela andava sozinha até onde ele pôde verificar. Então qual o objetivo de pertencer a uma tribo, se você não anda com ela?

– Você tem um grupo?

– Ah?

– Um grupo? Amigos como você? Você sai com uma galera gótica? Vocês vão a shows do Iron Maiden, Sepultura? Sei lá. Coisas que os góticos fazem... Vão a cemitérios...?

– Lá vem você com essa história de cemitério de novo!

– Então me diz. O que você faz nas suas horas de folga?

Ela queria muito dizer que não era da conta
PERIGOSAS ACHERON

dele. Mas o rapaz era insistente e parecia decidido a não ir embora até conseguir satisfazer suas curiosidades sobre ela.

– Embora não seja da sua conta, eu passo todo o meu tempo livre estudando.

– Estudando? – perguntou incrédulo enquanto seu olhar percorria o quarto à procura de livros, o que realmente encontrou. Vários deles, de várias disciplinas e outros de ficção, todos entulhados em pilhas no chão, num canto do quarto, logicamente por causa da falta de estante ou móveis no sentido geral.

– É. Eu disse que vou fazer vestibular no final do ano. Pretendo cursar Psicologia.

– ã-hã. Mas e o lazer? Você não tem nem televisão aqui! – disse reparando mais uma vez na carência total daquele cômodo.

– Não ligo para televisão. E eu assisto a alguns desenhos com a Ana Beatriz... Mas prefiro ler.

Se não fosse aquela aparência singular, ela seria boa demais para ser verdadeira, pensou Lourenço com um suspiro.

– Então nunca sai com seus amigos? – insistiu.

– Eu... não tenho amigos – concluiu ela meio hesitante.

Sem amigos? Ah, lá estava ele sentindo pena dela de novo. Bingo! Era falsa! Aquela identidade gótica era falsa! Só podia ser! Quem se veste para entrar em uma tribo e não tem tribo? Para que se expressar e se identificar como parte de algo se não se é parte de nada? Lourenço sentiu uma felicidade inexplicável tomar conta dele. Porque ele havia começado a decifrar a garota. Sim, havia um mistério ali. E ele iria descobrir qual era. Mas ele tinha certeza agora de que ela não era gótica coisa nenhuma! Aquilo era um disfarce. Pra quê? Por quê? Ele não sossegaría enquanto não descobrisse...

– Então, deixa eu ver se eu entendi: você virou

gótica, mas do tipo solitária, não tem nenhuma galera de preto com quem andar... fazendo... coisas de... góticos. Brigou com seu pai e saiu de casa para morar em um bairro pobre e perigosíssimo, em um pardieiro. Aí resolveu trabalhar como babá por dois anos para depois fazer vestibular e estudar Psicologia. É, realmente isso faz muito sentido! – concluiu irônico. Aquilo não fazia o menor sentido.

– Minha vida é problema meu!

– Quando afeta a vida da minha irmã passa a ser meu!

– Mas que droga! Não acha que está exagerando nesse papel de irmão mais velho e protetor? Isso não te dá o direito de me seguir, de estar na minha casa a essa hora da noite! Seu pai e Analice sabem que está aqui?

Claro que não. Ele sabia que estava errado. Ele sabia que aquilo era um absurdo. No entanto, não conseguiu dominar os impulsos que o levaram

PERIGOSAS NACIONAIS

àquelas ações, o que justificava como intuição, embora nunca antes tivesse levado aquele tipo de coisa a sério. Podia ser um pressentimento ruim em relação à babá e ele tinha a obrigação de seguir seus instintos pelo bem de Ana Beatriz.

Ele não respondeu e Lucinda pôde interpretar seu silêncio como um *não*. Em vez disso ele a encarava. Os olhos de ambos contemplavam-se em silêncio. Estavam muito próximos, com seus rostos a um palmo um do outro. Lucinda sentiu-se meio tonta e reconheceu que se sentia atraída pelo futuro médico. E aquilo era péssimo. Era um desastre. Não podia se sentir atraída por aquele mauricinho mandão e intrometido. Sentiu-se desconcertada por flagrar-se olhando para os lábios dele. Eram lábios grossos e... Chega! Mentalmente impôs-se disciplina e afastou-se dele cruzando os braços, numa postura que indicava que estava impaciente, esperando que ele fosse embora.

PERIGOSAS ACHERON

Lourenço quase bufou de alívio quando ela deu os passos para trás para se afastar. Pensamentos sobre feitiçaria o atormentavam de novo, pois eram uma explicação bem mais plausível para a maneira como ele se perdia dentro daqueles olhos azuis do que a outra explicação mais lógica, contudo inaceitável, que ele queria trancar no fundo de sua alma.

— Por favor, vai embora. — Ela pediu séria e aborrecida, fazendo Lourenço pensar se ela tinha compartilhado o mesmo desconforto que ele quando ficaram se olhando.

— Tudo bem. Boa noite.

Ele saiu e bateu a porta. Lucinda jogou-se de costas na cama e soltou um longo suspiro de alívio. Parecia que aquela última criança, a última missão seria a mais árdua. Uma provação a mais pela qual ela teria que passar. Era sempre tão simples: a mãe, o pai (quando o casal não era divorciado), às vezes

PERIGOSAS NACIONAIS

uma avó, ou tia. Nunca um irmão adulto bonito e desconfiado. Será que ele continuaria a segui-la? Investigaria sobre sua vida? E se ele descobrisse? O que ela faria se ele descobrisse toda a verdade? E ele acreditaria na verdade?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 10

A MENINA LISÂNIA

Lourenço travou
uma luta interna
consigo mesmo

para se obrigar a ir para a faculdade e só voltar para casa no final de semana. Sua vontade era estar lá todos os dias para olhar nos olhos da babá, vigiar seu comportamento com a irmã e ter certeza de que ela não lhe faria mal. Também queria ter tempo para investigar mais sobre ela. As respostas que ela lhe deu não explicaram coisa alguma. O mistério

PERIGOSAS ACHERON

permanecia e ainda não fazia nenhum sentido para ele aquela história sobre a moça. Decidiu que o próximo passo da investigação seria a escola onde ela estudou. Assim, ao longo da semana, dividiu seu tempo no alojamento da universidade entre os livros e seu laptop com sua pesquisa na Internet.

No currículo havia o nome da escola onde ela se formou no ensino médio. Ele leu tudo no site da escola, pesquisou fotos, e tudo mais na rede que estava ligado ao nome da instituição. O fato mais relevante e surpreendente no ano em que a babá se formou foi a morte de uma estudante de sua classe. Em uma matéria online de um jornal dizia que *“Lisânia Afonso Paiva, dezessete anos, cursando o terceiro ano do ensino médio na citada escola, cometeu suicídio após uma briga com o namorado.”* A notícia mencionava o fato de que a menina sofria de depressão e tomava remédios controlados. Também comentava que houve um

PERIGOSAS ACHERON

escândalo no cemitério durante o funeral da menina, pois a mãe desta teria passado mal com um ataque de nervos e gritara com algumas pessoas presentes. Segundo o artigo, Lisânia se enforcou em seu próprio quarto.

Lourenço sentiu uma descarga de adrenalina ao ler aquela matéria, a sensação assustadora de que a morte da tal Lisânia tinha alguma coisa a ver com... Lucinda. Era a primeira vez que em seus pensamentos se referia a ela pelo nome e aquilo o assustou. O que queria dizer? Por que não podia continuar internamente chamando-a de *a esquisitinha*, *a aberração*, *a maluca* ou, simplesmente, *a babá*? De qualquer forma, que conexão podia haver entre Lucinda e Lisânia? Teriam sido amigas? Bem, explicaria a garota pirar e começar a se vestir de preto, se sua melhor amiga tivesse morrido tão tragicamente... Mas seria uma explicação muito simples. E ele sentia que havia

PERIGOSAS ACHERON

algo mais...

Continuou a pesquisar, mas não descobriu muito além disso. Sentiu-se frustrado ao ver que tinha esgotado o poder de investigação através do Google. Teria que se arriscar mais uma vez e ir atrás. Ir ao colégio. Precisava fossar, cavar e desenterrar a verdade. Passou a semana ansioso pela sexta-feira, quando só tinha aulas pela manhã e poderia ir logo para casa.

Ao invés de ir para casa, no entanto, foi direto para a escola. Passara a semana toda pensando em como faria para conseguir informações na escola. Sabia que eles não lhe revelariam nada sobre o suicídio ou sobre Lucinda diretamente. Mas precisava tentar.

Chegou à escola bem no início da tarde. Na secretaria, contou uma história sobre estar ajudando a mãe a encontrar uma boa escola para sua irmã mais nova. Mentiu sobre a série da irmã. Disse que

PERIGOSAS ACHERON

ela iria para o ensino médio. Assim, começou a fazer perguntas sobre o ensino médio e falou que teve uma prima que estudou lá e por isso sabia que a escola era boa. Ele mencionou o nome da suposta prima, para ver se a coordenadora que conversava com ele enquanto lhe mostrava a escola se lembraria de algo a respeito dela:

– Lucinda Antunes.

– Ah, sim! Era uma menina muito inteligente! E era linda! Como é que ela vai? Participava de tudo na escola. Fazia teatro, as aulas de dança, os meninos eram loucos por ela...

O porteiro também havia lhe dito algo sobre os rapazes gostarem dela. O que fazia suspeitar que ela tivesse uma aparência bem diferente da que tinha agora, pelo menos na opinião dele.

– Bem. A Lucinda até queria vir aqui comigo, sabe, rever a escola. Mas ela disse que traz uma tristeza por causa do que aconteceu com aquela

PERIGOSAS ACHERON

menina, a Lisânia...

– Ah, meu Deus! Você sabe sobre isso, é? – comentou alarmada. Mas pareceu se tranquilizar ao ver que aquilo provavelmente não o faria desistir da matrícula da irmã na escola, já que ele já sabia sobre o ocorrido.

– É, pois é. Lucinda não falou em outra coisa naquele ano. Foi um grande choque.

– É, horrível. Mas vocês sabem que não teve nada a ver com a escola, né? A menina sofria de depressão. Andava com uma turma tão barra pesada... E aquele namorado dela!

– Barra pesada?

– É, sua prima não lhe contou? Lisânia andava com um grupo de góticos. Gostava de coisas pretas...

– Sei – comentou Lourenço muito atento e intrigado com o que aquela informação poderia significar. – Mas a Lucinda...

PERIGOSAS NACIONAIS

– A Lucinda era uma menina normal. Até acho tocante da parte dela ainda sentir tristeza por aquela menina. As duas não tinham nada a ver.

– É mesmo? Do jeito que ela fala com tristeza, pensei que fossem amigas...

– De jeito nenhum. A Lucinda tinha um... grupo... seletivo de amigas. Lisânia era a esquisitinha, coitada. Mas olha, esta é a nossa quadra. Ali atrás temos uma piscina olímpica. Quer ver?

Lourenço notou que ao falar de Lucinda, ela escolhia as palavras com cuidado para não ofender. Era evidente que Lucinda era alguma espécie de patricinha esnobe, uma garota popular, enquanto Lisânia era a excluída. Notou também, que ela quis mudar de assunto. Agradeceu, mas dispensou o restante do tour pela escola, dizendo que já estava satisfeito. Pegou o papel com as informações sobre a matrícula e foi embora.

PERIGOSAS ACHERON

Saiu de lá muito pensativo. Elas não eram amigas. Lucinda não era gótica e parecia inclusive fazer pouco de quem era. Então, o que mudou? Uma garota gótica morre e ela resolve tomar seu lugar? Assumir sua personalidade? Por quê? Ele não estava gostando nada daquela história, porque estava se parecendo muito com enredos de suspense sobre garotas perturbadas. E esses enredos levavam sempre a assassinatos. Seria Lucinda uma psicopata? Esquizofrênica?

Ele ficou preocupado. Muito preocupado. Talvez estivesse na hora de falar com Analice. Voltou para casa transtornado. Chegou por volta das 15h e encontrou Danúzia passando roupas na área de serviço. Deu-lhe um beijo para cumprimentá-la como sempre fazia. Sabia que Lucinda estava no quartinho estudando, esperando a hora de ir buscar Ana Beatriz. Mas não se animou a ir até lá falar com ela. Falar o quê? Não havia

PERIGOSAS ACHERON

sentido em continuar fazendo-lhe acusações sem provas. Mas estava com medo. Quem era aquela garota afinal de contas?

Foi direto para o seu quarto, depois tomou um banho e ligou a televisão para se distrair um pouco. Sentia-se extenuado. A única coisa que poderia fazer era ficar de olho. Mais nada. Sim. Bastava de bancar o detetive, de pesquisas, nada de segui-la. Só ficaria de olho. Sentiu-se até mais leve depois de tomar essa decisão. Ele é que ficaria esquizofrênico se continuasse fazendo aquelas conjeturas sombrias sobre a babá.

E então ele ouviu o grito. Na verdade, dois. Um era apenas um grito. O outro dizia *não*. Levantou-se instintivamente de um salto e correu para a área de serviço. Danúzia estava com a mão no peito e tinha levado um susto também.

– O que foi isso, Danúzia?

– Oh, meu pai! A moça deve ter cochilado de

novo enquanto estuda!

– Como assim?

– A Lúcifer grita quando dorme! “Deve ser os pesadelo” do inferno! É a segunda vez que ela me assusta assim!

Lourenço não se contentou com a explicação e entrou no quartinho. A porta estava destrancada. Esperou vê-la acordada do pesadelo e assustada. Mas surpreendeu-se ao verificar que ela ainda estava dormindo. Ela se revirava na cama gemendo como quem sente dor. Havia um livro aberto virado com a capa para cima, acima da cabeça dela, sobre o travesseiro. Ele ficou sem ação. O que devia fazer? Acordá-la?

Outro grito. E ela murmurava:

– Sofro! Me ajude! Eu sinto o seu sofrimento! Me tira daqui! Vem comigo! Temos que sair daqui! Por favor!

Os murmúrios eram tão chorosos que ele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

conseguiu perceber a dor contida neles. Ele tinha que acordá-la! Abaixou-se e suspendeu-a colocando seus braços por trás das costas dela e sentando-se na beirada da cama, sacudiu-a. Como ela ainda não acordasse, passou sua mão pelo rosto dela e deu-lhe leves tapinhas na face.

– Ei, Lucinda! Acorde! Acorde!

Ela abriu os olhos e inspirou o ar de uma golfada só pela boca, como alguém prestes a se afogar emerge da água. O azul daqueles olhos arregalados revelaram tanta dor que ele sentiu pena dela. De novo. Tinha que admitir que seus sentimentos em relação a ela eram muito confusos. Ora sentia pena e simpatia por ela, ora sentia medo e horror. Mas não dizem que os bons dormem o sono dos justos? Ela teria pesadelos por ser má?

Lentamente ela pareceu tomar consciência de onde estava e do que acontecia. Soltou-se do abraço dele e endireitou-se sentada na cama.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Desculpa. Eu gritei?

– Bastante. – Ele admitiu muito sério e inquisidor.

– Devo ter cochilado enquanto estudava. Sociologia pode ser chato às vezes – comentou forçando um sorriso e tentando suavizar o embaraço da situação.

– Você costuma ter pesadelos?

– Costumo – confessou.

Ele queria perguntar por quê. Sobre o quê. Mas não o fez.

– Além de gritar, você falou. Era como se estivesse em um lugar ruim com outra pessoa...

– Não me lembro. Desculpe – mentiu. E ele percebeu que era mentira.

– Você está bem?

– Estou. Obrigada.

– Tá. – Ele disse saindo do quartinho.

Mistério. Ele odiava aquela sensação de
PERIGOSAS ACHERON

mistério. Iria ficar louco se não obtivesse algumas respostas. Por que não podia fazer como Analice e seu pai que só se importavam com que ela fizesse o trabalho de babá? Por que tinha que se atormentar assim?

Voltou ao seu quarto para pesquisar sobre distúrbios do sono e pesadelos. Leu algumas explicações sobre luta do inconsciente entre o ego e o superego, sobre desejos e angústias reprimidas. Ela estaria reprimindo quem era realmente debaixo de todas aquelas roupas pretas? Estresse ou trauma eram outros fatores apontados. Trauma por causa da morte de Lisânia? Mas não eram amigas... Estresse de quê? Chegou a achar explicações com causas espirituais, mas estas ele ignorou. Não acreditava em nada daquilo.

Tinha vontade de perguntar a ela. Mas ela responderia? Ele sabia que ela escondia alguma coisa.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 11

MUITAS PERGUNTAS

Naquela noite,
depois que
Analice chegou,

Lourenço insistiu em levar Lucinda de carro até sua casa. Argumentou sobre o lugar ser perigoso. Analice estranhou, Humberto estranhou, Lucinda estranhou mais ainda. Só Ana Beatriz não estranhou e da cama, onde já deveria estar dormindo, gritou entre risinhos alegres:

PERIGOSAS ACHERON

– Enço vai levar Lucinda!

Lourenço se irritou com a irmã, porque teve a impressão e a quase certeza de que a irmãzinha se divertia com a situação, achando que sua profecia infantil e maluquinha de “viveram felizes para sempre” estava de algum modo se realizando.

– Dorme, Ana Bia! – Ele gritou. Não tinha mais ânimo de ir até o quarto dela mandá-la dormir, coisa que todos os membros da família já haviam feito pelo menos duas vezes, sem contar a babá.

Lucinda agradeceu, dispensou, recusou, mas ele insistiu. Muito. Ela avisou que tinha que ir à casa de uma conhecida antes. Ele ainda insistiu para levá-la lá e depois para casa. Analice e Humberto entreolharam-se pasmos. Pareciam que iam começar a acreditar em Ana Beatriz a qualquer momento. Para não correr o risco de ser rude, Lucinda foi obrigada a aceitar.

Ambos desceram no elevador do prédio em
PERIGOSAS ACHERON

silêncio e desconforto. Quando chegaram à garagem do prédio, Lourenço se encaminhou para seu carro sendo seguido por ela. Ele abriu a porta do carona para ela entrar primeiro, o que ela achou de um cavalheirismo incrível, coisa que ela julgava totalmente extinta nos rapazes do Rio de Janeiro. Agradeceu tomada de uma emoção nova. Aquilo se parecia muito com se importar, cuidar... Há tanto tempo que ela não se permitia ter alguém que fizesse aquilo por ela...!

Tão absorta estava em sua surpresa pelas maneiras do jovem estudante, que ela mal percebeu quando ele deu a partida.

– Por que insistiu tanto em me dar uma carona? Você nem gosta de mim – despejou, resolvendo que queria ser sincera e manter o clima de confronto e hostilidade que se instalara entre os dois, porque a outra opção era muito perigosa. Sentir ternura, gratidão... Não podia gostar dele.

PERIGOSAS NACIONAIS

Nem um pouquinho.

Ele pareceu se divertir com o comentário dela por um instante. Sorriu.

– Já ouviu dizer que temos que ter os amigos por perto e os inimigos mais perto ainda?

– Ah, então é isso? – Ela comentou sem deixar escapar uma pontada de decepção. Mas o que ela esperava? Que ele estivesse gostando dela? Que ele a tratasse como uma moça normal naquelas roupas?

– Onde é que você tem que ir? – mudou bruscamente de assunto.

Ela lhe disse o endereço, nada satisfeita, porque ele estava se intrometendo descaradamente em sua vida, vigiando-a como quem vigia um inimigo e nem se dava ao trabalho de disfarçar. Suas visitas todas as sextas-feiras a Noemi eram particulares. E pouca gente entenderia, aceitaria ou respeitaria aquilo se soubessem o que ela fazia lá. Como ela faria para se livrar dele?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Prosseguiram o trajeto em silêncio e entre olhares fortuitos e inevitáveis um para o outro. Ao chegar ao local, a uma rua calma em um bairro do subúrbio, em frente a uma casa antiga, Lucinda agradeceu, saltou e tentou despachar o rapaz através da janela do carro:

– Olha, muito obrigada mesmo! Mas eu estou bem. Daqui eu pego um ônibus para casa.

– De jeito nenhum. O combinado é que eu te levaria em casa.

– Mas tenho a minha vida, meus compromissos! Preciso fazer esta visita.

– E eu disse que ia esperar. Você mora num lugar muito perigoso e tem que recitar maldições em latim para afugentar vagabundos – disse com surpreendente bom humor.

– Mas não há necessidade. Você não pode me levar para casa todos os dias! Eu voltei sem você a semana toda.

PERIGOSAS ACHERON

– Vou dar um jeito nisso!

Ele falou com tanta confiança, que Lucinda se assustou. *O que aquele rapaz ia fazer? Não podia voltar da faculdade para casa todos os dias para pajeá-la! Ou podia?*

– Como assim? Agora você vai ser a babá da babá?

Por mais inesperado que fosse, ele riu. E riu gostoso. Lucinda se sentiu desarmada com aquela risada, como se alguma coisa dentro dela estivesse derretendo.

– Posso perguntar a natureza dessa sua visita aí?

– Claro que não! Não é da sua...

– Conta – Lourenço falou a palavra junto com ela. – E não podia me contar, só por gentileza, já que estou sendo tão protetor e me servindo de seu motorista por esta noite?

Ele disse aquilo de modo tão encantador que ela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

teve vontade de contar. Tudo. Tudinho. Toda a verdade. Mas não podia... O que ele pensaria dela? Provavelmente a desprezaria ainda mais, ou se convenceria de vez de que ela era louca. Ser rude novamente e dizer não, ou mentir? Ou contar meias verdades... A verdade disfarçada e com poucos detalhes não deixa de ser verdade, não é? Só omitir as partes que a deixariam parecer louca?

– Noemi é uma amiga. Ela me ajuda a entender algumas coisas que estão acontecendo na minha vida. É muito pessoal. – Aquilo era o máximo que ela poderia dizer.

– Tipo uma conselheira? Psicóloga? – perguntou mansamente, solidário.

– Tipo assim. Você vai esperar aqui?

– Ela vai me convidar para entrar?

– Preciso falar com ela a sós.

– Vou esperar aqui – disse ligando o rádio do carro numa estação que tocava rock.

PERIGOSAS ACHERON

— Obrigada — falou baixo, mas deveras agradecida pela compreensão dele.

Lourenço observou quando ela tocou a campainha. Viu-a entrar conduzida pela mulher mais velha, aparentando uns cinquenta anos, morena, magra e simpática. Quem seria? Noemi. Sim, uma conselheira? Uma amiga? Uma psicóloga? Ajudando a entender sua vida... O trauma pela morte de Lisânia? E se ele perguntasse? E se ele dissesse tudo o que sabia? Que tinha investigado?

Olhando para a janela notou que as luzes da sala foram apagadas, para em seguida uma outra luz ser acesa. Só que essa outra luz era azul. *Quem é que tinha luz azul em casa? Seria algo do tipo usado em sessões de hipnose? Queria muito sair do carro e invadir aquela casa e ver o que estava acontecendo. A tal Noemi podia ser uma bruxa também! E as duas estavam fazendo alguma*

macumbinha básica juntas! Ou uma orgia? É! Luz azulada... Alguns bordéis usam luzes coloridas... Quem podia garantir que não havia mais ninguém na casa? Rapazes... homens... ou a própria Noemi, eca! Sua imaginação começou a galgar alturas e cenas que o deixaram enojado. Seria possível que ela fosse apenas uma vadiazinha...?

Pensou ainda na luz azul como mais um artifício psicodélico para uma viagem no mundo das drogas... mas as palavras firmes dela dizendo que só gente burra usa drogas o tinham convencido! Não, ela foi muito radical ao falar de drogas... Não era a dela...

Ele estava enlouquecendo. Estava a ponto de ir até lá... Um, dois, três... Começou a contar para se acalmar e não fazer nenhuma loucura. O que ele faria se entrasse abruptamente naquela sala e encontrasse um cenário de perdição? Não podia ser! Tentou se concentrar na letra da música que

tocava na rádio “... então é bom valer a pena, então é pra valer a pena, ou melhor não...” do grupo NX- Zero. É, tinha que valer muito a pena fazer algo assim...

A imaginação de Lourenço o torturou por quarenta minutos, o tempo que durou aquela visita até ver a babá despontar novamente porta a fora. Ela entrou no carro parecendo mais relaxada, mais em paz. E ele tinha medo de pensar em por que ela estaria assim. A ideia de que ela tivesse passado apenas por uma sessão de shiatsu era consoladora e invadiu seus melhores pensamentos naqueles nada felizes quarenta minutos e voltava agora, tal o ânimo que ele encontrava na menina.

– Tudo bem? – Ele perguntou.

– Tudo! E você? Demorei muito?

– Não, imagina... – tentou dizer sem ser irônico e quase conseguiu. – Qual é a da luz azul?

– Eu devia saber que ia ficar espiando...

PERIGOSAS NACIONAIS

– Não deu para deixar de notar... – falou em postura defensiva.

– A luz azul ajuda!

Ajuda em quê? Não pôde acreditar que aquela fosse a única resposta que ela lhe daria.

– Lucinda, hoje é sexta-feira. Podemos ir a algum lugar em que possamos conversar? Podemos parar em uma pizzeria ou bar?

– Conversar? – perguntou apavorada. Um bar ou um restaurante com um rapaz bonito numa sexta-feira à noite. Há dois anos aquilo era muito comum e corriqueiro. Nada de mais. Agora, era impensável. Com Lourenço, alarmante. Por quê? Ele não a odiava? Não a considerava uma inimiga? Mas por que o sinal de alarme para sexo oposto continuava a tocar em sua cabeça? Talvez porque ele acabasse de pronunciar seu nome pela primeira vez? Ou pelo fato de que ela queria ouvi-lo dizer novamente?

PERIGOSAS ACHERON

– É, Lucinda. Conversar. A não ser que prefira conversar em seu quarto de novo. Mas achei meio apertado lá e... a sua senhoria... enfim: podemos ir a algum lugar?

– Claro – respondeu com uma firmeza que não tinha. As intenções dele a apavoravam, porque ela não entendia as atitudes paradoxais que ele tinha. Ele a chamava de inimiga uma hora e era gentil e cavalheiro na outra. Ora falava rudemente, ora era doce e protetor. O que significava aquilo? O que ele queria com ela?

Ele aquiesceu com a cabeça e ligou o motor do carro. Alguns minutos depois estavam à mesa de uma pizzeria. Resolver o que pedir foi fácil, porque logo descobriram que ambos adoravam pizza portuguesa. Lourenço reparou também nos olhares desagradáveis que eram dados a Lucinda por conta de sua aparência gótica. Ela chamava a atenção em qualquer lugar aonde fosse. Aí que se deu conta de

PERIGOSAS ACHERON

que provavelmente as pessoas estariam se perguntando o que um cara como ele estaria fazendo com uma garota como ela. Odiou todos por olharem daquele jeito para ela e odiou-se porque ele fazia o mesmo. Era sempre assim perto dela: confuso e conflituoso.

Ela olhava para ele com o queixo apoiado nas mãos, os cotovelos em cima da mesa. Nossa! Ele realmente se sentia muito confuso quando mergulhava no azul daqueles olhos. E eles olhavam diretamente para ele naquele momento, corajosamente, sem desviar o olhar, bem no fundo de seus olhos. Sentia-se enfeitiçado. Não compreendia aquela garota. Como poderia? Se tudo que ela vestia e usava passavam uma mensagem, mas seus olhos desmentiam tudo. Olhando para eles via alguém que... bem, alguém que precisava ser amada...

– O que você queria conversar? – perguntou

quebrando o silêncio e o magnetismo perturbador.

Um garçom trouxe os refrigerantes e deu-lhe tempo para procurar pelas palavras, decidir-se sobre o que ia perguntar. E a decisão foi drástica: ia abrir o jogo e perguntar o que quisesse. Assim que o garçom se afastou, Lourenço começou a falar:

– Lucinda, eu queria pedir desculpas. Por tudo. Pelo jeito que te tratei desde que nos conhecemos. Eu não tenho sido nada legal com você. – Lourenço não entendeu de onde tinham vindo aquelas desculpas, quando tudo o que ele queria era interrogá-la até obter todas as respostas... Mas sentiu no momento em que começou a falar, que eram sinceras. Ele realmente sentia-se mal pelo jeito com que a tratara. Apesar de todas as suas suspeitas loucas, tudo de que tinha certeza até o momento era de que ela era uma garota que tinha problemas, que era responsável e que era muito boa com sua irmãzinha. Todo o resto era ficção,

PERIGOSAS ACHERON

resultado de preconceito em relação à forma como ela se vestia e se pintava.

Lucinda esperava por novos ataques, interrogatórios, suspeitas, tudo. Menos aquilo. Menos um pedido de desculpas tão espontâneo e comovente. Sim, ela podia sentir a sinceridade nele. Ele estava realmente pedindo desculpas.

– Desculpas aceitas. – Quem era ela para não perdoar? Quem era ela para julgar? Ela agora sabia bem o que a mágoa e a falta do perdão e compreensão podiam fazer com uma alma. – Tudo bem. Eu estou acostumada. Só estou meio curiosa, pois não tem nem algumas horas você me tratou como inimiga.

– Desculpa por isso também. Eu não estou conseguindo me reconhecer. Desde que te conheci... Sei lá. Nunca me julguei alguém preconceituoso, mas o fato é que com você eu tenho sido muito rude. Eu te julguei e condenei,

PERIGOSAS ACHERON

sem conhecer. E continuo fazendo isso.

– Como assim?

– Eu amo minha irmã e quero o melhor pra ela. E você... apesar de até agora tudo estar bem, me assusta.

– Uau! – exclamou Lucinda, sentindo-se nocauteada mais uma vez pela honestidade ácida dele. – Você é o senhor Sinceridade!

– Me desculpa por isso, mas te chamei aqui, porque queria conversar. Queria falar com você tudo o que eu tô sentindo em relação a essa situação, porque tá me incomodando muito.

– Tudo bem. Então...

O garçom chegou com a pizza e eles foram servidos. A conversa agora seria entre garfadas. Lucinda começou logo a comer, pois estava com fome e entendia que era a vez dele de falar. Ele queria falar, então que falasse.

– Você é estranha. Não é só por causa dessa

PERIGOSAS ACHERON

coisa gótica, sei lá... – disse depois de engolir algumas garfadas de pizza. – Acho que está sempre escondendo alguma coisa. É isso que me perturba! Não acredito em bruxas, mas tem gente que acredita e faz maldades por causa disso. E o lance da luz azul e do latim não ajudam muito a minha mente a ficar sossegada, sabe?

Lucinda riu.

– E você fez comigo, sabe, a coisa do latim... Ficou mexendo o dedo na minha cara e eu confesso que fiquei apavorado.

– Só devemos pedir aos amigos coisas honestas. O amor vence todas as coisas.

– O quê? – Lourenço ficou perplexo...

– Foi o que eu disse quando girei o dedo pra você.

– E você fala de amigo e amor para um cara que te seguiu à noite pensando o pior de você? – Ele falou com o coração estranhamente acelerado,

PERIGOSAS NACIONAIS

sentindo uma intensidade explosiva em seus sentimentos cada vez mais confusos.

– Como eu lhe disse, não sei falar latim. Aprendi algumas frases e expressões que uso nessas horas... – Lucinda justificou.

– Tá! Mesmo assim, continuo preocupado. Eu não sei quem você é e isso me assusta...

– Por quê? Sua mãe, desculpe, madrasta, me aceitou e seu pai também.

– Sinceramente eu não sei. Não tenho sossego. Eu quero, eu preciso saber quem é você!

– Meu Deus! Seu Lourenço...

– Caramba! Eu tenho dezenove anos, pelo amor de Deus! Não me chame de Senhor!

– Lourenço, eu realmente não estou entendendo...

– Nem eu, Lucinda. Nem eu! E é isso que me incomoda mais! Eu segui você, eu investiguei você, eu fui ao seu prédio, à sua escola...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Você o quê? – Indignação, surpresa e raiva tomaram conta dela. Queria bater nele!

– Eu fui ao seu prédio. Conversei com o porteiro. Depois pesquisei na Internet e fui à sua antiga escola. Eu sei que sua mãe morreu e sei que você brigou com seu pai depois que virou gótica e aí saiu de casa. Sei que isso tem alguma relação com uma garota que se matou na sua escola...

– Você não tinha esse direito... – falou entre dentes, indecisa entre jogar o copo de refrigerante na cara dele ou se levantar e ir embora.

– Eu sei. Assim como não tinha o direito de te seguir naquele dia... Desculpe!

O tom de voz dele, contrito e suave, desarmaram os ímpetos violentos que haviam tomado Lucinda por alguns instantes.

– Se você pudesse conversar comigo, me contar tudo, eu me sentiria melhor. Conhecendo você melhor eu poderia confiar em você, entende?

PERIGOSAS ACHERON

– Não sei se posso ou quero te dizer alguma coisa. Isso está passando muito dos limites... do que se faz num emprego. Eu sou só a babá! E cuido direito de sua irmã! O que você quer?

– Eu quero saber por que você se tornou gótica. Eu quero saber qual a relação disso com a morte da tal Lisânia. Eu quero saber por que você mora naquele lugar miserável, quando seu pai é rico. Eu quero saber por que você está trabalhando como babá em vez de estar numa universidade. Eu quero saber por que você tem pesadelos. Eu quero saber o que exatamente você faz na casa da luz azul... – Depois do discurso inflamado, sua última frase saiu como um sussurro, uma confissão que fazia para si mesmo naquele momento e que deixou escapar para que ela ouvisse. – E... eu quero saber por que você não tem um namorado.

Lucinda sentia seu coração galopar a cada frase de Lourenço e a última arrancou dela um suspiro.

Estava perdida! Sentiu-se zozza. Aquilo não podia significar o que achava que significava.

– Você quer saber demais! Não vou te dizer nada. Não é da sua conta – colocou-se na defensiva. Demais, não podia responder a nenhuma daquelas perguntas sem trair seu segredo. Simplesmente não podia. – Pode me levar para casa agora?

Lourenço abaixou a cabeça derrotado e aborrecido.

– Vamos terminar a pizza primeiro – sentenciou sem dar margens para discussão.

Lucinda mostrou que concordava apenas continuando a comer. Comeram em silêncio até o último pedaço de pizza. Lucinda tirou algum dinheiro da carteira, fazendo menção de pagar por sua parte, mas Lourenço a impediu com um olhar de censura e um gesto. Para não discutirem, ela guardou o dinheiro de volta e abaixou a cabeça.

Voltaram em silêncio todo o caminho. Ele a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

deixou na porta de casa e despediram-se com um olhar apenas. O dele era de contrariedade e o dela, de teimosia. Ele queria verdades e ela se recusava a lhe contar qualquer coisa. A relação dos dois continuava conturbada e difícil.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 12

DESESPERO

— Você precisa mandar ela embora!

— De novo essa história, Lourenço? — reagiu surpresa

Analice. — Pensei que você tinha se entendido com ela. Se até carona tá dando pra moça... Insistindo em levar ela em casa... — debochou a madraستا com malícia.

— Eu quis levar ela para bater um papo com ela...

— E...

– Não tem jeito. Não dá pra conversar com ela! Ela é cheia de segredos! Tá escondendo muita coisa! É por isso que ela tem que sair dessa casa!

Humberto que até então assistia ao telejornal na tevê, girou a cabeça em direção aos dois que estavam sentados à mesa de jantar. Não havia nem quinze minutos que o rapaz chegara e convocara solenemente aquela conversa com eles. Humberto, a princípio, ignorou o convite e continuou olhando para a telinha. Mas a coisa de segredos parecia interessante. Desligou a tevê com o controle e virou o corpo no sofá para estar de frente para eles.

– Como assim segredos? – perguntou Humberto.

– Ela esconde coisas...

– Enço, ela tem direito a ter uma vida particular. Ela é só a babá. Você não pode querer que ela vá te eleger como confidente... – criticou Analice, que achava seu enteado cada vez mais sem

discernimento, quando se tratava da babá.

– Ela mentiu sobre o endereço. Ela não mora no endereço do currículo.

– Não? – perguntou Humberto curioso.

– Ela me explicou que você implicou com ela por isso, mas é porque ela deixou o endereço da casa do pai, já que pretende voltar para lá...

– Ela vai à casa de uma mulher misteriosa às sextas à noite e acendem uma luz azul lá... É bem esquisito e ela não me diz o que é... é tudo um grande segredo...

– Luz azul? – perguntou Humberto parecendo se divertir com a teoria de conspiração do filho.

– E como você sabe o que ela faz sexta-feira à noite, meu filho? Não é da sua ...

– Conta! Eu sei! É o que ela vive me dizendo! Não é da minha conta! Mas custava me dizer, já que eu dei carona pra ela até lá?

– Você levou ela na casa da luz azul? –

Humberto perguntou segurando o riso.

– Será que vocês podem me levar a sério um pouquinho? – falou já meio irritado. – É esquisito. Ela fala maldições em latim, tem pesadelos quando dorme...

– E aonde você quer chegar com isso? – perguntou Analice, já irritada.

– Como você sabe que ela tem pesadelos quando dorme? – perguntou Humberto ao mesmo tempo brincalhão e malicioso, sendo ignorado.

– Até onde posso ver, ela pode ser perigosa para a Ana Beatriz! Luz azul, maldições em latim e aquela aparência medonha! Ela pode ser uma bruxa! – falou, arrependendo-se logo em seguida, pois até ele mesmo percebeu o quanto soava ridículo, o quanto tudo o que dissera até o momento era ridículo. Por que estava dizendo tudo aquilo? Ele tinha medo sim, suspeitas, mas nada daquilo fazia sentido ou poderia ser levado a sério. O olhar

PERIGOSAS NACIONAIS

que recebeu de Analice e de seu pai confirmou o que acabara de pensar, pois eles o olharam com pena, como se ele devesse ser internado num hospício ou algo assim...

Analice pegou a mão do enteado e lhe lançou um olhar piedoso que o deixou arrasado. É, eles definitivamente iam interná-lo.

– Pai, Analice... eu sei que parece loucura... – começou a se defender.

– Parece? Jura? – Analice agora não conseguia segurar o sarcasmo. – Você devia se ouvir, Enço! Parece um maluco...

– Não estou dizendo que ela seja bruxa de verdade... Mas existe gente que acredita que é e... fazem coisas horríveis porque acreditam nessas coisas...

– Enço, você disse que conversou com a moça. Então, você já olhou nos olhos dela? Você realmente acha que ela seria capaz...

PERIGOSAS ACHERON

Não, ele não achava. Mas ela o deixava confuso. Muito confuso. Ele desconfiava, porque o que sentia perto dela não dava para ser explicado. Ele só sabia que era forte e ele só podia supor que fosse algum sinal de alerta para perigo...

– Isso quer dizer que vocês confiam nela cem por cento?

– Mocinho, eu não confio nem em você cem por cento! – debochou Humberto.

– Não podemos confiar em ninguém cem por cento, nem em nós mesmos! Então é claro que não! Mas até o momento, a moça não fez nada que justificasse sua demissão. Então, Lourenço, se você tiver alguma coisa além de preconceito e superstições para...

– Não – concluiu sua derrota. Eles não a dispensariam e nem sabia por que tinha pedido aquilo novamente. Bem, no fundo sabia. Queria não precisar vê-la de novo. Talvez assim tivesse

sua paz de volta. Era isso: ela havia lhe tirado a paz.

– Então, que tal se dedicar aos seus estudos e deixar a moça fazer o trabalho dela? – contemporizou Analice, com um tom de autoridade que ele não poderia contestar.

– Tudo bem. Não vou dizer mais nada... Mas...

– Ih... – soltou Humberto.

– Já que gostam tanto dela e querem que ela fique até o final do ano, por que não a convidam para ficar aí de vez no quartinho de empregada? Danúzia não fica. E ela sai daqui muito tarde e chega cedo. O bairro onde ela mora e a rua... é muito perigoso lá. No dia que fui lá... Tem um bando de...

Analice e Humberto estavam pasmos. De colocá-la para fora para colocá-la de vez para dentro ia uma grande diferença e o comportamento do rapaz parecia inexplicável. Ele não gostava dela,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mas se preocupava com ela?

– Querido, eu realmente não estou entendendo você.

– Ora, se ela ficar mesmo... – Lourenço percebia o quanto ele estava sendo contraditório, mas nem ele podia se entender completamente. Loucura. Pura loucura. – É uma questão de praticidade e de caridade – justificou.

– O que é um peido pra quem já está cagado? – resumiu Humberto com seu jeito debochado e cômico de sempre – Concordo! Se a maluquinha já está aqui em nossas vidas, por que não deixá-la de vez aí...?

Analice riu. Não resistia ao humor escrachado do marido. Lourenço fez cara de nojo, embora no fundo também se divertisse com o jeito do pai.

– Eu sugeri no início para que ela dormisse aqui, mas ela recusou. Disse que podia nos incomodar por causa de seus pesadelos à noite.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Lourenço se sentiu um idiota. Então Analice sabia sobre os pesadelos. O que mais Lucinda lhe contara que não quisera contar a ele?

– Podemos fazer o convite amanhã novamente, amor – sugeriu Humberto que parecia se divertir muito com tudo aquilo, como se intuísse algo de que Lourenço não podia suspeitar.

– Peraí! Amanhã é sábado! – Finalmente notou Lourenço.

– Isso mesmo! – confirmou Analice. – Lucinda vai ao zoológico conosco amanhã. Prometemos levar a Ana Bia e ela fez pirraça até que concordássemos em levar a babá.

– E ela concordou?

– Claro, Lourenço. Uma das coisas que me fez contratar essa babá é que ela se colocou à disposição em tempo integral. Sem reclamações, sem limites de horário.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Outra coisa estranha, ele pensou. Mas já estava derrotado. E mesmo parecendo muito estranho, sentia-se muito animado com aquilo. Por quê?

– Mas vou falar com ela de novo. Se você diz que onde ela está morando é muito perigoso, me sinto até mal, pois a menina dificilmente sai daqui antes das oito da noite e sempre está de volta às sete.

CAPÍTULO 13

A IDA AO ZOOLOGICO

Ana Beatriz foi a primeira a acordar. Estava animada e ansiosa pela visita ao zoológico. Especialmente porque Lucinda iria também. Acordou e encontrou a casa ainda na penumbra e em completo silêncio. Percebeu que acordara muito cedo. Quis ir ao quarto dos pais e se aninhar entre os dois na cama. Mexeu na maçaneta da porta, mas estava trancada. Os pais tinham aquela mania às vezes. Chamou *mamãe, papai*. Chamou três vezes. Mas não gritou como algumas vezes fazia, pois o

PERIGOSAS NACIONAIS

silêncio do apartamento a inibiu.

Tentou o quarto do irmão. A porta estava aberta dessa vez. Ele trancava algumas vezes. Entrou e viu o irmão esparramado sobre a cama, só de short, sem camisa, deitado de bruços, o travesseiro sobre a cabeça, as pernas levemente flexionadas. Cutucou-o com seu dedo indicador, mas o rapaz nem dava sinal de vida.

– Enço... Acorda... – Ela chamou.

– Ah, Biaaa! Me deixa dormir! – gemeu ele sem despertar de todo.

Ana Beatriz saiu do quarto do irmão desejando saber ver horas para saber a que horas todos iriam acordar! A que horas iriam para o zoológico? Porque ela queria muito ver o hipopota-mo! Assim ela dizia aquele nome de bicho que a fascinava, com um intervalo de alguns segundos entre o *hipopota* e o *mo*, que era a maneira encontrada para não errar aquele nome tão difícil.

PERIGOSAS ACHERON

Foi para seu quarto e discou o número da babá que estava na memória do telefone que ficava lá.

– Alô? Ana Bia? Algum problema? – Ela sabia que aquele telefone era da menina, mas para ser usado em casos de emergência.

– Eu quero ir logo pro zoológico... – choramingou. – E todo mundo tá dormindo...

– Eu já estou indo, meu amor. Tia Lucinda está a caminho!

– Verdade?

– Claro. Já estou no ônibus. Logo, logo chego aí.

– Promete? Chega logo? Tá muito silêncio aqui... Tô um pouco sozinha...

– Chego logo.

– Então, tá. Eu quero ver logo o hipopota-mo.

– Eu também. – Ela disse em meio a um sorriso que podia ser sentido tanto quanto visto e, por isso Ana Beatriz percebeu o carinho e o sorriso de sua

babá, mesmo do outro lado do aparelho.

– É mesmo? Você nunca viu?

– Ah, já! Mas só quando era criança. Faz muito tempo que não vou ao zoológico!

Lucinda percebeu que a menina tentaria mantê-la na conversa ao telefone o quanto pudesse e era preciso terminá-la de alguma forma.

– Meu amorzinho, eu tenho que desligar agora. Você me faz um favor? Pega aquele bloquinho de desenhar e faz uma listinha dos animais que você quer ver lá, pois eles vão ser nossa prioridade. Pode também escrever as coisas gostosas que vamos comprar pra comer, tipo algodão doce, pipoca, churros..., ou fazer um desenho da gente no zoológico... – Pronto. Aquilo devia ser o suficiente para que a menina se distraísse até que ela chegasse ou que seus pais acordassem.

– Que ótima ideia, Lucinda! Vou fazer agora e o desenho vai ficar lindo! Com papai, mamãe, você

PERIGOSAS ACHERON

e Enço...

– Enço, quer dizer, seu irmão vai também? –
Aquilo parecia pouco provável.

– Se ele não for, eu choro!

– Não, Bia. Não vale fazer chantagem! Seu irmão tem que estudar muito, não tem tempo pra...

– Eu vou fazer o desenho, lá, lá, lá... –
cantarolou e bateu o telefone sem cerimônia,
deixando Lucinda estarecida.

Só faltava aquela! Lourenço ir ao zoológico com eles! Não, não era possível!

Ana Beatriz foi para o quarto alegre e cantarolando. Agora já tinha o que fazer. Pegou o bloco de papel e escreveu: hipopótamo (sem acento), macaco, leão, elefante. Depois cansou e resolveu desenhar. Começou desenhando os animais e depois a família. Desenhava com giz de cera e tudo ficou muito colorido e rabiscado, sem que as cores fizessem muita relação com a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

realidade, pois o macaco e o elefante, por exemplo, eram cor-de-rosa. A empreitada com o bloquinho foi suficiente para entretê-la durante meia hora. Mas depois disso bufou e suspirou e foi até a janela para ver a calçada pequenininha lá embaixo. Nada de babá chegando!

Impacientou-se e foi novamente checar se alguém acordava. Escutou barulho na suíte dos pais e bateu à porta. Chamou e sua mãe respondeu que já estava indo. Logo, logo estava na cozinha tagarelando enquanto sua mãe preparava o café. Seu pai colocava a mesa enquanto isso. Ela mostrou os desenhos, disse que falou com a babá, que ela já estava vindo, que Enço tinha que ir com eles, que eles iam comer pipoca e algodão doce e que ela queria ver muuuuuito bicho! Muuuuuuito mesmo! Analice ia respondendo com a-hã, lutando ainda contra o sono que costumava só se dissipar depois de uma xícara de café.

PERIGOSAS ACHERON

Pouco tempo depois de tomarem café, Analice arrumou uma bolsa, mudou a roupa para sair em Ana Beatriz, penteou e arrumou a menina. Humberto já estava pronto e teria apenas de esperar a esposa se arrumar. Mãe sempre fica por último. Nesse ínterim, a campainha tocou. Era Lucinda. Como de costume, vestia preto. Camiseta da banda AC/DC, bermuda jeans rasgada, tênis All Star pretos de cano longo, suas correntes e braceletes e a maquiagem gótica. Humberto abriu a porta e pediu que ela esperasse, que só faltava Analice acabar de se arrumar. Esta era a mais animada de todos, pois por incrível que pudesse parecer, a analista de sistemas nunca visitara a Quinta da Boa Vista antes. Ela havia nascido e passado a infância em Belo Horizonte. Nesse instante, Ana Beatriz correu para a janela da sala e olhou lá para baixo. Só depois foi abraçar Lucinda.

A moça sentou-se no sofá e já ia conversar com

PERIGOSAS ACHERON

Ana Beatriz, para diminuir seu desconforto diante daquela situação nova com aquela família, quando a menina disparou em direção ao quarto do irmão gritando: *Só falta o Enço!* E não adiantou seu pai pedir-lhe que não acordasse o irmão.

Em alguns minutos Lourenço surgiu na sala com cara de sono, mas já de jeans e camiseta, segurando um par de tênis para calçar e com Ana Beatriz sorridente ao seu lado.

– Vai a algum lugar, filho? – perguntou Humberto, apesar de já suspeitar a verdade.

– Vou ao zoológico com vocês.

– Não tá meio grandinho pra zoológico? Não tem que estudar?

– Diz isso pra Bia – disse com voz de derrotado, embora por dentro estivesse feliz com a chantagem da irmã como desculpa, porque por alguma razão que ele próprio desconhecia, ele queria muito ir ao zoológico com eles e, tinha até

ficado meio chateado de não o terem chamado para ir. Seu lado infantil? Ciúmes da irmã? Não, aquilo provavelmente tinha mais a ver com o fato de a bruxinha ir. Só de olhar para ela no canto do sofá, quieta como se fizesse parte da mobília, sentiu em si o mesmo efeito que a cafeína fazia. Estava completamente acordado. Aceso. Estranhamente animado.

– Bia, filha, deixa seu irmão em paz. Ele não é criança para ir ao zoológico... – interferiu Analice.

– A Lucinda também não é e vai...

– Mas ele tem que estudar... – O pai se meteu.

– Tudo bem, pai. Já tô arrumado, só vou tomar um café.

– Viu, pai? Ele quer ir! – disse Bia com ar de vitória.

Humberto encolheu os ombros e Lourenço olhou meio de lado para Lucinda para ver se decifrava alguma reprovação ou aprovação a sua

PERIGOSAS ACHERON

ida, mas a moça olhava para o chão com a cabeça baixa. Parecia mesmo evitar olhar para ele.

Os movimentos que se seguiram foram semelhantes à movimentação que há em qualquer lar quando se vai sair com a família: burburinho, correria. Pega celular daqui, colocam-se coisas na bolsa dali, um lembra o outro o que deve levar ou pergunta se vai levar, enquanto a criança da casa, no caso, Ana Beatriz, fica inquieta, impaciente e começa a choramingar *vamo logo!*

Ah, um passeio em família! Quando todos se acomodaram no carro, eles realmente eram uma família! Lourenço sentiu certa nostalgia dos passeios em família de quando era criança, só que naquela época, a mulher no banco carona era sua mãe. Ana não existia e muito menos havia uma babá gótica. A menina sentou-se no meio, em seu assento especial para criança, separando os dois jovens no banco traseiro.

Na saída do condomínio, Ana Beatriz soltou um gritinho, que ela própria sufocou, que não era de alegria, mas de susto. Depois virou todo o pescoço e ficou olhando para trás pelo vidro com olhos bem arregalados.

– Que foi, Bia? – Lucinda perguntou baixinho, perto da menina.

Ana Beatriz olhou para frente de novo, mas sua boca estava aberta em estupor. Piscou várias vezes e, finalmente decidiu-se a falar. Virou-se para a babá e falou baixinho, quase sussurrando em segredo.

– Eu vi sua amiga de novo.

– Minha amiga? – Lucinda perguntou sentindo o pavor deixá-la gelada ao imaginar do que a menina falava.

– É, ela vem com você e vai embora com você. Mas não entra no prédio. Ela fica te esperando...

– Como assim, Bia? Eu venho sozinha... –

respondeu também baixo, fingindo ignorância, mas apavorada ainda com a possibilidade de serem ouvidas. Olhou para o casal a frente, mas estavam no meio de outra conversa. Olhou para Lourenço, mas ele tinha fones nos ouvidos. Ele havia mencionado algo sobre ouvir a gravação de aulas da faculdade em áudio. Ele parecia estar se esforçando para se concentrar, embora seus olhares se cruzassem todas as vezes que ela olhava em sua direção.

– Não sei do que você está falando, amorzinho... – insistiu.

– Então você não vê ela? – falou em tom de choro.

– Não vejo ninguém.

– Então é outra amiga imaginária! – Ela bufou frustrada.

– Por quê? Você tem amigos imaginários?

– Tenho. Mas mamãe diz para não falar com

PERIGOSAS NACIONAIS

eles e não contar pra ninguém...

– Muitos?

– Não sei...

– Ela fala com você? Ela falou com você? – O tom era preocupado e ainda sussurrado.

– Não, acho que ela não pode. A garganta dela tá machucada.

Lucinda sentiu as batidas de seu coração ficarem ainda mais aceleradas.

– Não conta isso pra ninguém, tá?

– Por quê?

– É... sua mãe não disse pra não contar? Então?
– mentiu.

Lucinda forçou-se a controlar seus ânimos para conseguir desviar o assunto e fazer a menina falar sobre o zoológico outra vez.

Ao chegar à Quinta da Boa Vista, a suposta “amiga”, a bruxa imaginária, tinha sido esquecida.

Ana Beatriz estava animada e tinham que
PERIGOSAS ACHERON

segurá-la para que ela não corresse. Lourenço estava sem jeito e não sabia onde se posicionar em relação ao grupo. Ora Ana Beatriz segurava a mão da mãe, ora do pai, ora a dele, ora a da babá. Parece que ela queria a atenção de todos e também queria dar atenção a todos. Lourenço se sentia especialmente sem jeito quando Bia ficava ao centro, com o pai de um lado e a mãe de outro, dando a mão aos dois e, portanto, deixando ele e a babá para trás, lado a lado. Sem dizer nada, mas sem conseguir evitar as trocas de olhares, sentia-se estranho e deslocado. A babá parecia mais à vontade que ele, estava de certa forma a trabalho. Ela tinha que estar ali, por pedido de Bia e da família. Ele não.

Novamente Lourenço não conseguia deixar de se incomodar com os olhares que ela recebia. Tolerava os olhares divertidos e curiosos, mas detestava os de desprezo e preconceito. Irônico.

Pois não tinha sido ele também capaz de assim tratá-la? Confuso. Conflitante. Quis torcer o pescoço de três crianças que riram dela. Virou-se e fuzilou-as com olhar a ponto de receber em troca algumas caretas.

Ficou ainda mais irritado, porque estava irritado consigo mesmo. Por que se sentia assim tão protetor em relação a ela?

– São crianças. – Ela disse, revelando que tinha notado a cena.

Ele ficou ainda mais constrangido. O que ia dizer? Não disse nada.

O zoológico, pela sua extensão, acabou se revelando divertido e cansativo. Ana Beatriz cansou-se de andar e teve que ser carregada no colo. Felizmente havia quatro adultos para se revezarem nessa empreitada. No entanto, o colo favorito era o do pai.

– Eu quero ver o hipopota- mo! Cadê o

PERIGOSAS ACHERON

hipopota-mo? – Ana Beatriz dizia a cada animal pelo qual passavam. Frustrante para todos, porque a pressa da menina em ver o referido animal estragava um pouco a apreciação dos outros que estavam no caminho.

Quando finalmente chegaram ao hipopótamo, nova frustração: nenhum deles estava à mostra. Todos submergidos, tendo apenas parte da cabeça para fora da água.

– Cadê o hipopota-mo? Eu quero ver! Vem cá hipopota-mo! Vem! – reclamava a menina no colo do pai, inquieta, tentando se posicionar no melhor ângulo e esperando por uma aparição completa de seu animal favorito.

Enquanto esperavam ansiosos pela boa vontade do animal que queria se comportar como um astro de Hollywood cheio de vontades e de má vontade, tiraram fotos. Mas Ana Bia queria uma foto com o hipopótamo TO-DO! Mas o bicho nada de atender!

Esperaram quase meia hora ali e nada! Ana Bia se cansou e proferiu:

– Mãe, o hipopota-mo não é mais meu bicho favorito! Ele não gosta de mim! Ele não quer ser meu amigo! Igual a Clarinha!

– Clarinha, filha? Sua amiguinha da escola?

– Ex-amiga! Não gosto mais dela. Eu falo com ela e ela não fala comigo! E ela não me dá bala!

– Já te disse que não quero você pegando bala com ninguém! – ralhou a mãe.

– Igual ao hipopota-mo! – continuou a menina.

– O hipopótamo nunca te negou bala – comentou Humberto cinicamente, despertando um sorriso em Lucinda e uma risada em Lourenço.

– Pai! Como você é bobo! O hipo-hipo, ah! – começou nitidamente cansada de dizer aquele nome difícil. – Ele não é meu amigo igual à Clarinha!

– Claro que não! O hipopótamo é mais bonito. Mas acho que a Clarinha deve cheirar melhor... –

continuou Humberto com a pilhéria, fazendo a menina cair na gargalhada.

Todos sorriram e se sentiram felizes com a risada gostosa da menina.

Prosseguiram a visita aos outros habitantes do zoológico, consumindo pipoca, algodão doce e churros, a cada tempo e dependendo do gosto de cada um. A menina comeu de tudo um pouquinho, deixando sempre restos, que Humberto devorava sem nenhum escrúpulo.

O próximo animal que atraiu bastante a atenção de Ana Beatriz, tão logo conseguiram fazer com que ela deixasse os brinquedos do parquinho que por ali havia, foi o elefante.

– Ele é enorme! Olha, mamãe! Olha, papai! Olha, Enço! Olha, Lucinda! Grandão!

Lourenço limitou-se a continuar mastigando sua pipoca. Apesar de relativamente divertido, graças ao bom humor de seu pai e à oportunidade de estar

PERIGOSAS ACHERON

novamente com sua família de uma maneira com que não ficava há muito tempo, estava cansado e começava a se perguntar por que tinha resolvido ir ao passeio. Aí olhava para Lucinda e intuía a resposta. Mas não havia meio de falar com ela ali... Mas a tinha observado: ela era muito carinhosa e atenciosa com sua irmãzinha. Salvou-a três vezes de cair tropeçando em momentos em que o casal estava totalmente distraído um com o outro. A maneira com que falava com ela era calma, paciente e doce. Doce! Um adjetivo insólito para ser usado para aquela figura esdrúxula.

– Ai! Que cheiro! – reclamou Analice.

– Não fui eu! – defendeu-se Humberto, com cara de comédia, sempre sem deixar de perder uma piada.

A esposa limitou-se a olhar para ele em meia censura, um olhar que dizia: *você não tem jeito!*

Por volta de uma da tarde, depois de terem visto

tudo que havia para se ver de bichos, resolveram almoçar num restaurante que ficava na parte central do Jardim Zoológico. Foi um alívio poderem se sentar um pouco. Pediram bife com fritas. Enquanto a comida não vinha, aproveitaram para ir ao banheiro e conversar.

– Lourenço, se lembra da última vez que veio aqui? – perguntou Humberto.

– *Claro, pai.* – Ele respondeu sem entender o porquê da pergunta. Não queria se lembrar, porque se lembraria que estavam ali como uma família, mas outra família: ele, o pai e sua mãe. Não Analice. E lembrar-se de momentos felizes com a família despertavam saudades dolorosas.

– Você tinha o quê? Oito anos?

– Sei lá, pai. Acho que é. A gente veio com a mamãe.

Humberto entendeu então o retraimento do filho e direcionou a próxima pergunta para

PERIGOSAS ACHERON

Lucinda:

– E você, Lucinda? Veio aqui quando?

– Foi há um tempão... – respondeu com um sorriso triste. – Acho que eu também tinha oito anos... Minha mãe também estava viva, como a de Lourenço – concluiu lançando a ele um olhar de solidariedade. Só quem já vivenciara a experiência de perder a mãe tão cedo poderia alcançar com plenitude o entendimento da dor, da sensação de perda, da angústia da saudade, da carência daquele amor tão especial e específico que é praticamente insubstituível.

Diante dos olhares desconfortáveis e do clima que se instaurou, a própria Lucinda tentou reverter o quadro:

– Mas hoje sei que a morte é apenas uma passagem e minha mãe ainda está viva e vou encontrá-la um dia.

– Legal, Lucinda. É bom a gente ter fé –
PERIGOSAS ACHERON

comentou Analice.

– A mãe do Lourenço está no céu. A sua também? – perguntou Ana Beatriz inocentemente.

– Também. Quem sabe as duas até já não são amigas? – continuou a babá, agora sem nenhum vestígio de tristeza, o que deixou Lourenço bastante intrigado, mas ao mesmo tempo irritado com o comentário.

– A gente não podia mudar de assunto não? – despejou Lourenço.

– Filho, estou com um novo jogo lá no meu computador. Acho que você ia gostar – disse Humberto tentando mudar mesmo o assunto.

– Legal, pai. Quando eu tiver um tempo...

– Posso jogar? – pediu a menina.

– Pode, querida. Mas acho que você não vai gostar, é jogo de pilotos em aeronaves de guerra com muitos tiros e...

– Pou, pou, pou! Me ensina a jogar, pai?

PERIGOSAS NACIONAIS

– É, Bia, eu...

– Nos filmes da guerra, os pilotos podem pular pra fora do avião com paraquedas, mas eles não pulam... – falou fazendo um beicinho de tristeza.

– Acho que ela quer dizer ejetar, pai – ajudou Lourenço.

– Ah, é isso mesmo, filha. Eles podem ejetar!

– Mas por que eles não ejetam? E morrem?

– São burros! – intercedeu o pai – Deviam ejetar! Ejetar é muito bom! É um alívio danado! Eu fui ao banheiro e E-JE-TEI!

– Humberto, pelo amor de Deus! Estamos à mesa! E olha a Lucinda aí... – censurou Analice, enquanto Ana Beatriz ria mesmo sem entender direito e Lourenço e a babá davam sorrisos discretos.

– A comida ainda não veio e Lucinda já é da casa! – redarguiu sem nenhum sinal de inibição.

O clima permaneceu divertido e animado

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

durante todo o almoço. Então, Analice aproveitou para fazer o convite novamente a Lucinda, conforme seu enteado havia, estranhamente, sugerido.

– Lucinda, Lourenço disse que você mora num lugar bem perigoso. Que horas você chega em casa?

Pega de surpresa, Lucinda lançou um olhar interrogativo ao rapaz.

– Ah, depende. No mais cedo, quase às dez.

– E que horas você sai de casa para estar lá em casa às sete? – prosseguiu.

– Às cinco e meia – respondeu tímida.

– Caramba! – exclamou Humberto. Muito cedo!

– É por causa do trânsito.

– E é perigoso?

Lucinda olhou para Lourenço antes de responder e sustentou seu olhar. Graças a ele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estavam tendo aquela conversa, mas não podia acreditar que ele realmente estivesse preocupado com ela.

– Então, eu sei que já tinha te oferecido antes, mas como Lourenço me disse que você está morando sozinha, em um quartinho, num lugar perigoso, temporariamente, eu vou te oferecer de novo: temos um quarto de empregada. Você já fica lá de tarde estudando, já usa o quarto, já está acostumada. Poderia ficar de vez. Danúzia vai para casa todo dia, nunca usou o quarto. Você economizaria tempo e dinheiro. E nós todos ficaríamos mais tranquilos com a sua segurança. O que acha?

– Eu agradeço, mas... Não sei se posso aceitar... E eu ia incomodar mais ainda vocês.

– Não é só até o final do ano? Não vai voltar para a casa de seu pai? Então? Um pouco de conforto não vai te fazer mal.

PERIGOSAS ACHERON

Lucinda olhou para Lourenço franzindo os olhos como quem diz: *fofoqueiro!* E agora? Como iria negar? Como se recusava uma gentileza daquelas?

– Não sei... Eu posso incomodar vocês, às vezes tenho pesadelos à noite...

– A gente estranha os gritos na primeira noite, depois acostuma! Todo mundo dorme que nem pedra lá... – falou Humberto.

– Talvez seu filho não se sinta à vontade com minha presença permanente... – arriscou. Ela sabia que entrava num terreno ardiloso, mas eles sabiam que o rapaz a tinha hostilizado desde o começo.

Lourenço fez cara de indignação.

– A ideia foi minha – defendeu-se. – A ideia foi minha, tá? Fui eu que falei com eles. Acho um absurdo, já que você vai continuar como babá da minha irmã, você morar naquele lugar horrível...

– Lourenço, assim você está sendo rude. Mas a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ideia foi dele sim. – Analice confirmou por último.

– Tudo bem, dona Analice. Já me acostumei. Mas realmente acho que vou incomodar vocês.

– Bobagem! Quando você pode se mudar? – inquiriu Humberto antes de abocanhar a primeira garfada da comida que acabara de ser servida.

– É, eu preciso falar com uma pessoa antes. Se ela disser que tudo bem... Amanhã, eu acho.

– Ótimo. Então está resolvido. Ajudo você com suas coisas amanhã – declarou Humberto.

Após o almoço, terminaram o tour pelo circuito do zoológico. Ana Beatriz já tinha perdido todo o interesse em bichos. Estava cansada, mas queria passear no parque à volta do zoológico. Queria brincar na grama. Analice lhe comprou uma bola e os quatro adultos jogaram com ela. Depois alugaram uma bicicleta de vários lugares em que todos, menos Ana Beatriz, pedalarão. A menina usufruiu do passeio e todos se divertiram bastante.

PERIGOSAS ACHERON

Em seguida foram para o museu. O Museu Nacional de História Natural, também conhecido como museu da Quinta da Boa Vista, possui grande acervo histórico e científico e constitui atração turística quase obrigatória a todos que visitam a Quinta. Pálacio em estilo neoclássico, foi a antiga morada de Dom João VI, e depois de Dom Pedro I e Dom Pedro II, quando então era chamado Paço Imperial de São Cristóvão. Analice queria muito ir ao museu. Tudo para ela ali era novo e se sentia quase tão criança quanto a filha. Sua infância em frente à televisão, vídeo game e posteriormente, computador, deixou algumas lacunas. E como não era do Rio de Janeiro, a Quinta não fez parte dela. Mas Ana Beatriz não queria entrar no museu.

– Que foi, filha? Por que não quer ir?

– É chato!

– Tem uma múmia de verdade! Não quer ver? – perguntou Lourenço, lembrando-se de que era o

que ele achava mais interessante naquele museu em sua época de menino.

– Não! – gritou a menina em uma atitude típica de pirraça.

– É, museu é chato mesmo... – comentou Humberto sem se preocupar em esconder seu descaso por museus ou qualquer outro tipo de atividade cultural. Claramente só ia para acompanhar a esposa.

– Humberto, não tá ajudando!

– Vamos, Bia, vai ser legal! – tentou a babá.

A menina tapou os ouvidos com força.

– Tem muito barulho aqui! Eles estão me assustando!

– Quem? Que barulho? Museu é um lugar até bem silencioso. Tem eco – argumentou Analice.

– Minha cabeça! Muito barulho! – gritou e correu para longe da porta do museu.

Lucinda a seguiu correndo e o resto da família

PERIGOSAS NACIONAIS

foi atrás. Mas antes que as alcançassem, Lucinda a ouviu dizer:

– Muitas vozes! Muitos amigos imaginários! Eles gemem de dor! Não aguento! Lugar velho sempre tem um monte deles!

Lucinda ficou séria e entendeu o que a menina dizia melhor que a própria menina. Abraçou-a e a pegou no colo. Quando a família se aproximou, ela propôs:

– Ana Beatriz está cansada. Por que vocês não vão e aproveitam enquanto eu fico com ela ali embaixo num gramado? Eu forro com a toalha que trouxe e ela tira um cochilo.

Analice pareceu muito decepcionada. Mas queria muito ir ao museu e queria o melhor para a filha. Olhou para trás para o museu, depois para o marido, para o enteado e para a filha.

– Você quer, filha? Tirar um cochilinho? Fica com a Lucinda?

PERIGOSAS ACHERON

A menina assentiu com a cabeça e escondeu o rosto no ombro da moça.

– Tá, tudo bem. Mas você não queria ir ao museu, Lucinda?

– Fui muitas vezes em criança, Dona Analice. Já conheço bem esse museu. Também vou ficar feliz de descansar.

– Eu fico com elas – declarou Lourenço com um tom de decisão que não era apenas oferecimento.

Lucinda queria discutir, dizer que não precisava, mas viu a teimosia nos olhos do rapaz e, decidiu que era melhor não se manifestar.

– Tá, tudo bem. Mas qualquer coisa é só ligar! Vamos, Humberto!

Humberto fez cara de criança pidona, olhando para os jovens com inveja e, para a esposa em seguida. Ele com certeza achava uma soneca na grama bem mais atraente que perambular pelos

PERIGOSAS ACHERON

corredores da história. Desolado diante do olhar autoritário da esposa, seguiu-a.

Lourenço e Lucinda escolheram um lugar gramado no parque com uma sombra de árvore e lá, Lucinda estendeu sua toalha. A menina havia adormecido em seu colo e ela a deitou gentilmente sobre a toalha sem despertá-la. Sentou-se do lado esquerdo e Lourenço, do lado direito. Ficaram em silêncio por algum tempo, olhando para a menina, para a grama, para as pessoas ao redor, para o céu e o brilho do sol. E então olharam um para o outro. A conexão estabelecida era puro magnetismo, mas pela delonga se tornaria embaraçosa se não fosse rompida. Os segundos se estendiam sem que nenhum dos dois desviasse o olhar e aquilo estava ficando estranho e sério e... mágico. Contudo, não havia forças suficientes para quebrar o encanto e Lucinda bendisse o fato de a menina estar entre eles ou, ou... se não houvesse o obstáculo e eles

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estivessem mais próximos...

– Bolsa de couro! É couro mesmo! Artesanato de primeira! Só vinte reais! – falou alto um vendedor ambulante que carregava um suporte com várias bolsas pequenas, em estilo hippie, imitando couro cru, com alças compridas.

Ele parou em frente a eles estendendo uma das bolsas, mostrando sua mercadoria, desfazendo o encanto que os olhos cor de mel e os olhos cor de céu exerciam uns sobre os outros e quase acordando Ana Beatriz, que se remexeu em seu sono.

Lucinda recobrou logo o estado de lucidez e examinou a bolsa com interesse.

– Vou querer a marrom – declarou retirando o dinheiro de uma bolsa preta de pano, feia e bem surrada e, que sem dúvidas, precisava se aposentar.

– Que marrom? São todas pretas! – observou Lourenço.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– É marrom! – teimou ela como quem defende uma causa muito importante.

O vendedor parecia não querer tomar partido sob o risco de perder a venda.

– Isso é preto! – Lourenço insistia, de pé, já segurando a bolsa.

Lucinda também se levantou indignada e pegou a bolsa e sacudiu-a perto do rosto do rapaz.

– É marrom. É bonita, olha! – e examinando melhor... – Não é artesanato... É da China!

– Na China marrom é preto? – questionou irônico.

– As flores douradas estão criando esse efeito...

– É preta. Moço, diz pra ela: esta bolsa não é preta?

– Olha, é da cor que vocês quiserem – falou recolhendo o dinheiro da mão da moça antes que ela mudasse de ideia e seguindo seu caminho apressado.

PERIGOSAS ACHERON

Lucinda olhou para Lourenço, agora divertida, e começou a rir.

– Que foi? – Ele perguntou com um sorriso.

– Olha só o que você me fez fazer!

– Hein?

– Dei vinte reais por essa bolsa vagabunda! –

Ela reclamou, mas de bom humor.

– Mas eu não...

– É, eu sei!

Não, ela não sabia. Ele também não. Nenhum dos dois sabia ao certo o que estava acontecendo entre os dois. Só sabiam que não tinha nada a ver com uma bolsa marrom ou preta, quando se sentaram novamente na grama, de costas para Ana Beatriz, lado a lado.

– Foi câncer de quê? – perguntou de repente, sem nenhum contexto, mas ela sabia bem do que ele estava falando. Ambos haviam perdido suas mães para o câncer. Dividiam uma dor comum,

PERIGOSAS NACIONAIS

uma perda comum.

– Intestino – respondeu com a voz já falhando, cheia de emoção. – E a sua?

– Colo de útero.

Ambos abaixaram os olhos em silêncio respeitoso, cheio de recordações amargas.

– Quer falar sobre isso? – Ela arriscou.

– Não. O que há para se falar? – resmungou com revolta.

– Não sei...

– Você quer?

– Acho que não... Só o que posso dizer é que...

– É uma droga!

– É. É mesmo uma droga...

– Num minuto ela está lá e é tudo na sua vida e você nem percebe. Nem dá valor... Nem se dá conta de como ela é importante... Daí, de repente... ela está doente e só vive no hospital ou na cama... e você não pode mais contar com ela. E se dá conta

PERIGOSAS ACHERON

do quanto é mimado, do quanto dependia dela pra tudo e... – sua voz já falhava e ele não conseguia mais conter algumas lágrimas que ele ia limpando com as mãos em movimentos bruscos, que demonstravam a raiva que tinha de sua fraqueza, de seu choro – que é um desgraçado egoísta porque está chateado por ela não poder mais fazer tudo por você e se sente um inútil porque não pode fazer nada por ela! – concluiu e engoliu em seco. Enxugou as lágrimas restantes e olhou para ela corajosamente, depois de ter aparentemente chorado e desabafado na frente da babá gótica que ele tanto desprezava.

Mas encontrou os olhos da menina ainda mais úmidos que os seus, suas faces borradas pela maquiagem preta que se dissolvia com as lágrimas. Além disso, o nariz dela estava vermelho e ela começou a fungar. Ele pegou uma caixa de lenços de papel na bolsa grande de criança, com as coisas

PERIGOSAS ACHERON

de Ana Beatriz e, sem aviso ou cerimônia, pôs-se a enxugar o rosto dela, suas pálpebras, limpando a maquiagem borrada. Lucinda ficou parada e dócil enquanto ele gastava quatro lenços de papel em seu rosto.

Quando terminou, ela ainda tinha lágrimas contidas para derramar, no entanto seu rosto estava limpo, sem um pinga de maquiagem. Ele o observou extático, completamente fascinado.

– Você é linda! – externou o pensamento sem medir consequências.

Ela sorriu tristemente.

– Quando minha mãe morreu, eu me perdi... Me perdi totalmente... Fiquei sem rumo... Não tinha mais em quem me espelhar... Ela é que me fazia ser uma boa menina... Sem ela, eu não consegui ser... – As últimas palavras morreram em um soluço e ela desabou em lágrimas novamente.

E como se aquilo fosse a coisa mais natural do

PERIGOSAS ACHERON

mundo, encostou sua cabeça e sufocou seu choro no peito de Lourenço, que a abraçou e deixou mais algumas de suas próprias lágrimas rolares. Assim ficaram por muitos minutos.

Devagar, aos poucos, com o choro cessando e envolvidos em uma aura de alívio, foram se desprendendo um do outro e se afastando. O embaraço tomou conta de Lucinda, que foi sentar-se novamente ao lado da menina que dormia. Lourenço a observou disfarçadamente enquanto ela refazia a maquiagem com auxílio de um espelhinho, tirando tudo de que precisava daquela bolsa de pano. Cobriu-se novamente de preto com a urgência e desespero de quem se camufla, de quem faz uma pintura de guerra. Cobria-se como se quisesse usar uma máscara.

De que ela se escondia? Agora que tinha visto seu rosto limpo e verdadeiro, duvidava de que fosse esquecê-lo. Como poderia? Se em vez de uma

PERIGOSAS ACHERON

bruxa, vislumbrara uma fada?

Ao terminar a maquiagem, ela pegou o celular e pôs fones nos ouvidos para ouvir música, claramente se distanciando dele e dos momentos de intimidade que vivenciaram. Aquilo o irritou. Parecia a reação de uma criança imatura. Num impulso, ele contornou a árvore, abaixou-se e roubou dela um dos fones, levando-o imediatamente ao seu ouvido para ver o que escutava.

– O que você está...? – disse quase ao mesmo tempo em que o colocava em seu ouvido e parou pela surpresa que teve.

Ela olhou para ele desconcertada.

– Mas o quê? Que...? – calou-se para ouvir mais um pouco e ao decidir que já era o bastante, devolveu-o para ela e levantou-se.

Lucinda desligou a música e guardou os fones, ciente de que não iria mais conseguir ouvir música

alguma.

– Você é uma fraude! Eu sabia!

– Quê? – perguntou, embora soubesse que ele se referia à música que ela estava escutando: uma canção romântica.

– Sertanejo? Sêrio? Que espécie de roqueira é você?

– Nunca disse que era roqueira!

– Góticos não ouvem esse tipo de música!

– Eu escuto o que eu quiser! É problema meu!

– É sim, mas...

– Vocês tão brigando de novo? – resmungou Ana Beatriz acordando.

– Não!!! – gritaram os dois em uníssono.

– Tô com sono... – reclamou.

– Dorme, querida, dorme – consolou Lucinda.

Ana Beatriz resmungou e virou a cabeça para o outro lado tentando voltar ao seu sono. Lourenço se sentou novamente do outro lado, pensativo. Aquela

PERIGOSAS NACIONAIS

garota o intrigava. Música romântica brega?

Pouco depois, Analice e Humberto se aproximaram em meio a uma de suas inúmeras discussões tolas:

– A gente aprende em museus!

– Eu não aprendo nada em museus! E para saber que uma múmia é feia e velha, só precisamos visitar a sua mãe!

– Deixa a minha mãe em paz, Humberto!

– Isso! Que ela descanse em paz em seu sarcófago.

– Pô, Humberto! A gente tava falando sobre aprender...

– É, aprender...

– Para aprender, você tem que esvaziar sua mente... Se disser que sabe tudo, a...

– Eu esvazio! Eu esvazio todo dia no banheiro! Eu esvazio toda manhã. Às vezes esvazio de tarde e de noite!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Analice deu um tapa no ombro do marido e soltou uma bufada. Ele era incorrigível. Um pândego. Mas era parte do que ela amava nele.

– Oi, pai. Gostou do museu? – implicou Lourenço, que conhecia bem o pai e ouvira o final daquela conversa.

– Tem o cheiro da casa da vó da Bia...

– Chega, Humberto! – reclamou.

– E quem gosta de museu é múmia! Ou seria o contrário? – continuou.

– *Pai!* – gritou Ana Beatriz levantando e estendendo os braços para o pai.

Deu-se por encerrado o passeio e a família tomou o caminho de casa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 14

QUÍMICA EXPLOSIVA

Naquela sexta-feira, Lucinda completava uma semana morando no quarto de empregada do apartamento de seus empregadores. Havia se mudado no domingo, quando Humberto a trouxera com suas poucas coisas: uma mochila grande e duas bolsas de viagem. A senhoria reclamou muito de não ter sido avisada com antecedência, mas não pôde fazer nada.

Foi com tremendo alívio que Lucinda deixou aquele lugar. Sua vida se tornaria bem mais fácil

daí por diante. Claro que antes de dar a resposta à família de Ana Beatriz, ela teve que consultar Noemi. Se sua amiga dissesse que não era uma boa ideia, então não seria.

Ana Beatriz não havia mais tocado no assunto de sua “amiga imaginária” e Lucinda achou que estava bom daquele jeito.

No momento se debatia com algumas questões de Química. Odiava Química. Para ela não havia nada mais incompreensível que aquela matéria. Conseguia estudar todas as matérias para o ENEM sozinha, lendo e resolvendo exercícios com gabarito, mas Química... Olhou para o relógio. Estava quase na hora. Na hora de ele chegar. Ele só vinha para casa às sextas e chegava por volta das 15 horas. Ela se odiava por parecer que esperava aquele momento a semana toda. Três e quinze. Ouviu o barulho da chave abrindo a porta do apartamento. Era ele. Depois ouviu o som abafado

PERIGOSAS ACHERON

de vozes dele e de Danúzia, provavelmente na cozinha.

Levantou-se para ir até lá para pegar um copo d'água, ou ao menos aquela seria a desculpa. Porque precisava desesperadamente vê-lo. Ó, céus! Por quê? Porque estava completamente apaixonada por ele! Péssimo! Aquilo era péssimo! Ela não podia... e ele a odiava! Achava-a feia e medonha em seu disfarce gótico. A razão perdeu aquele *round* porque antes que ela pudesse se controlar, seus passos a tinham tirado do quartinho e conduzido até a cozinha.

Ela parou olhando para ele e a vontade louca que teve de abraçá-lo confirmou ao seu âmago aquilo de que suspeitara há alguns segundos: estava definitivamente apaixonada. Droga. Mil vezes droga.

Ele interrompeu o que dizia a Danúzia imediatamente ao vê-la e os olhos de ambos foram

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tragados.

– Oi, tudo bem? – Ele a cumprimentou.

– Tudo! E você? – Ela conseguiu responder.

– Tudo! Servida? – Indicando uma jarra com suco.

Só então ela reparou que ele estava sentado à mesa da cozinha e que havia um prato de comida sobre ela. Danúzia tinha servido o que sobrou do almoço e esquentado para ele no micro-ondas. Ela estava servindo o suco naquele momento.

– Obrigado, Danúzia.

– De nada, Lourenço. Quer mais alguma coisa?

– Não, obrigado.

– Então vou lá acabar de guardar as roupas que passei.

E assim que Danúzia passou por ela olhando-a com estranhamento, ela acordou de sua patetice, de que estava parada ali, olhando para ele, como uma adolescente idiota.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Eu vim pegar um copo d’água – emendou logo a fim de disfarçar e rezando para que ele não houvesse notado o rubor em suas faces, que sentia arder.

Abriu a geladeira e pegou a garrafa d’água.

– Eu deixei para almoçar em casa. – Ele comentou entre uma garfada e outra.

– Ah. É, a comida da Danúzia é deliciosa – retrucou, já com o copo cheio d’água em suas mãos.

– Está estudando?

Nossa! Ele estava puxando assunto! – Ela pensou.

– É. Um pesadelo: Química.

Ele sorriu.

– Ah, não é tão ruim...

– É sim! Eu não entendo nada! Tenho muita dificuldade!

– Puxa! Então, acho que é sorte sua eu ser

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

muito bom em Química. – Ele completou com um sorriso que a fez se sentir derretendo por dentro.

– Como assim?

– Posso ajudar você.

– Ah, não. Que é isso? Você já passa a semana toda estudando... Tá cansado e... tem suas coisas...

– Deixa eu te ajudar, vai? Tô falando sério. Eu adoro Química.

– Não posso aceitar...

– Vai lá no seu quarto e pega seu caderno, livro, apostila, o material e matéria que tiver, lápis, caneta e coloca na mesa da sala. Quando eu acabar aqui, vou tomar um banho e te encontro lá.

– Daqui a pouco, tenho que buscar a Bia...

– Nem que seja meia horinha acho que dá para estudar...

O tom seguro e quase autoritário dele não deu margem a uma recusa. Demais, ela realmente precisaria de alguma ajuda em Química.

PERIGOSAS ACHERON

– Tá – concordou receosa, engolindo o restante da água até deixar o copo vazio sobre a pia.

Em meia hora ele estava na sala, sentou ao lado dela à mesa, exalando um gostoso cheiro de sabonete. Tímida, ela abriu a página do livro e indicou as questões que não compreendia. Ele assumiu o controle, pegou um lápis e começou a resolver as questões, explicando tudo em voz alta.

Lucinda admirou-o ainda mais pela sua inteligência, clareza de ideias, sagacidade. Ele era maravilhoso e ela não o merecia. Entendeu as explicações, acompanhou o raciocínio, apesar de estar fazendo um esforço enorme para se concentrar no estudo e não ficar pensando em como os dedos dele eram longos e pareciam gentis ao segurar o lápis, ou para não ficar olhando para o rosto dele ou nenhuma outra parte dele. Oh, como aquilo era doloroso! A consciência de estar apaixonada atingia com força total, assim como a ciência de

PERIGOSAS ACHERON

que era a primeira vez em sua vida. É, tivera muitos namorados na adolescência, mas nunca sentira nada parecido com aquilo. Nunca se apaixonara.

Às quatro e trinta, ele encerrou lembrando-a do horário. Lucinda sobressaltou-se, porque realmente havia esquecido.

– Não vou com você buscar a Bia, tenho umas coisas para fazer, mas à noite te levo lá na luz azul – disse bem-humorado, levantando-se e encerrando de vez a aula.

Ela devia dizer que não. Que iria sozinha à noite, que ele não era babá da babá, mas não conseguiu. Ele era teimoso. E ela não queria recusar.

– Tá.

Na terceira sexta-feira estudando Química com
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Lourenço, Lucinda já não achava que a disciplina era um código secreto criado pelo capeta, mas algo meramente difícil, mas que ela começava a entender.

Como acontece sempre que duas pessoas estudam juntas, elas não só estudam, mas o próprio estudo as leva a assuntos que naturalmente se transformam em conversas. E nessa terceira aula, os dois já se entendiam bem, já tinham falado sobre suas falecidas mães e de tudo que tinham em comum por causa disso. Riam juntos e conversavam como velhos amigos. A moça descobriu um lado divertido de Lourenço que lembrava um pouco o talento para o humor que o pai do rapaz tinha. Ele nunca mais a criticou pela aparência, nem havia mais nenhum sinal de hostilidade ou censura. Dessa forma, ela naturalmente se mostrava dócil e revelava mais de si mesma a ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ao explicar ligações químicas, Lourenço animou-se bastante. Começou a fazer desenhos para explicar. Por um instante foi tomar a caneta vermelha das mãos de Lucinda para destacar seu desenho, contudo, nenhum dos dois estava preparado para aquele contato físico. O leve toque de sua mão na dela para pegar a caneta acendeu uma centelha. Sentiram-na ambos e procuraram-se nos olhos um do outro. Segundos eternos e agonizantes precederam a decisão de Lourenço de pular naquele abismo. E ele mergulhou. De cabeça. Com o pulso e o coração acelerados, largou a caneta vermelha e estendeu a mão para puxar Lucinda para si segurando sua nuca com firmeza e esticando seu próprio pescoço para vencer os centímetros que separavam seus lábios dos dela. Suas bocas se encontraram em uma explosão de suspiros e gemidos que os libertaram de seu desejo contido e reprimido há dias, semanas ou mais.

PERIGOSAS ACHERON

Lucinda foi incapaz de lutar contra o que estava acontecendo e não resistiu quando segurando seu rosto com as mãos e sem livrá-la do beijo, ele a puxou para cima com ele, levantando-se ambos ao mesmo tempo de suas cadeiras, para, em pé, seus corpos poderem se tocar mais livremente. Lucinda acariciou-lhe os cabelos da nuca e tocou com as mãos o peito do rapaz, fraca e sem vontade para controlar suas mãos e entregando-se ao deleite que era beijá-lo e ser beijada.

Ele também lhe acariciou os cabelos, o rosto e o pescoço e aprofundou o beijo. Mas o barulho de Danúzia vindo da área cantarolando soou para ambos como o sino da realidade e os fez estacarem e separarem-se abruptamente e sem fôlego, atirando-se a suas cadeiras e pegando cada qual um lápis, numa tentativa quase infantil de parecer que estavam estudando, quando Danúzia passasse pela sala. De cabeça baixa e, envergonhados como

PERIGOSAS ACHERON

crianças pegas em traquinagem, esperaram que a empregada passasse pela sala com uma pilha de roupa passada nos braços, em direção aos quartos.

Logo que ela se foi, Lourenço olhou para Lucinda e tomou a palavra:

– Me desculpa. Não sei o que deu em mim. Eu... Acho que não vou com você à casa da luz azul hoje... – E assim dizendo, levantou-se de pronto e fugiu da sala, deixando Lucinda sem saber o que pensar.

Lourenço entrou em seu quarto como um vendaval e bateu a porta com força. Estava perturbado. Estava louco, com certeza. Como aquilo pôde acontecer? Como e por que ele beijara a personificação de tudo o que detestava em uma menina? Detestava? Não sabia de mais nada. Atônito, foi ao banheiro e lá, olhando no espelho, viu seu rosto manchado pela maquiagem dela – borrões pretos. Seus lábios manchados por aquele

PERIGOSAS ACHERON

batom preto... Ele beijara a bruxa! Louco! Idiota! Odiava-se! Contemplou no reflexo a prova de que não imaginara, não sonhara. Num ímpeto, pôs-se a lavar o rosto com sofreguidão, em uma tentativa psicológica patética de apagar o gesto. O que Lucinda estaria pensando dele?

Mas ela também o beijou! E... ela ... ela... Ele sentiu que ela estava tão sem controle quanto ele. Ela retribuiu o beijo e o agarrou... e suspirou... E só de lembrar ficou tenso e sentiu a loucura de novo e a vontade de voltar lá e continuar e explorar toda aquela insanidade lúcida. E se perder na embriaguez sóbria daquele sentimento novo e confuso.

Sim, tinha que, mesmo pesarosamente, admitir a atração e sua força. E não sabia o que o assustava mais: o fato de ele se sentir atraído por ela, ou se a constatação de que era correspondido. Como ela poderia? Depois de como a tratara?

Secou o rosto, olhou-se novamente no espelho e respirou fundo para conter seu impulso novo e primitivo que o empurrava na direção da babá. Teve que inspirar mais vezes para obrigar-se a ficar no quarto e colocar as ideias em ordem. Precisava deixar a razão falar mais alto.

* * *

Lucinda ainda estava sentada à mesa de jantar com o material de estudo espalhado e o rosto com a maquiagem borrada, fato para o qual ela nem havia atentado ainda. Não tivera ânimo de se levantar. Sentia-se violada. Não que ele a tivesse agarrado à força! Ele apenas começara... Depois, não forçou, foi natural e estranhamente *certo* e com um sentimento de completitude. Ela simplesmente não pôde resistir. Violada. Com suas barreiras rompidas, seu escudo abaixado. Diretinho para os braços dele como se só estivesse esperando por

PERIGOSAS ACHERON

isso...

Levantou-se, juntou tudo e foi se refugiar no quartinho, temendo que a qualquer momento, ele reaparecesse e seu mundo rodopiasse novamente.

O que estava acontecendo? É, ela já sabia que estava apaixonada por ele! Mas e ele? Também estaria apaixonado por ela? Ele não a desprezava? Não a achava feia? Não tinha horror a góticas? Só queria brincar com ela? Pensava enquanto arrumava seu material de estudo e deixou seus olhos recaírem sobre o livro de literatura. Lembrou-se do poema de Olavo Bilac que lera naquela semana ao estudar sobre o autor – Um beijo.

*Foste o beijo melhor da minha vida,
ou talvez o pior...Glória e tormento,
contigo à luz subi do firmamento,
contigo fui pela infernal descida!*

Era exatamente assim que se sentia.

* * *

Mais tarde, despedindo-se de Noemi, pouco antes do horário de sempre e, já desanimada com a perspectiva de ter de andar e pegar ônibus, constatou que havia ficado mal acostumada. Noemi a interpelou na saída:

– Ele não veio com você hoje?

– Ele? – fingiu ignorância.

– É, o rapaz que tem trazido você e esperado lá fora.

– É, não.

– Vocês brigaram?

– Como assim brigamos? Ele não é meu namorado!

– Não? É bom mesmo que não! Você sabe que não pode... Ainda não...

– Eu sei – disse apressadamente, mas sentindo-

PERIGOSAS NACIONAIS

se terrivelmente culpada e mentirosa.

– Senti uma perturbação em você hoje. É por causa dele?

– É, bem... Também tem a Ana... Ela a viu. Ela vê. Tem amigos imaginários...

– É normal em crianças. Mas ela falou com ela? Não está respeitando o que combinamos?

– Não. Acho que está. Tá tudo bem. Foi só o susto de saber.

– Mas e o rapaz?

– É o irmão dela.

– Vocês...?

– Eu estou... apaixonada por ele – confessou.

Apesar de ter sentido algo assim, Noemi ainda se surpreendeu, porque sabia que na situação em que se encontrava, Lucinda não diria aquilo se não fosse sério, não fosse verdade ou não tivesse certeza.

– E ele?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Não sei.

No mesmo instante, as duas entreolharam-se ao ouvirem o barulho de carro parando na porta da casa. Noemi foi até a janela.

– Parece que ele veio te buscar.

Lucinda correu até a janela também, parecendo que precisava ver para crer. Olhou apenas os segundos bastantes para confirmar que se tratava realmente de Lourenço, afastando-se em seguida, não preparada ainda para um contato visual.

– O que está acontecendo, Lucinda?

– Ele me beijou. Hoje.

– Nossa! Então, acho que vou orar um pouco mais. E você também deve pedir forças a Deus para ser forte. Você não pode ficar com esse rapaz. Não agora.

– Eu sei, Noemi.

E então a campainha tocou. Noemi saiu e abriu o portão, mas Lucinda estava logo atrás, tensa.

PERIGOSAS ACHERON

– Boa noite. – Ele cumprimentou a mulher mais velha, para em seguida olhar para Lucinda, ansioso.

– Noemi, este é Lourenço. É o irmão de Ana Beatriz.

Lourenço estendeu a mão, mas Noemi o abraçou. Depois olhou para ele sorrindo. Ele retribuiu o sorriso um pouco desconcertado.

– Eeee..., como vai a senhora?

– Bem, bem. Lucinda já estava de saída.

Noemi a abraçou e sussurrou em seu ouvido: *juízo*.

Na calçada, já sozinhos, os dois jovens olhavam-se constrangidos e permaneceram mudos. Lucinda o seguiu até o carro. Ficaram em silêncio até chegar ao estacionamento do prédio. Enquanto tiravam o cinto de segurança, foi que Lucinda precisou falar:

– Obrigada por ter ido me buscar, mesmo tendo

dito que não ia.

– De nada. Não era justo. Foi infantil da minha parte – falou com a voz embargada e agora olhando nos olhos dela. Lucinda temeu aqueles olhos e aquele momento. Temeu ainda mais aquela proximidade. – Foi infantil da minha parte te beijar e me trancar no quarto. Coisa de moleque. E eu não sou moleque. Posso ser jovem, mas sou um homem.

Lucinda sentia seu coração bater tão forte que parecia que ia explodir. Não conseguia desprender o olhar. Mas precisava dizer algo:

– Você não precisa dizer nada...

– Lucinda, você não quer saber por que eu te beijei?

– Eu...

– Eu passei a tarde pensando numa resposta pra essa pergunta. Que eu me sinto atraído por você é a mais óbvia, mas insuficiente. Porque não é só

físico... Então, eu tive que admitir pra mim mesmo que...

Lucinda o fitava em tétrica expectativa.

– Eu estou completamente, irremediavelmente, inequivocamente, totalmente, inteiramente apaixonado por você.

Lucinda continuava muda. Estava perplexa, contudo, enlevada. Feliz. Ele gostava dela? Sua paixão era correspondida? Como podia ser? Então eles se beijariam e seriam felizes para sempre? Só que não. O conto que ela vivia no momento não era de fadas, era de terror. E não podia arrastá-lo para aquilo. Como ela continuasse sem palavras, Lourenço resolveu continuar:

– Se você não disser nada, não me empurrar ou me bater, eu vou beijar você. De novo. Agora.

Ah, não. Ela tinha que impedi-lo! Mas por falta de ação ou vontade, não o fez. Lourenço virou-se no banco e a enlaçou em seus braços. Buscou-lhe

PERIGOSAS NACIONAIS

os lábios com gentileza e lentidão. Lucinda o acolheu e o beijou de volta. E os dois iniciaram um processo de exploração mútua que envolvia lábios, língua, olfato, toques e aconchego. Somente quando Lucinda sentiu que se não o impedisse aquilo evoluiria rapidamente para mais que um beijo, foi que ela buscou forças sobre-humanas para empurrá-lo.

– Lourenço... – disse ofegante.

– O quê? – Ele murmurou.

– Não podemos.

Tarde demais – disse com um riso irônico.

– Você não entende. É sério.

Ele respirou fundo a fim de recobrar o autocontrole e a postura.

– Tá, tudo bem. Então, você não gosta de mim?

– Não é isso!

– Então você gosta? De mim? Um pouco?

Porque... eu tô louco por você.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Lucinda sentiu-se partida ao meio, pois ele a lisonjeava e a enchia de contentamento, mas ela tinha que recusá-lo.

– Ah, Lourenço! Como pode estar apaixonado por mim? Você me acha horrível!

– Não! Não acho! Achava! Sei lá! Não tem lógica! O amor não tem lógica!

Lucinda emocionou-se outra vez. Ainda mais. A palavra *amor* era ainda mais forte que *apaixonado* e a desestruturou emocionalmente. Deus! Ela ia derreter-se nos braços dele! E precisava manter a cabeça no lugar!

– Eu só preciso saber se você...

– Eu também estou. – Ela confessou. Não podia ouvir toda aquela declaração de amor e mentir, deixando que ele pensasse que não era correspondido – Apaixonada. Por você.

– Está? – Ele falou em meio a um sorriso. – Verdade?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Verdade. Estou. – Ela completou com um sorriso tímido.

Ele sorriu ainda mais e ia beijá-la novamente, mas ela o impediu, erguendo a mão direita como um sinal de *pare*.

– Não, Lourenço.

– Por que não?

– Não está certo. Eu sou a babá e...

– Ah, por favor. Estamos no século vinte e um! E você não é exatamente uma pessoa humilde. Está trabalhando como babá porque quer...

– E isso aqui é um tremendo clichê.

– Não sou o filho do patrão que dá em cima da empregada, por favor! Acabei de dizer que estou apaixonado por você.

– O que os seus pais diriam?

– Não sei, não estou preocupado com isso agora...

– Mas vai...

PERIGOSAS ACHERON

– Tá, e se não houver problema? Por que está criando problemas?

– Não posso ficar com você.

– Ótimo, porque não quero ficar com você. Quero namorar você.

Lucinda tinha de ser muito forte. Acabara de ouvir palavras ainda mais doces que lhe provocaram novo enternecimento. Ah, como ela queria dizer que sim! Sim! Sim!

– Não é o bastante...

– Não vê que estou passando por cima de tudo para ficar com você?

Lucinda sentiu uma pontada de decepção pelo que ele disse. Passando por cima de quê? Da aparência dela, porque a achava feia? De quem ela era?

– Não sei se me sinto lisonjeada ou ofendida agora...

– Ah, por favor! Será que dá para superar esse

PERIGOSAS ACHERON

seu momento [5]Elizabeth Bennet e parar de me tratar como Sr. Darcy? Sei que te tratei mal no começo, me desculpa. Era todo o meu orgulho e preconceito lutando contra o que eu estava sentindo por você. Nem sei como pode gostar de mim depois das coisas que disse pra você.

Ela sorriu. Era um sorriso de reconhecimento e admiração. Ele era incrível. E culto. Que garoto de dezenove anos conheceria *Orgulho e preconceito*?

– Eu não tinha pensado nisso. Adoro *Orgulho e preconceito*, mas realmente não tinha pensado...

– Então não pense.

E a beijou.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 15

O FANTASMA

Mal começaram a se beijar,

levaram um susto tremendo e pararam. A buzina do carro tocou sozinha, longamente, sem que tivessem esbarrado nela. E ao mesmo tempo os faróis se acenderam e o limpador de para-brisas começou a funcionar.

Lucinda ficou pálida e aterrorizada, abriu a porta do carro e saiu nervosamente. Lourenço

tratou de desligar tudo. No entanto, estava intrigado. Aquilo fora estranho. Quando tudo voltou ao normal, ele saiu do carro para ir atrás dela. Mas então, nova surpresa: o motor do carro ligou sozinho. Ele voltou ao interior do veículo, desligou-o e retirou a chave, que trouxe consigo para o lado de fora. Contornou o carro até estar de frente para ela.

– O que foi isso?! – falou visivelmente alterado.

– Por que você acha que eu sei?

– E não sabe? Foi você?

– Como assim fui eu? – respondeu irritada.

– Sei, lá. Você é paranormal? Ou é aquele lance de bruxa? O latim...

– E você acredita nessas coisas?

– Não! Mas, ISSO foi estranho! – falou apontando para o carro.

– Então vai aceitar quando eu digo que não

PERIGOSAS NACIONAIS

podemos ficar juntos?

– Como? Quero dizer..., esse lance aí tem a ver com a gente?

– Suponho que sim. Se você se aproximar de mim de novo, essas coisas podem acontecer...

– Que merda! – Agora ele estava nervoso. – Então você é mesmo bruxa? Ou é um lance tipo *Carrie, a estranha*? Que merda é essa?

– Calma! – pediu erguendo as duas mãos – Calma, Lourenço.

– Vai, fala: o que está acontecendo?

– Não era para ninguém saber! Se eu contar, ela pode ficar ainda mais chateada...

– Ela? Ela quem? Vamos, fala logo, senão vou começar a pensar em todos os filmes de terror que já vi e imaginar coisas...

– Não posso!

– Droga, Lucinda!

– Não dá para você ser racional? Quer dizer, o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

carro pode ter ligado sozinho, tipo eletrostática ou...

– Nem tenta, você é péssima em Ciências!

– Mas isso quer dizer que você acredita no sobrenatural?

– Eu não sei. Só sei que eu preciso de uma explicação!

– Que tal assim: fazemos de conta que não aconteceu: o incidente do carro e eu e você também. Nós entramos no apartamento, e eu volto a ser só a babá, com quem você não precisa nem falar e você vai ser só o irmão da Bia pra mim... E nada mais de estudos de Química e nem de... você sabe.

– Sem chance. Você não pode dizer que também está apaixonada por mim e me pedir pra esquecer tudo! Mas eu e você? A gente até pode resolver depois. Mas o que eu quero saber agora é de quem você estava falando e o que aconteceu aqui?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Ah, meu Deus! – desabafou em um suspiro. – Lisânia, desculpa, eu vou ter que contar pra ele – falou com o olhar perdido.

– Lisânia? Com quem você está falando?

Lourenço temeu duas coisas: descobrir que sua amada era louca ou descobrir que fenômenos sobrenaturais realmente existiam.

Voltando-se para ele e armando-se de coragem, ela respirou fundo antes da revelação:

– Você acredita em fantasmas?

– Claro que não. Fantasmas não existem.

– Então..., em espíritos? Almas?

– Você está me assustando – exteriorizou seu pensamento, porque aquele era o tipo de explicação que ele temia.

– Se não acredita, nem pode acreditar, não tenho o que explicar a você, porque não vai acreditar em mim e vai me achar louca.

– Tá, tudo bem – disse limpando garganta com

PERIGOSAS ACHERON

um pigarro e se endireitando, como que se preparando para um grande baque. – Vou tentar manter a mente aberta. Manda ver!

– Tá... É, você se lembra de quando me disse que me investigou? – Ela disse e esperou que ele anuísse com a cabeça para continuar. – E você soube da garota gótica da minha escola que se suicidou. Pois então... É ela – Lisânia.

– Você está tentando me dizer que essa garota é um fantasma e estava ou está aqui no momento? – perguntou com expressão de incredulidade.

– É isso mesmo.

Ele forçou uma risada. Estava nervoso e assustado e não sabia no que acreditar.

– Isso é loucura!!! Tá. Aí, de repente aquele lance de eletrostática não está mais parecendo tão ruim... – disse com certa ironia.

– Sério?! Você estava pronto para acreditar que sou uma bruxa, mas não pode acreditar em
PERIGOSAS ACHERON

fantasmas?!

– Bruxa em termos... Você podia ter algum poder psíquico, sei lá... Essas coisas têm estudo científico...

– Fantasmas também.

– Nunca ouvi falar.

– A física quântica meio que está caminhando para a comprovação da existência de... espíritos.

– Puxa! Agora você virou a espertinha em Ciências?

– Lourenço, você me pediu para explicar e eu estou explicando. Mas se não quer acreditar... – disse virando as costas e fazendo menção de ir embora.

O rapaz segurou-a pelo braço, virando-a novamente para ele.

– Foi mal. É que eu estou tentando processar, mas esse lance de fantasma é meio apavorante, né? Então, Lisânia é um fantasma. E ela está aqui,

agora?

– Bem, pelo menos estava há alguns minutos...
O carro; lembra?

– Como você pode saber disso? – perguntou dividido entre a desconfiança e o pavor de aceitar aquilo como realidade. – Você falou com ela? Você vê?

– Não. Não posso ver. Noemi vê e me falou. Ela é médium vidente. É isso que faço na casa dela. Ela se comunica com Lisânia.

– Ah, então temos que acreditar na palavra de Noemi... – concluiu cinicamente.

– Olha só! Você não tem que acreditar em mim ou em Noemi. Eu sou assombrada pelo espírito de Lisânia. E tenho que fazer algumas vontades dela ou ela pode... não sei... fazer coisas ruins...

Lourenço queria muito não acreditar, queria muito pensar em uma explicação lógica para o carro ter dado a louca de repente, mas aquilo
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estranhamente fazia sentido...

– Por que você? – perguntou agora sério e preocupado.

– Acho que já disse o bastante. Você já entende que namorar é uma das coisas que Lisânia não quer que eu faça. Eu PRECISO obedecer.

O choque no rosto de Lourenço era descomunal. Ele estava perplexo e tudo aquilo era muito insólito.

– Sei. Então, você não pode ficar comigo porque ela não quer... – começou a concluir.

– Não você especificamente. Ninguém.

– Lucinda, isso é muito estranho. Por que ela te escolheu para assombrar?

– Eu não posso falar sobre isso.

– Não pode ou não quer? – perguntou com sagacidade.

– Por favor, Lourenço. Eu já te contei demais – disse chorosa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– E ela também proíbe você de contar?

– Pode-se dizer que sim. Não me pergunte mais nada. Só, tente entender que...

– A gente não pode ficar junto; sei... – concluiu tristemente. – Só que eu não aceito isso – falou segurando as mãos da moça. – Tem que haver um jeito!

– Por enquanto não dá. Mas nem sei se tá certo querer ficar com você, Lourenço. Você é um cara tão legal... Acho que não mereço...

– Que história é essa? Como assim não merece?

– Não mereço. Você é bonito, inteligente, resolvido na escolha da profissão, é um bom irmão e filho... Eu não sou nada disso...

– Quem disse que você não é inteligente? – falou ternamente passando os dedos pelos cabelos dela. – Pra profissão ainda tem tempo... E debaixo disso tudo aí, você é bonita... – começou em tom brincalhão de novo – posso ver por esses seus olhos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

incríveis! Deus! Eles são tão azuis! – completou absolutamente fascinado pelos olhos dela, capturado pelo olhar.

– Você não me conhece direito...

– Quero conhecer... – falou com os lábios perigosamente próximos dos dela.

Lucinda se afastou de novo.

– Mas você entendeu que não tem como, né?

Ele inspirou e soltou um longo suspiro de frustração.

– Por causa da fantasma?

– É. Preciso que prometa ficar longe.

– Temos que fazer alguma coisa!

– Não tem nada pra fazer além do...

– Não podemos salgar e queimar os ossos da defunta ou fazer um exorcismo, sei lá?

– Você está citando um seriado de tevê? – falou Lucinda sem conseguir deixar escapar o riso.

– Já que fantasmas existem... bem, talvez...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Os fantasmas dos filmes não são como na vida real...

– Vida real? Sério? Nós estamos tendo uma conversa em que FAN-TAS-MAS existem! Isso é VIDA REAL?

– É. Você falando assim, me sinto bem maluquinha... Mas é a minha vida e é bem real...

– Então?

– Então você quer invadir um cemitério, exumar um corpo e tacar fogo nele?

– Tem alguma ideia melhor?

– Isso não funciona, Lourenço. O espírito não está aqui preso a um corpo em decomposição; ele pode ficar independente disso... são várias coisas ou assuntos que o prendem, mas por sua própria vontade...

– Sei..., então nada de “Supernatural”, está mais para “Gasparzinho” ou “Ghost”... Sei. Coisas... Assuntos pendentes – concluiu com uma satisfação

PERIGOSAS ACHERON

sherloquiana bem-humorada.

– Eu e Noemi estamos trabalhando nisso. Confie em mim. Quando tudo se resolver, talvez...

– Talvez...? Quando?

– Talvez no fim do ano...

– Ainda estamos em setembro, Lucinda! Você quer me matar?

– Não posso te pedir para me esperar. Então, me esqueça, sei lá.

– Você vai me esquecer?

– Ah, Lourenço, claro que não. Mas vou aguentar. Se no final do ano, você ainda gostar de mim...

Ele beijou-lhe as mãos devagar e carinhosamente.

– Minha bruxinha linda, Ana Beatriz tinha razão, você é uma princesa. E eu quero ser seu príncipe. Eu vou tentar ficar longe. Toda essa história de fantasma é demais pra mim... Não sei no

que acreditar... Mas vou tentar ficar longe, para o seu bem. Mas vai ser tão difícil... Acho que vou ter que parar de vir pra casa nos finais de semana se quiser que eu respeite isso...

– Eu vou morrer de saudades, mas infelizmente é uma boa ideia... Ainda mais agora que moro com vocês... Por sua insistência... – falou retirando as mãos.

– É, acho que já gostava de você. As desculpas que eu arrumava eram muito toscas... – falou de bom humor com um sorriso meio triste.

– Eu lamento tanto...

– Espera aí, pensei numa coisa agora... E Ana Beatriz? Algum perigo para ela?

– Não. Ela não entra no apartamento. Faz parte do acordo.

– Tem certeza?

– Tenho. Pode ficar tranquilo. Eu não faria nada que pudesse causar qualquer problema para
PERIGOSAS ACHERON

Ana Beatriz. Eu amo essa menina!

– Eu acredito em você. Só vou fazer uma perguntinha a mais. Ou melhor, vou concluir e você me diz se estou certo?

Como ela não disse nada, ele resolveu prosseguir:

– A tal Lisânia era gótica. E você não era. Eu sei disso porque me falaram quando fui à sua escola. Então, me corrija se eu estiver errado, mas acho que você não é gótica de verdade. É mais uma das exigências da fantasma? Ela quer que você fique parecida com ela. Por que eu não sei, mas acho que é isso. Tô certo?

– Está. – Ela respondeu com a cabeça baixa.

– Eu sabia! Sabia que tinha alguma coisa em você e essa coisa de gótico que não batia!

– Está mais feliz agora, né? Está louco pra me ver sem isso tudo aqui? – Ela falou com um gesto com as mãos indicando a si própria. – Nunca

PERIGOSAS NACIONAIS

gostou mesmo muito de mim assim...

– Na verdade, estou até meio decepcionado! Me apaixonei por uma bruxinha gótica. Vai que você não é tão bonita ao natural... – disse em tom cômico, obviamente brincando. – Mas, falando sério, tanto faz. Já me acostumei e, realmente me apaixonei por você assim.

– Não se preocupe, vou continuar assim por bom tempo...

– Seu cabelo não é tão preto, né? Qual a cor natural dele? – perguntou movido pela curiosidade.

– Loiro.

– Sério? Pensei em um castanho escuro ou claro, mas... Loiro natural? – disse tocando-lhe novamente os cabelos.

– É, loiro escuro.

– Caramba! Uma loira de olhos azuis! Não! É tão clichê... – falou simulando desprezo.

Lucinda entendeu a brincadeira e sorriu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Posso pintar o cabelo da cor que você quiser...

– Adoro seus olhos, nada mais importa.

– Então, esperar...

– Então, Lisânia, – começou ele, com voz empostada, sem esconder um toque de humor e respeito ao mesmo tempo – nós estamos subindo agora. SE-PA-RA-DOS. Tá feliz? – concluiu ele para o nada, olhando ao redor.

Subiram e no elevador, cada um se apoiando à parede oposta ao outro, mantendo a distância, Lourenço arriscou uma ideia perigosa:

– Você disse que ela não subia... Então quando estivermos lá em cima...

– Não, Lourenço! É muito arriscado. Não posso enganar ela. Não é só o que ela vê! Ela lê pensamentos, sabe das coisas...

– Então, acho que uns amassos escondidos no

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seu quartinho estão fora de cogitação, né? – brincou ele novamente.

– Lourenço! – ralhou com ele com uma indignação fingida.

– Não pode culpar um homem por tentar... – disse com um sorriso. – Eu tô tão bolado com esse negócio de fantasma... – confessou. – Sabe, isso muda tudo! Toda a minha visão de mundo... É... assustador!

– Eu sei.

– Seus pesadelos....?

– Com ela... É quando a vejo.

– Imaginei.

– Ela não me deixa em paz...

Ele quis perguntar por que, mas ela já tinha lhe explicado que não podia lhe falar sobre aquilo.

Ao entrarem no apartamento e encontrarem Analice e Humberto preocupados à espera deles é que se deram conta do quanto era tarde. Mais de

PERIGOSAS ACHERON

onze da noite. Esqueceram-se da vida conversando no estacionamento!

– Onde é que vocês andaram? Demoraram muito! – reclamou Analice.

Os dois se entreolharam como cúmplices buscando uma saída. Lourenço tomou a palavra:

– Lucinda demorou muito lá na terapia de luz azul...

Ela olhou para ele com olhar de censura, porque ele acabara de jogar toda a culpa em cima dela!

– Me desculpem! Desculpem mesmo! É que Noemi hoje tinha outros pacientes... Eu tive que esperar a minha vez, não sabia que ia demorar tanto... – falou, confirmando a versão dele. – Eu vou me recolher agora. Desculpem mesmo. Boa noite, Seu Humberto, Analice, Lourenço... – terminou com um cumprimento que era um gesto com a cabeça para cada um deles.

E assim que Lucinda se retirou, os olhares se

PERIGOSAS ACHERON

voltaram para Lourenço.

– Olha, meu filho, se você não reclamasse e falasse tão mal dessa menina, eu podia jurar que vocês estão de namoro! – falou Humberto com seu jeito bem-humorado de sempre, um tanto irônico.

– Não! – apressou-se em negar, embora sua negativa tenha sido a de um péssimo ator. – Que é isso, pai? Eu e a esquisita? Pelo amor de Deus! Que horror! – tentou disfarçar mais canastrão ainda, o que fez com que Analice achasse que Humberto podia não ter falado algo tão absurdo assim.

CAPÍTULO 16

CRIME E CASTIGO

O final de semana foi estranho. Lourenço quase não saiu do quarto, dizendo que precisava estudar. Na verdade, ele realmente estudou. Depois de vários finais de semana sem conseguir se concentrar nos estudos por causa de Lucinda e seus sentimentos conflitantes por ela, agora ele estranhamente parecia aliviado. Ter confessado seu amor o libertou de certa forma. Saber que era correspondido o encheu de alegria. Ele estava extasiado.

Então, o fato ou teoria de haver um fantasma que os separava, estranhamente não incomodou tanto. Havia esperanças e o impedimento podia ser temporário. Também de cético rapaz sem nenhuma espiritualidade, viu-se obrigado a rever seus valores e aquele tipo de esperança, a de uma vida após a vida, também o animou. Era uma perspectiva nova. Mesmo sua futura profissão, agora via sob uma ótica diferente. Tinha uma missão importante e tudo que fizesse contava, pois nada cessava com a morte física.

Desse ponto de vista, o suicídio de Lisânia, ou qualquer outro, era algo estúpido mesmo, porque a morte era apenas uma ilusão. O sofrimento não cessava. A morte não existe. Eram alvíssaras. Por outro lado, a responsabilidade de viver passava a ser muito maior. Tudo que fizesse teria consequências...

Lucinda saiu durante o dia no sábado. Saber

PERIGOSAS ACHERON

que ela não estava lá, também o ajudou a se concentrar nos estudos. No fim da tarde, ele brincou um pouco com a irmã e depois saiu à noite com uns amigos, coisa que não fazia há muito tempo.

Quando Lucinda voltou para o apartamento à noite e soube que ele saiu com amigos, sentiu algo parecido com ciúmes. E se os amigos saíssem para paquerar? E se houvesse uma amiga? Aquilo era estúpido e inútil! Não podia começar a sofrer como uma namorada ciumenta! Deus! Eles não eram namorados! Mas era difícil controlar seus pensamentos e o fato de ela ter dito que ele não precisava esperar por ela também não ajudava em nada.

No domingo, a família foi ao shopping, mas sem Lourenço. Ele novamente saiu com amigos e, Lucinda, que já havia perambulado por um shopping o sábado todo para ficar longe dele, não

PERIGOSAS ACHERON

tinha ideia do que fazer no domingo.

Acabou se entregando à leitura de um livro de aventuras bem humorado, para ajudá-la a se distrair. Era *Guardians volume 1*, de Luciane Rangel. Funcionou por um tempo, pois a leitura era boa e divertida; mas, inevitavelmente imaginava Lourenço como um dos guardiões e sua figura – como herói – era tão atraente, que a fazia suspirar e pensar nos beijos que trocaram na sala de estar e no estacionamento. Então, aquilo era estar apaixonada! Logo agora que tinha superado todas as dificuldades iniciais de suas provas e expiação! Devia ser porque ela já não sofria, tinha que surgir algo novo para lhe impingir novo sofrimento! Ela merecia! Tinha de suportar!

Nos dois finais de semana seguintes, Lourenço não voltou para casa. Lucinda sentia cada vez mais saudades, mas sentia-se aliviada, porque a distância mantê-los-ia longe um do outro e aquilo era bom.

No entanto, sabia que na outra semana ele viria. Ele não podia se privar do convívio com sua família por tanto tempo por causa dela!

E ele veio. Só se viram à hora das refeições e não se falavam. Aquilo era mais estranho que o comportamento habitual dos dois antes e o casal Analice e Humberto continuava a tentar entender o que se passava entre aqueles dois.

Assim se passou outubro inteiro. Ele viera para casa duas vezes e eles mal se falaram.

Lucinda sofria tanto que chegou a chorar algumas vezes na solidão de seu quartinho. Lourenço afundava-se nos estudos. Suas notas melhoraram e essa foi a única coisa boa naquela separação de um casal que nem chegou a ficar junto. Em paralelo aos estudos, Lourenço conduzia uma pesquisa profunda e detalhada sobre o oculto. Fantasmas, espíritos... Lia tudo que achava de informação a respeito. Havia muita idiotice, muita

PERIGOSAS ACHERON

besteira, muita ficção. Mas havia algumas teorias que pareciam bem sérias.

Ele manteve a distância como prometera – a muito custo. Mas não sabia quanto tempo mais suportaria. Seu sentimento não esvaecera, ao contrário, fortaleceu-se. Morria de saudades! Consumia-se de paixão e não podia contar a ninguém! Tinha amigos, mas todos para as horas de riso e diversão. Nenhum com quem pudesse conversar sobre estar amando. Nenhum que o levasse a sério se dissesse que estava apaixonado por uma garota lúgubre e misteriosa. Que dirá se mencionasse a história de fantasmas! Em muitos momentos ele próprio duvidava. Que provas tinha? Só um carro ligando sozinho?

Se ao menos ela lhe contasse mais. Sentia-se louco, mas achou consolo em sua pesquisa: desde tempos imemoriais sempre houve crenças na existência de espíritos e que eles sobreviveriam à

PERIGOSAS ACHERON

morte do corpo físico. Também havia relatos de pessoas que eram acompanhadas por esses espíritos – chamados de obsessores. Eles normalmente queriam algo. Então a pergunta era: o que a menina Lisânia queria com Lucinda? E por que a fazia vestir-se como ela em vida? Se ao menos Lucinda se abrisse com ele!

Ele a deixara em paz um mês! Um mês! Um mês sem conversas, sem toques... Um mês de olhares furtivos e bons dias, boas tardes, boas noites, ois e tchau. Não suportava mais aquilo. Precisava falar com ela de verdade! E ele sabia que a oportunidade perfeita seria o aniversário de casamento de seu pai com Analice. Eles fariam uma viagem romântica de fim de semana para um hotel-fazenda no interior do estado. Viajariam na sexta à noite e voltariam no domingo à noite. Haviam confiado em Lucinda para ficar com Ana Beatriz sob a supervisão dele. Perfeito. Teriam

PERIGOSAS ACHERON

algum tempo para conversar.

Na sexta-feira daquele final de semana, Lucinda não foi visitar Noemi, porque o casal já havia viajado e ela se responsabilizou por Ana Beatriz. Tinham feito muitas recomendações. O que Lucinda não imaginava era que se preocupavam principalmente com a questão de deixar dois jovens de dezenove anos, do sexo oposto naquele apartamento. Só mesmo a distância respeitosa com que se tratavam e a hostilidade inicial de Lourenço convenciam o casal de que não havia perigo sexual ali. O mais importante era que Ana Beatriz estivesse bem e Analice confiava nos dois para isso.

– Enfim sós. – O rapaz parodiou, assustando Lucinda assim que ela pôs os pés na sala de estar, após ter se certificado de que Ana Beatriz dormia.

– Lourenço. Tudo bem?

– Tudo. E você? Quero dizer: não, não tá tudo

bem! – suspirou. – Chega dessas formalidades! Há um mês que a gente tá nessa! “Oi, tudo bem?” “Tudo!” Não aguento mais isso!

Lucinda se retraiu e viu que o que temia estava acontecendo. Sabia que não seria fácil passar um fim de semana com ele e Ana sem a presença dos pais. Só não esperava que ele fosse aproveitar o primeiro minuto!

– Lourenço, você sabe que nós...

– Lucinda, eu respeitei o que você me pediu! Mas se você me explicasse tudo...

– Ah, Lourenço... – lamentou-se num sussurro.

Ele se aproximou e parou apenas a um passo dela.

– Sinto saudades... – Ele disse ternamente.

– Nós nos vimos! Nas duas vezes que você veio para casa no fim de semana.

– É. Nos vimos e eu disse: “Oi, Lucinda, tudo bem?” E você respondeu: “Tudo bem”. E outras

meias palavras...

– É melhor assim – replicou com firmeza.

Lourenço baixou a cabeça e os olhos pensativamente. Em seguida levantou apenas os olhos. Lucinda sentiu medo, pois o que viu foi um olhar decidido e contraventor. E não houve tempo para pensar muito ou levantar escudos para o que viria em seguida. Lourenço avançou sobre ela fêrvido, resolutivo. Enlaçou-a com suas mãos transgressoras firmando-a pelas costas contra seu peito, enquanto sua boca cobria a dela, um afã de paixão inefável.

Lucinda não podia nem queria resistir. Era fraca. Sim, sentia-se muito fraca para recusar o que tanto desejava. Sentia-se explodir por dentro quando fechou os olhos e se entregou àquele beijo delituoso, deliciando-se no sabor do proibido. Ela queria tanto! E pelo menos naquele momento ela teria, mesmo sabendo que haveria consequências...

PERIGOSAS NACIONAIS

Por mais funestas que fossem, valeria a pena! Ao menos precisava acreditar que sim.

Beijaram-se com desespero, misto de saudade e desejo, apetência, urgência. Temiam que não fosse verdade, que o momento acabasse, que não pudesse se repetir. Beijavam-se como se fosse a última vez. Lucinda agarrava-se ao pescoço dele como se alguém a quisesse arrancar dali a qualquer momento. Beijaram-se muito, várias vezes. Interrompiam o beijo apenas para tomar fôlego e reiniciar todo o processo. Lourenço a beijava também no pescoço e cabelos e Lucinda se entregava a essas carícias e as retribuía. Quando a paixão se acalmou, sentaram-se no sofá e continuaram a se beijar, mas mais devagar, docemente até cessarem e ficarem apenas abraçados por um longo tempo. Lourenço o quebrou:

– Sabe o que eu queria fazer, né?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Sei, eu também queria.

– Então...

– Já fomos longe demais. Isso não deveria ter acontecido. E não só por causa daquilo... É tão errado eu ficar com você... Se soubesse...

– Não vou saber se não contar. Mas sinceramente não entendo o que pode haver de errado em ficar com alguém de quem se gosta.

– Também tenho medo do que ela pode fazer...

– Bem, até agora nenhuma luz piscando ou televisão ligando sozinha...

– Ela não sabe ainda. Mas vai saber.

– Ah, é porque ela não entra no apartamento, né?

– Não entrava. Agora que me mudei para cá, ela teve de vir.

– Mas ela não prometeu...? – questionou assustado mediante a possibilidade de haver um fantasma ali.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Prometeu ficar longe da menina. Então ela não entrava no apartamento. Agora que moro aqui, ela fica no quartinho comigo.

– Como você sabe?

– Eu não vejo, mas sinto a presença dela.

– Como?

– Os pelos do meu braço se arrepiando, uma sensação de estar sendo observada. Uma angústia, uma dor no peito, um sofrimento que sei que não é meu, mas dela. Não sei explicar. Só sei que ela está lá. Não o tempo todo, mas constantemente.

– Certo. Então ela não viu nada.

– Vai ver... Ela entra nos meus sonhos... vai ver meus pensamentos...

– Droga! – praguejou reconhecendo o perigo que havia ali. Mas em seguida tentou suavizar o clima, abandonando a seriedade. – Posso deixar você acordada todas as noites – disse em um sussurro sensual.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Lucinda não achou a brincadeira bem-vinda e se soltou do abraço dele e se moveu para o canto do sofá, mantendo certa distância dele.

– Ah, qual é? O que ela pode fazer? Quebrar algumas coisas dentro de casa? E daí? – Ele continuou.

Lucinda agora parecia ter sido trespassada pela razão e se arrependia dos momentos de fraqueza, vislumbrando consequências inexoráveis. Levantou-se, mostrando-se ultrajada.

– Você não entende! Nós temos um acordo! Eu e ela! E eu estou quebrando o acordo!

– Por causa de uns beijos?

– É! Eu não posso ser feliz! Eu não posso atingir nenhum tipo de realização pessoal ou profissional! Eu estou pagando! Eu tenho que pagar!

– Pagar? – indagou incrédulo.

– Eu tenho uma dívida com ela! E eu preciso

PERIGOSAS ACHERON

pagar! Eu quero pagar! Para ficar em paz e para ela ficar em paz.

– Dívida de quê? Pagar como? – perguntou, já angustiado e assustado por uma revelação que ele não conseguia processar.

– Eu preciso do perdão dela e ela precisa me perdoar.

– Perdão? – A compreensão começava a se formar para Lourenço, mas trazia outras implicações de fatos que ele desconhecia e temia agora conhecer.

– Eu fiz uma coisa a ela... – confessou Lucinda, angustiada, derramando uma lágrima.

– Você fez o quê? – Ele perguntou temeroso pela resposta.

– Eu... – Não conseguiu terminar.

Não conseguiria ainda confessar a ele o seu crime, sua vergonha. Saiu dali e correu para seu quarto, onde se trancou. Lourenço foi atrás dela.

Bateu na porta e chamou várias vezes. Fez perguntas. Ela não respondeu. Ela se manteve firme em não abrir a porta e não responder e, olhou para o vazio do quarto ciente de que o espírito Lisânia ali a encarava decepcionada, questionadora e, que em breve, saberia de sua traição.

* * *

Na manhã seguinte Ana Beatriz amanheceu ardendo em febre. Lourenço já acompanhava seu estado desde a madrugada, quando a menina o chamou tossindo e reclamando da garganta.

Lucinda saiu de seu quarto, um pouco mais tarde do que costumava acordar, com menos maquiagem do que costumava usar e mais do que queria. Sentia-se cansada. Dormira mal e teve pesadelos. Não conseguia se lembrar deles com

PERIGOSAS ACHERON

precisão, mas sabia que Lisânia estava furiosa com ela. Adormecera rezando na noite passada, mas sabia que suas orações não haviam ajudado muito. Ela errara e errara feio. Como resultado, acordava tarde e sentindo-se mal. Temia o próximo encontro com Lourenço. Ele podia estar bravo ou ainda conciliador e sedutor. Em ambos os casos seu encontro seria difícil. Mas não estava preparada para o que encontrou.

Ele estava sentado à mesa de jantar com uma xícara de café, a terceira desde a madrugada, quando acordara. Lucinda logo lhe percebeu o semblante preocupado e abatido.

– O que houve? Você está bem?

Ele olhou para ela e ela sentiu o peso de ser, de algum modo, a responsável por aquele sofrimento.

– Ana Beatriz está doente. Começou de madrugada. Está com febre alta. Consegui abaixar com remédio, mas está persistente. Pelo que

PERIGOSAS NACIONAIS

examinei, a garganta dela está inflamada. O nariz também está congestionado. Fiz uma nebulização nela, deu pra melhorar um pouco para ela voltar a dormir. Tá dormindo agora. Vou deixar ela descansar e depois acho que vou levá-la a um médico.

– Hoje é sábado.

– Tem emergência pra isso. Não sou médico ainda, não posso receitar. Acho que é uma crise alérgica que afetou tudo, ela vai precisar de remédios específicos e um antibiótico. Precisamos de receita.

– Ela toma um remédio em caso de crise...

– Eu sei. Já dei o que tinha que dar.

– Acha que devíamos chamar seu pai e...?

– Claro que não. Somos adultos. Podemos cuidar disso. Nada de ligar para eles, senão ficam preocupados e vão querer voltar. Não quero estragar o aniversário deles.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Tem razão. Mas e quando eles ligarem? Vão ligar para saber se está tudo bem.

– A gente vai dizer que ela está um pouco atacada de alergia, mas está bem. Nada para se preocupar.

– Mentir.

– É. Você quer mesmo estragar o fim de semana deles? Eu não quero.

Lucinda concordou com a cabeça. Sentou-se e serviu-se de café.

– Como posso ajudar?

– Indo comigo ao hospital.

Ela entendeu que seria apenas apoio. Era o mínimo que podia fazer. Concordou novamente com a cabeça.

– Lucinda, você acha que isso pode ter relação com o que fizemos ontem? Que é um castigo?

Era nisso mesmo que ela estava pensando, mas falando assim em voz alta, era bem mais alarmante.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– É no mínimo uma coincidência assombrosa.
Eu a vi em meus sonhos. Está zangada.

Ele deu um murro em cima da mesa.

– E vai se vingar na minha irmãzinha?! Que não tem nada a ver com isso!? – gritou alterado.

– Crianças são mais sensíveis a perturbações espirituais.

– E agora que você me diz isso?

– Desculpe. Eu não imaginava que ela pudesse...

Lourenço se levantou e começou a andar de um lado pra o outro.

– A culpa é minha! A culpa é toda minha! Você me avisou! Avisou-me que não podíamos! Disse que não queria vir para cá. Eu insisti.

– Você não fez nada sozinho.

Lourenço olhou para ela e lembrou-se dos momentos de paixão. Mas tudo era diferente agora e ele se arrependia, porque se as consequências

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

envolviam sua irmã...

– É golpe baixo da parte dela.

– Pode não ser. O que sua irmã tem pode ser só físico.

– É, mas a coincidência é sinistra. Vamos resolver a parte física. Quando ela acordar, você arruma ela e vamos para o hospital. Agora o que podemos fazer quanto ao espiritual?

– Por enquanto? Rezar. Se preciso, procuramos Noemi.

– Rezar?

– É. A prece é muito poderosa.

– Eu não sei rezar. Não tenho religião.

– É só pensar. Elevar o pensamento às forças do bem. Elas vão impedir o mal de agir. E dirija também seus pensamentos à Lisânia. Peça desculpas. Explique-se.

– Sêrio?

– Sêrio. Eu vou fazer o mesmo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Lourenço assentiu e, a seu modo, imediatamente fez uma prece. A parte mais estranha foi explicar a um fantasma por que havia beijado aquela garota; a única vez na vida em que explicou por que havia beijado uma garota fora para o diretor da escola – na quinta-série –, algo parecido com: *porque eu sou um garoto e ela é uma garota*. Mas agora era diferente com Lucinda.

Então, sem que pudesse controlar seu pensamento ou editá-lo, saiu a versão pura e simples e que, portanto, devia ser a verdade: *porque eu a amo*.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 17

PATO NOVO NÃO DÁ MERGULHO FUNDO

Levaram Ana Beatriz ao médico e conseguiram uma receita. Compraram remédios. Rezaram juntos e separados. Lucinda mimou ainda mais Ana Beatriz, com dengo, cafuné, comidinha gostosa e brincadeiras. Lucinda e Lourenço assistiram aos desenhos favoritos da menina com ela. Enfim,

trataram-na como doente, com toda meiguice possível.

O remédio ou a oração fez efeito. Talvez ambos. A febre da menina cessou de vez e a crise alérgica foi controlada. A garganta melhorou. Quando os pais da menina voltaram, encontraram tudo em relativa ordem e normalidade, exceto o fato de ela ter de continuar tomando alguns remédios. Ficaram um pouco chateados por não terem sido avisados da gravidade da situação, mas gratos e orgulhosos. Não notaram o quanto os dois jovens estavam exaustos física e emocionalmente.

Após esse fim de semana tumultuado veio um tempo de calma. Lourenço ficou três semanas sem voltar para casa e Lucinda, apesar de sentir saudades, sentia-se grata, pois era bem mais fácil lidar com suas emoções quando ele não estava por perto.

Naquelas três semanas, Lourenço foi

PERIGOSAS ACHERON

constantemente incomodado pelas lembranças da doença de Bia e das palavras de Lucinda – *eu fiz uma coisa a ela*. As palavras pairavam no ar com um invólucro de mistério. Ele não podia deixar de pensar no que ela teria feito. Longe dela, na faculdade, pensava mais com a cabeça e menos com o coração. Tinha que ser algo grave, ou não haveria um fantasma vingador na cola dela.

Inevitavelmente sua mente vagava por lugares sombrios, levando-o a teorias obscuras, pensando no pior. Será que Lisânia não havia se suicidado? Teria sido assassinato? E Lucinda seria...? Não, era terrível demais! Mas ainda assim, de alguma forma, o espírito a culpava e, talvez, pela sua morte. Essa ideia tenebrosa aninhou-se em sua mente. Mandou uma mensagem para o celular dela perguntando: Por favor, eu preciso saber: *o que você fez a Lisânia?* Ela respondeu: *Não vou falar sobre isso*. Bem, se ela não ia falar, ele precisava achar um

PERIGOSAS ACHERON

jeito de descobrir.

Lourenço pesquisou e descobriu a delegacia e o delegado responsável pelo caso. Queria saber detalhes como quem achou o corpo e os detalhes sobre o suicídio. Então, pegou uma declaração da faculdade, de que era estudante de medicina lá e elaborou um plano. Ele falaria com o delegado a pretexto de estar fazendo um estudo para a faculdade, na área de medicina legal. O delegado se chamava Perez. Jorge Perez.

* * *

Quando finalmente conseguiu que o delegado Jorge Perez o atendesse, Lourenço encontrou um homem em seus trinta e poucos anos, de rosto simpático. Era moreno claro, tinha olhos escuros e cabelos cor de mel, matizados por vários fios brancos.

Jorge Perez era bem experiente e já havia

PERIGOSAS ACHERON

trabalhado em casos pra lá de estranhos. O processo de suicídio de Lisânia Afonso Paiva não tinha sido nada incomum – rapidamente encerrado com a conclusão de suicídio. A não ser por aquela comichão – ele tinha uma comichão quando algo não se encaixava em um caso –, um sinal de encrenca, um sinal de alerta. E, geralmente, a comichão estava certa. Ele chamava de comichão, outros gostavam de chamar de instinto. O importante é que ela nunca falhava. Então, quando se concluiu que se tratava apenas de um suicídio, ele teve a comichão, mas teve que ignorá-la por falta de provas ou evidências.

Perez tinha a consciência limpa, pois se não podia fazer nada, era porque nada ele podia fazer. Era um bom policial. Considerava-se mesmo um bom sujeito. Logicamente, em sua profissão, fizera coisas ruins, mas ele era o cara bom que pegava os caras maus. Ponto. Acomodara-se ao sistema

PERIGOSAS ACHERON

corrupto com todas as suas falhas e com ele, e apesar dele, fazia o seu trabalho. Então quando olhou para aquele aspirante a médico com aquela desculpa esfarrapada de trabalho de faculdade para falar com ele sobre o caso Lisânia Afonso Paiva, sua comichão voltou. Com força total. Aliás, não se lembrava de tê-la sentido tão intensa assim desde a noite em que entrou em sua sala uma menina chamada Catarina Durval há alguns anos atrás. Aquilo sim era encrenca com E maiúsculo. Mas como aquela encrenca se tornara uma grande amiga, ia dar o benefício da dúvida para o rapazote ali.

– Então, por que o caso Lisânia Afonso Paiva?

– Porque ela estudava com minha namorada.

Minha namorada ainda sofre com isso e, se eu descobrisse mais detalhes sobre, para o meu trabalho, talvez também ajudasse minha namorada a ter um pouco de paz.

Esperto. Muito esperto, pensou Perez. Ele estava misturando mentira com verdade. Logicamente era uma questão pessoal.

– Separei a pasta para você. Mas vai ter que olhar tudo aqui e agora. Nada sai daqui, entendeu?
– estendeu a pasta para ele.

– Posso tirar fotos? – perguntou enquanto examinava os documentos e fotos da vítima.

– Não! Só pode anotar.

E Lourenço anotou, anotou e anotou.

– Uma pergunta: o senhor em nenhum momento achou que poderia não ter sido suicídio?

Ah, ele sabia. Ali tinha!

– Achei sim.

– Sério? Por quê?

– Pela posição em que estava a cadeira. Muito longe do corpo. Se alguém pula de uma cadeira com uma corda no pescoço, a cadeira tomba próxima ao corpo, não onde estava. Olhe na foto!

PERIGOSAS NACIONAIS

Lourenço olhou. O delegado estava certo.

– O perito não concordou com o senhor?

– Concordou. Mas não tínhamos mais nada, sabe? Então é o sistema: é melhor um caso de suicídio esclarecido que um assassinato insolúvel. E podia mesmo ser que a garota pudesse ter chutado a cadeira... Ela tinha histórico de agredir a mãe, uso de drogas, tentativas anteriores de suicídio, depressão... A garota tava toda ferrada aqui, se é que me entende – concluiu Perez apontando com um dedo para a própria cabeça.

– Chegou a ter algum suspeito?

– O namorado. Ele é que achou o corpo.

– Ele achou o corpo?! Não a mãe?!

– Ele entrava e saía do apartamento da garota a toda hora, acho que tinha a chave... A mãe tinha perdido o controle. Os dois se drogavam lá na frente dela... A maior parte do tempo ela preferia não estar lá.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Que horror! Mais alguma coisa suspeita sobre ele?

– Eles tinham tido uma briga feia na véspera e a mãe disse que foi por isso que ela se matou.

– Sabe o motivo da briga?

– Ela achava que ele tinha corneado ela com outra garota.

Lourenço assimilou amargamente as palavras do delegado. Não pôde evitar de pensar em Lucinda. Teria sido ela a outra? Teria sido aquilo a coisa que ela fizera a Lisânia? Melhor que assassinato sem dúvida, mas a simples possibilidade o enojava.

– Sei. E por que ele foi descartado como suspeito?

– Falta de provas. Não achamos nada na corda a não ser o DNA da própria menina. E tinha o bilhete suicida.

– Entendo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Tá, agora é sua vez.
- Minha vez? – perguntou sem entender.
- É. Conte o que eu sabia, agora, você me conta o que você sabe, que fez você vir até aqui desencavar essa história. Sem papo furado.
- Eu não sei de nada, delegado. Eu só queria fazer anotações para um trabalho...
- Trabalho uma ova! Pode ir falando. Sua namorada. O que ela tem a ver com a história?
- O senhor não acredita em mim?
- Na história de trabalho não. Estou interessado na história da sua namorada com a garota.
- Mas não tem nada...
- Olha só, ou você abre o bico e me conta umas verdades interessantes, ou posso arranjar um jeito de você passar bastante tempo aqui na delegacia...
- O senhor não pode me prender!
- Vem aqui e mente para um policial. Toma meu tempo com historinha... Acho que é bem sério

PERIGOSAS ACHERON

isso.

Lourenço não podia acreditar. O cara era esperto demais! Também, onde ele estava com a cabeça quando resolveu entrar numa delegacia com aquela história ridícula? Ah, ele sabia: nos filmes mentirosos a que assistia e em Lucinda, claro. Mas o que podia contar de verdade para o delegado Perez que não soasse como sandice?

– O senhor não vai acreditar...

– É bom que seja a verdade! Não importa o quanto ela possa ser estranha, desde que seja a verdade! Você também não ia acreditar nas coisas estranhas que já vi e vivi.

– Na verdade, essa garota que estudou com Lisânia não é minha namorada. Eu só gostaria que fosse. Ela está sendo obsediada por um espírito... – ele não ia dizer que suspeitava dela, apesar de querer a verdade a todo custo, não podia incriminá-la, mesmo que com uma história tão louca. –

Precisamos descobrir o que aconteceu de verdade com Lisânia e por quê. Quem sabe assim, o espírito tem paz e deixa ela em paz.

O delegado olhou seriamente para o rapaz. Sondou-o para ver se era troça. Ele parecia mesmo estar falando a sério.

– Você está de sacanagem comigo?

– O senhor pediu a verdade e não tenho outra...

– falou mesmo ciente do quanto ele podia estar parecendo um maluco.

– Tá com sorte hoje, garoto! Alguns presos foram transferidos hoje pela manhã para um presídio e tô com uma cela vaziiinha...

– Pelo amor de Deus, delegado!

Lourenço passou as próximas duas horas xingando a si mesmo dentro de uma cela vazia, vizinha de outras lotadas, por querer dar uma de esperto. *Como pudera ser tão estúpido? E o delegado nem lhe deixara dar um telefonema. Ah,*

mas ele arrumaria um advogado e esse delegado Perez ia ver... – Pensava assim quando um guarda o tirou de lá e o conduziu novamente para a sala do delegado.

– Pelo amor de Deus! O senhor vai me soltar?

– Vou, moleque! Pato novo não dá mergulho fundo! Você por pouco não se afogou, mas fica calmo. Eu liguei pra minha mulher e ela ligou... É que o namorado da cunhada da prima da minha mulher frequenta um lugar... – Lourenço parecia perdido. De que raios aquele delegado estava falando? – A minha mulher já foi lá e disse que é bom. Ela fala umas coisas, sabe? Então, pode ser que esse espírito esteja...

– Espera aí! O senhor acredita em mim? Acredita em espíritos? – Lourenço estava pasmo. Havia esquecido que muitos brasileiros veem essa questão da espiritualidade de uma forma diferente e bastante natural.

PERIGOSAS NACIONAIS

– Não acredito nem desacredito. Que têm coisas por aí, têm. O negócio é o seguinte: esse espírito deve tá responsabilizando sua amiga pela morte dela. Então, ou sua amiga a matou ou fez alguma coisa que fez ela querer se matar. Por isso que você tem dúvidas se foi suicídio, né? Duvida da sua amiga?

– Eu tô meio perdido nessa história, não sei o que pensar. Ela diz que fez uma coisa a ela e que tem que pagar. Que precisa de perdão – confessou.
– Mas não me diz o que é.

– Sua amiga é a menina que tava saindo com o namorado dela?

– Não sei. O senhor sabe quem era?

Perez procurou pelo nome nos arquivos do caso no computador.

– Aqui. Lucinda Antunes. É ela?

– A própria – murmurou Lourenço desolado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 18

DESSENDANDO MISTÉRIOS

Lourenço tinha o peito confrangido desde seu encontro com Jorge Perez. O delegado acabou se revelando de muita ajuda e inacreditavelmente solícito. Ele voltou para a faculdade, mas não para casa. Não voltaria para casa enquanto não esclarecesse mais algumas coisas. Lucinda não era totalmente honesta com ele e ele estava magoado.

Entrou naquela igreja não como um fiel, embora tivesse solenemente feito uma prece à entrada, pedindo pelas bênçãos do bem em sua missão. Isso ele havia aprendido com Lucinda: o poder da oração. O culto da noite já estava no fim e por isso recebeu alguns olhares curiosos e reprovadores das pessoas que se sentavam nos últimos bancos. Ele não buscou assentos. Encostou-se a uma parede próxima à saída.

A igreja era grande e simples. O pastor parecia fazer as orações finais, quando ele localizou o indivíduo que procurava: Regis do Carmo. Foi um pouco difícil, porque ele estava bem diferente das fotos que Perez lhe mostrara na delegacia. O rapaz tinha ficha por porte de arma, envolvimento em brigas e, quando menor, fora apreendido com drogas.

Não era mais gótico. Que interessante! Todo arrumadinho para vir à Igreja, embora não pudesse

PERIGOSAS ACHERON

esconder o buraco que o alargador de orelhas tinha deixado, assim como parte de uma tatuagem de caveira que era possível ver em seu antebraço esquerdo – a manga da camisa social que usava estava arregaçada. O que ela podia ter visto nele? Não podia entender. Mesmo com suas roupas de domingo, ainda era comum e... feio.

Sentiu os ciúmes o atingirem com força total. Era incoerente, porque *ele* era parte do passado dela. Mesmo assim, aquilo o incomodara. Concordara em ajudar Perez com qualquer coisa que descobrisse e por isso o delegado lhe dissera onde encontrar Regis e também a mãe de Lisânia. E ali estava ele de novo bancando o detetive. As coisas que fazia por causa daquela garota! Especialmente a menos de duas semanas das provas finais!

Esperou que o culto terminasse, as pessoas saíssem e o seguiu para abordá-lo no pátio do lado

PERIGOSAS ACHERON

de fora da igreja.

– Regis do Carmo?

O rapaz se assustou perante a investida do estranho e olhou para os lados como que buscando saídas. Parecia assustado, agia como alguém que deve. Na verdade devia a muita gente. Financeiramente e moralmente.

– Posso falar um instante com você?

– Sobre o quê? – perguntou desconfiado, sabendo que aquele não era um frequentador da igreja.

– Sobre Lisânia e Lucinda.

A reação de Regis apanhou Lourenço de surpresa. O rapaz simplesmente saiu correndo para fora do pátio da igreja. Lourenço seguiu-o.

– Espera aí!

Somente os carros trafegando na rua e a impossibilidade de Regis atravessá-la pôde dar a Lourenço o tempo de alcançá-lo. Segurou-o pelo

PERIGOSAS NACIONAIS

braço com força para o espanto do jovem.

– Só quero conversar! Por favor.

Regis assentiu com a cabeça, desolado, como se uma força maior o empurrasse e o fizesse concordar. Acompanhou Lourenço até um bar de equina e deixou que o rapaz lhe comprasse uma coca-cola, já que sua recente conversão à fé evangélica o proibia de ingerir bebidas alcóolicas. Sentaram-se para conversar.

A cara de choro de Regis deixou Lourenço sem jeito. Ele olhou para os lados, preocupado com o que aquilo pareceria aos olhos de outras pessoas. Felizmente, provavelmente os olhos vermelhos do rapaz pareceriam os de alguém embriagado, coisa não fora do comum em um bar, apesar da coca-cola sobre a mesa.

– Eu não tenho paz – choramingou. – O que aquele demônio quer agora? Agora manda seus emissários dentro da casa do Senhor?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Meu nome é Lourenço e sou amigo de Lucinda. A morte de Lisânia a afetou muito e, pelo que vejo, a você também.

– Essa é outro demônio! Maldita!

– Você está falando de Lucinda?

– É, a praga do demo! Ela acabou com a minha vida!

Lourenço estava prestes a saber mais sobre ela e tinha medo. Parecia que o que estava prestes a ouvir mataria seu amor pela babá. Ele murcharia diante de tanta decepção...

– Como assim?

– Ela não é sua amiga? Você deveria saber!

– Saber o quê?

– O que você quer comigo?

– Preciso saber de tudo para poder ajudar ou tirar ela da minha vida de vez...

– Ah, entendo. Ela fez mais uma vítima... – falou com malícia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Me conta a história toda, por favor.

Regis contou que era gótico quando começou a namorar Lisânia. Confessou que usava drogas e que iniciou a namorada no mundo gótico e dos entorpecentes; pecados dos quais se arrependeu depois da morte dela, tendo mudado, entrado para a igreja e se mantido longe de confusão. Mas que Lisânia gostava demais de tudo que era mórbido e que por isso se aproximou dele; ela já queria aquilo. Tinha muitos problemas com a mãe e um padrasto. Este sumiu e ela achou ótimo. Mas os problemas com a mãe só aumentavam. Eram gritos, xingamentos, surras, discussões. Ela vivia dizendo que queria fugir de casa com ele, mas ele estava bem em sua casa. Seus pais eram ausentes, mas assim era melhor.

Ela acabou se contentando com a fuga através das drogas e estava começando a ficar pior que ele. Incontrolável. Tentara se suicidar duas vezes antes.

PERIGOSAS ACHERON

Tomou um vidro de comprimidos uma vez, mas a salvaram no hospital. Ainda na época do padrasto, cortou os pulsos, mas este a levou a tempo para o hospital. Segundo Regis, Lisânia era um caso perdido.

– A pior época da minha vida! Era um inferno! Eu não sei se eu fazia mais mal a ela ou se era ela que me fazia mais mal... Nós dois juntos éramos duas máquinas de autodestruição. Quando ela me ligou dizendo que ia se matar, de novo, eu não acreditei... Quando cheguei lá e vi, juro que achei que era cena... Quando vi que ela estava morta, de verdade... – O rapaz interrompeu sua narrativa, pois começou a chorar, o que deixou Lourenço em uma situação desconfortável, numa mesa de bar com um marmanjo chorando. – Foi logo depois que ela descobriu sobre a Lucinda... Depois da nossa briga...

– O que houve entre você e Lucinda? –

Lourenço perguntou corajosamente.

– Cara, não sei qual é a sua com ela, mas se liga! Ela é diabólica. Aquela vaca! – Lourenço teve que controlar seu impulso de partir a cara do sujeito por ofendê-la assim, já que queria a verdade, toda ela, doesse a quem doesse, mesmo que doesse nele.

– Ela tratava todo mundo que nem lixo! Com aquele nariz empinado, aquele cabelo loiro, de comercial de xampu, aquela carinha maquiada com boquinha cheia de gloss fazendo charme pra todos os garotos e humilhando as garotas que não eram da turminha dela! Ela humilhava a gente, eu e a Lisânia! Chamava a gente de aberração, de zumbis, de tanta coisa, dizia umas coisas que feriam pra valer... Aí um dia ela sem mais nem menos começou a me dar mole, sabe? Falava umas coisas safadas no meu ouvido. E eu, otário, caí. Me achei o tal! Crente que ela realmente tava a fim de mim! Saí com ela e ela conseguiu o que queria. Eu fui um PERIGOSAS ACHERON

idiota fraco e traí a minha namorada... Ela mesma contou pra Lisânia com requintes de crueldade e detalhes. Fez de propósito, só para ferrar ainda mais com a Lisânia! Como se a Lisânia precisasse de mais coisa pra ferrar com a cabeça dela!

Eu e sua amiga matamos a Lisânia! Ela se matou por nossa culpa! Por nossa causa! Desculpa, mas eu quero que a sua amiga se dane!

Lourenço sentiu uma dor no peito. Aquilo era aterrador. Saber era bem pior que suspeitar. Então Lucinda era uma patricinha esnobe e vadia. Como ele iria lidar com aquilo? Tentou imaginá-la daquele jeito, com cabelos loiros e tudo mais, mas teve muita dificuldade. Só conseguia pensar em seus olhos tristes e bondosos e no quanto ela era boa com sua irmã. Ela havia mudado. Não era mais quem quer que tivesse sido antes e, não só na aparência.

Tudo se encaixava. A mudança tinha sido

PERIGOSAS ACHERON

provocada pela culpa. O choque com a morte da gótica lhe dera a consciência da responsabilidade por seus atos. Estranhamente, ser gótica para ela tinha sido bom. O castigo realmente era merecido e estava sendo bem aproveitado. Ele não conseguia deixar de amá-la. Aquilo apenas a tornava humana. A imperfeição, a contrição e a regeneração só o faziam admirá-la mais e sua decadência moral anterior, inauditamente, provocou nele um interesse excitante. Que loucura! Talvez tivesse mesmo uma queda por garotas más... Contudo, sentia raiva por ter sido deixado de fora da história toda!

– Você mudou, não mudou? – retrucou para o ex-gótico. – Então, não pode julgá-la. Ela também mudou.

– O demônio também persegue ela?

– Demônio?

– É, o demônio que toma a forma de Lisânia!

– Você quer dizer o espírito dela?

PERIGOSAS NACIONAIS

– Não existe isso de espírito! Só demônios...

– Era disso que você falava? Você a vê?

– Toda noite em meus pesadelos! E ela já apareceu lá na igreja. Tem uma irmã que sofre dessa fraqueza nos cultos e começa a falar pelos demônios. Ela se apresentou como Lisânia e disse que não ia me dar paz, que queria se vingar de mim! Mas o pastor a expulsou.

– Quando começou?

– Os pesadelos? Desde que ela morreu! – falou caindo de novo no choro. – Você sabe o que é carregar uma culpa e não dormir bem à noite? Sabe o que é ficar sonhando com sua namorada morta noite após noite te acusando de traição, do sofrimento dela? Sabe o que é ficar sentindo que ela está por perto o tempo todo?

– Foi por isso que entrou pra igreja? Pra conseguir paz?

– É. Mas até agora, não tô tendo muito

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sucesso... – falou controlando novamente as lágrimas.

– E se eu te disser que Lucinda tem o mesmo problema? Ela também sofre de pesadelos e o fantasma da Lisânia...

– Não me vem falar em fantasmas... Isso é coisa do demônio!

– Tá, tudo bem – desistiu.

Claramente a questão da existência de espíritos incomodava o rapaz por motivos religiosos, então, era melhor mudar a abordagem.

– O que mais Lisânia faz nos pesadelos além de te acusar? Ela te pediu para fazer alguma coisa? Foi ela que te pediu para ir para a igreja?

– Não. Ela só me acusa com o olhar e... Peraí! Ela faz um sinal...

– Sinal? Que sinal?

– Ela junta as palmas das mãos como se fosse rezar em frente aos lábios e depois abre e vira as

PERIGOSAS ACHERON

palmas para cima, como um gesto de apresentação, sabe, ou como quem diz que não sabe de alguma coisa... Assim...

Regis fez o gesto e Lourenço o guardou na memória. Podia não significar nada, mas queria interrogar Lucinda a respeito.

– Tá. Só mais uma coisa: conhece mais alguém que também tenha esses sonhos com Lisânia?

O rapaz pensou por um tempo para responder:

– Não tenho certeza, mas acho que a mãe dela...

– Por que acha e não tem certeza?

– Porque eu fui falar com ela e perguntei e ela disse que não, mas senti que era mentira. Ela estava muito perturbada, tipo eu, sabe? A gente se reconhece no outro. A perturbação dela tava igual. Mas não posso garantir.

– Faz sentido, já que a mãe e ela não se davam bem...

– Então, tá. – Regis falou levantando-se após o

gole final em sua coca-cola. – Acabamos, né? Gostaria de dizer que foi um prazer, mas não foi. Jesus diz pra perdoar, mas sou ser humano, né? Ainda não dá. Então, não vou mandar lembranças pra Lu. Se eu mandasse, era ela se... Melhor não, xingar é pecado.

– Obrigado então – falou Lourenço.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 19

CIÚMES E REVELAÇÕES

Lourenço só entrou
em contato com o
delegado Perez

uma vez mais, por telefone, para dizer que havia conversado com Regis, mas que não acreditava que ele tivesse matado a garota e que, além de Lucinda e dele, o fantasma perturbava a mãe. O mais provável é que ela tivesse se matado mesmo. O delegado não expressou nenhuma surpresa. Aquelas eram as conclusões a que havia chegado há quase dois anos atrás.

Entretanto, a comichão continuava lá. Pensou em falar novamente com Dona Delvina, mãe de Lisânia ou com Lucinda. Mas o que diria depois de dois anos? Como abordar uma mãe sobre a dolorosa morte da filha depois de tanto tempo, baseado em suposições sobrenaturais? O melhor era deixar como estava, a não ser que o tal rapaz obtivesse algum dado relevante novo em sua cruzada de caça-fantasma.

Lourenço quis muito esperar, mas não pôde. Depois do que ouviu de Regis, precisava conversar com Lucinda. E precisava observá-la. Na primeira oportunidade que teve a sós com ela, levantou o assunto. Eles voltavam da casa de Noemi, na sexta à noite.

Lourenço voltara a levá-la e buscá-la, sob a promessa de manter uma distância respeitosa e pouco se falarem. Naquele dia, ele havia acabado de passar por uma semana de provas. Estava

PERIGOSAS ACHERON

exausto, dormira pouco, estudara madrugadas adentro no alojamento da faculdade, com muito esforço para se concentrar nos assuntos que não o de seu coração.

Novamente o local escolhido foi o estacionamento do prédio onde morava. Quando ele desligou o motor do carro e olhou para ela, ambos sabiam que não sairiam do veículo no mesmo instante. Havia algo a ser dito. Evidentemente, havia também lembranças de beijos e carícias que eram torturantes pela saudade que geravam. Contudo, a lembrança do que veio depois freou os instintos básicos e a vontade louca de se entregarem um ao outro. A razão venceu a emoção.

– Preciso te falar uma coisa.

Lucinda prendeu o fôlego. Temia o que ele pudesse lhe dizer. Não podia querer que ele retomasse o assunto do relacionamento dos dois, porque não podiam e da última vez as

PERIGOSAS ACHERON

consequências foram graves. Por outro lado, tinha medo de que fosse o contrário, que ele lhe anunciasse uma nova namorada, que a havia esquecido... Ela com certeza preferiria a primeira opção.

– Eu falei com Regis – prosseguiu. Viu os olhos azuis de Lucinda arregalados de pavor, mas não podia poupá-la. – Sei o que você fez.

Os olhos da moça se encheram de lágrimas e Lourenço detestou ter de falar naquilo, não queria ser cruel com ela. Mas um lado dele, talvez aquele mesmo lado preconceituoso que o fizera tratá-la tão mal de início, um lado machista e possessivo que se roía de ciúmes não podia resguardá-la de confrontar a verdade com ele. Ele precisava que ela contasse sua versão. Ele queria que ela dissesse tudo, não importando o quanto fosse doloroso.

– Não vai dizer nada?

Ela negou com a cabeça, o rosto agora coberto

PERIGOSAS ACHERON

de lágrimas cinzas por causa da maquiagem dos olhos, assim como ele havia visto naquele dia na Quinta da Boa Vista.

— Então só me confirma, tá? Você premeditadamente seduziu aquele rapaz para humilhar e ser cruel com Lisânia? — Ela assentiu com a cabeça, limpou as lágrimas com o dorso das mãos e engoliu em seco mostrando-se incapaz de falar. — E ainda foi contar para ela, para espezinhar e tripudiar a coitada e ainda espalhou sua conquista vergonhosa pela escola, para que a humilhação dela fosse completa? — concluiu de forma seca, mal acreditando no quanto a estava fazendo sofrer, justamente magoando-a como vingança pelo quanto se sentira ferido por aquela verdade.

Em vez do confronto fazê-lo querer perdoá-la e abraçá-la, mesmo em meio a seu choro de vergonha, foi crescendo nele uma raiva ao olhar para ela e imaginá-la em atitudes tão vis. Sentiu-se

PERIGOSAS ACHERON

enjoado e percebeu que naquele momento ele a desprezava.

Lucinda, de alguma forma, percebeu tudo aquilo no semblante dele e abriu a porta do carro num rompante, correndo para longe dele. Ele agiu imediatamente e foi atrás dela. Alcançou-a e segurou-lhe os pulsos impedindo-a de fugir-lhe. De forma bruta e totalmente alterado, ele a sacudiu e a fez olhar para ele.

— Aonde você vai, hein? — O tom era brusco e a dor de Lucinda continuava a escorrer-lhe pela face. Logo vieram soluços e convulsões no corpo que ia chegando ao limite emocional. A dor estampada de todas as formas. — Vai fugir da verdade? Vai continuar me escondendo coisas? Quem é você afinal? Uma vagabunda?

A resposta dela à ultima palavra do rapaz foi um tapa que estourou forte e sonoro no rosto dele. De alguma forma ela conseguira libertar uma de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

suas mãos para fazê-lo. Ele a soltou de todo e levou a mão direita ao rosto sentindo a tepidez do golpe recebido e o choque diante da reação a suas palavras duras. O que estava fazendo? Ele a odiava agora? Estava tão confuso...

– Me desculpe... Eu não tinha o direito de ofender você assim... – tentou.

Lucinda o encarou em um misto de sofrimento e orgulho.

– Não, você está certo. Eu é que peço desculpas pelo tapa. Eu sou uma vagabunda. Ou pelo menos fui. Eu fiz isso tudo que você falou. Eu não valho nada. Eu mereço ter Lisânia me infernizando! Ela tem todo o direito! Eu fui uma bruxa, uma verdadeira vadia sem escrúpulos! Eu agi sem moral nenhuma, nenhuma consideração com os sentimentos dos outros! Eu não podia mesmo querer que um rapaz como você, decente, bacana, fosse gostar de alguém como eu. Eu não mereço.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Me conte toda a história – Ele pediu, mais calmo, mas ainda implacável.

– Não posso – Ela murmurou.

– De novo essa história de não pode? Abre a boca e começa a falar, vai!

– No dia 12 de dezembro faz dois anos da data que combinei com ela. Faltam menos de duas semanas... A partir desse dia te conto tudo o que quiser. Antes não posso, desculpe. Você descobriu coisa demais. Já sabe demais. E você já sabe que pode haver consequências.

Lourenço assentiu com a cabeça. Estava decepcionado e desolado. O mínimo que ele merecia era uma explicação. Mas entendia.

Permaneceram em silêncio, um diante do outro, olhos nos olhos a fitarem mágoa e paixão ressentida até que o silêncio foi cortado pela voz de Humberto:

– O que é que está acontecendo aqui?

PERIGOSAS ACHERON

Os dois olharam assustados, pegos em um flagrante conspícuo. Ele notou que Lucinda chorara.

– Vocês estavam brigando?

– Não, Seu Humberto, claro que não. – Lucinda apressou-se em disfarçar.

– Então por que a garota tava chorando, Lourenço?

Lourenço pensou por um momento no que diria. Não podia contar a verdade. Nem meia verdade. Tudo o que dissesse nesse caminho levaria a muitas perguntas que não poderia responder, ou que Lucinda não poderia responder. Era melhor que carregasse a responsabilidade e mantivesse a história de que ainda não gostava da garota por ser gótica.

– É, a culpa é minha. Eu fiz ela chorar. Foi uma piada sobre góticos.

Lucinda chegou a levantar as sobrancelhas,

PERIGOSAS ACHERON

surpresa com a resposta dele, que ela infelizmente não poderia desmentir.

– Tá tudo bem, Seu Humberto. Eu é que sou sensível demais.

– Como assim tá tudo bem? – Ele questionou indignado, apesar de desconfiar de que havia mais história ali. – Você continua maltratando a menina? Eu não te entendo! Uma hora é bacana com ela, sempre dá carona, mas fica sacaneando a garota por causa das roupas dela! O que é tem de errado com você hein, cara? Vê se cresce um pouquinho!

Lourenço abaixou a cabeça e recebeu a bronca feliz por sua história ter sido aceita, enquanto Lucinda não sabia o que dizer.

– Seu Humberto, ele não tem culpa. Foi uma bobagem mesmo...

– Mocinha, não precisa defender esse daí, não. Isso aí é meu filho e com ele eu me entendo.

As palavras do pai de Ana Beatriz a colocaram

PERIGOSAS ACHERON

em seu lugar e ela tomou até uma distância de três passos deles para aguardar o fim daquele interlúdio.

– Eu juro que pensei que vocês estavam namorando! Mas pelo que vejo, continuam brigando!

Tanto Lucinda quanto Lourenço arregalaram os olhos ao ouvirem a palavra *namorando*.

– A não ser que seja uma briga de namorados...

– NÃO!!! – gritaram Lourenço e Lucinda em uníssono.

– Tá. Então você continua sendo mau para a nossa babá...

– É, eu não resisto a uma oportunidade de pegar no pé dela...

– E agora? Como é que coloco um rapaz adulto de castigo no dia do seu aniversário de vinte anos?

Não é que Lourenço tivesse esquecido o próprio aniversário, ninguém o faz, mas ele simplesmente deixara o fato ocupar um lugar secundário em suas

prioridades para o dia. Então ouvir seu pai mencionar a data lhe causou certa estranheza, porque não estava no clima para festas.

Lucinda sabia e tinha até lhe comprado um presente. Mais uma razão para ter chorado. Logo no dia em que pretendia pelo menos dar-lhe um abraço e um beijo no rosto, haviam criado aquela situação desagradável para ambos.

– Desculpa, pai.

– Pede desculpas pra ela!

– Desculpa, Lucinda.

– Por nada.

– Então, crianças, vamos subir? – Ele já estava impaciente. Havia ido lá embaixo, porque o porteiro interfonara avisando que eles já haviam entrado, conforme pedira. Então por que não haviam subido? Pensara que estavam namorando... Desconfiara... Mas tinha algo mais que no momento teria que esperar, já que Analice, Ana, PERIGOSAS ACHERON

Danúzia e uns três amigos de Lourenço esperavam lá no apartamento com um bolo, algumas bolas e uma faixa de parabéns. Uma pequena festa surpresa.

Ao adentrar a sala do apartamento toda no escuro, que se acendeu com um SURPRESA gritado pelas vozes presentes, Lourenço realmente se surpreendeu, porque todos os seus pensamentos estavam em Lucinda. Não tinha nenhuma expectativa em relação a seu aniversário.

O que se seguiu foram risadas, abraços, beijos, presentes, parabéns pra você, bolo e guaraná. Alguns salgadinhos e docinhos também. Lourenço se deixou envolver no clima de festa e esqueceu um pouco sua tristeza e a moça taciturna a um canto, que mastigava e bebia em silêncio. Ele nem notou quando ela se retirou, mas quando tudo terminou e ele se recolheu a seu quarto, achou um embrulho sobre a cama e um cartão branco, simples, que

PERIGOSAS ACHERON

tinha escrito apenas: *Para Lourenço, de Lucinda*.

Abriu-o e encontrou um livro sobre fenômenos sobrenaturais e amores espirituais. Sorriu. Obviamente ela tinha tido todo um cuidado para escolhê-lo, havia um significado. E agora, ela o colocara sobre sua cama com um cartão simples, ao invés de entregá-lo pessoalmente, porque haviam brigado.

Começava a folheá-lo quando seu pai entrou no quarto. Ele se sentou e observou o livro em suas mãos.

– Presente dela?

– É – respondeu e depois achou que o fez muito rápido. Era de se esperar que ele soubesse de quem o pai falava?

– O bolo tava gostoso? – perguntou o pai.

– Nossa! Uma delícia! Era bolo mesmo, né? Não era daquelas tortas compradas feitas... – Ele observou com sinceridade.

PERIGOSAS NACIONAIS

– Sim, era um bolo caseiro! Analice ia comprar uma torta, mas ela insistiu em fazer o bolo para você... Disse que...

– Puxa! Danúzia não precisava fazer isso! Ela se superou... – disse lembrando que os bolos de Danúzia não costumavam ser tão bons.

– Danúzia não, Lucinda!

– Lucinda fez o bolo? – perguntou incrédulo. Sentiu-se tão mal. Ela lhe comprara um presente especial e dedicara seu tempo a fazer um bolo para ele. E o que recebeu em troca? Ele a ofendeu e a fez chorar.

– É, ela insistiu dizendo que era boa boleira, que costumava fazer bolos com sua mãe, quando ela era viva. Passou parte da manhã e a tarde toda fazendo para que estivesse pronto e escondido quando você chegasse da faculdade. E acho que ela colocou um ingrediente especial...

– Ingrediente especial? – perguntou numa

PERIGOSAS ACHERON

risada cínica.

– Amor.

– Pai, que conversa é essa?

– Vocês dois acham que estão enganando alguém?

Droga. Lourenço não contava com aquilo. Claro, eles eram adultos mais velhos e experientes, deviam identificar sinais... Os jovens sempre subestimam os mais velhos... Ele se levantou e se esticou, passou a mão pelos cabelos. Continuar negando? Seu pai não era bobo. Então, o quanto ele iria revelar?

– Nós não estamos namorando – iniciou e viu uma cara cínica em seu pai. – Mas eu gosto dela e ela gosta de mim.

– Então por que não estão namorando? Ou ficando, sei lá... Ou estão? Não me diga que é por causa da situação dela como babá aqui em casa...

– Em parte. Lucinda não acha apropriado

enquanto está trabalhando aqui...

– E o que foi aquilo que eu vi hoje? Vocês brigaram, né? Não foi piadinha de gótico!

– Não, não foi. Eu é que fiquei com ciúmes por causa de um ex-namorado dela... Perdi a cabeça...

– Caramba! Puxa, filho! Deve estar mesmo apaixonado! Mas você viu os dois juntos?

– Não, pai. Eu só soube que ela teve esse cara e surtei.

– Você não pode ter ciúmes do que já passou... Ela não tem culpa de ter namorado outras pessoas antes... Já pensou se ela ficasse de paranoia com todas as suas ex?

– Eu sei, mas é mais forte que eu – disse sentando-se novamente ao lado do pai que lhe deu um tapinha de camaradagem nas costas.

– Vocês vão conversar e se acertar. Diálogo é muito importante. Eu e Analice nos damos tão bem, porque conversamos sobre tudo. Não pode haver

PERIGOSAS NACIONAIS

segredos.

– Foi isso que não deu certo com a mamãe?

– Talvez. Nós não tínhamos muita facilidade para falar um com o outro... Talvez simplesmente não fôssemos certos um para o outro, quem pode saber?

– E como se sabe?

– A gente só sabe que não dá para ficar sem aquela pessoa.

Lourenço pensou muito a sério. O assunto era sério e, com seu pai, o que era bem estranho, considerando que ele era um gaiato e dificilmente conseguia manter uma conversa por tanto tempo sem fazer nenhuma piada. É, ele ainda queria ficar com ela, pelo menos no momento estava sendo insuportável ficar sem ela.

– Por que você não vai lá e dá uma batidinha na porta dela e vê se ela te perdoa?

– Tá tarde. Não acho que seja uma boa ideia.

PERIGOSAS ACHERON

Eu ainda tô com raiva.

– Então fala com ela amanhã, chama pra ir ao cinema, ao teatro ou... ao cemitério, sei lá... – falou com sua típica seriedade cômica. Estava demorando. Lourenço riu e Humberto se despediu dele.

– Feliz aniversário, filho. Boa noite.

– Boa noite, pai. Obrigado.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 20

DUAS SEMANAS

Lourenço estava
determinado a
falar com

Lucinda e, talvez pedir desculpas pra valer... Tinha perdido a linha e por isso nem chegara a tocar no assunto dos sonhos de Regis, que era do que ele queria falar com ela. Qual foi sua surpresa ao saber que Lucinda saíra de manhã cedo. Tinha deixado um bilhete dizendo que ia passar o dia fora. Visivelmente queria fugir dele. Passou um dia terrível tentando imaginar para onde ela teria ido. Sabia que ela não tinha para onde ir, não tinha

amigos e não voltaria para a casa do pai. Então, para onde?

Ele ligou e mandou mensagens de texto. As ligações iam para a caixa postal. As mensagens ficaram sem resposta.

– Você deixou minha babá triste?

Lourenço teve um sobressalto ao escutar a vozinha doce de sua irmã dentro de seu quarto. Ela normalmente entrava sem cerimônia, mas com Lucinda sempre por perto, ele passara à segunda opção de companhia para ela.

– Por que você tá dizendo isso?

– Ontem na festa ela tava triste. Quando me deu boa noite na cama tava com uma voz desanimada... Ela nem fez a voz do Punzinho me dando boa noite... – choramingou.

– Punzinho? – perguntou mal segurando o riso.

– O que é isso? Voz de punzinho?

– Punzinho é o meu ursinho... Ela faz uma voz

engraçada pra ele...

– Pera aí, deu o nome de Punzinho pro seu ursinho? – perguntou incrédulo.

– Foi ideia do papai...

– Ah, isso faz bastante sentido.

– Você não me dá boa noite no quarto, por isso não conhece o Punzinho... Eu vou buscar... – anunciou antes que ele tivesse tempo de dizer que não precisava, que ele não fazia questão de conhecer nenhum pum ou punzinho...

Em segundos ela estava de volta com um urso azul e peludo e o colocou no colo do irmão.

– Aperta ele! – Ela pediu.

– Não, eu não...

– Aperta ele...

– Não, não tô a fim de apertar... – acabou revelando com certo mau humor.

– É pra você entender o nome...

– Não precisa, você pode me explicar... – disse

PERIGOSAS NACIONAIS

se arrependendo logo, pois explicação de criança podia ser longa ou confusa e ele agora não teria outra opção que não fosse prestar a atenção.

– Quando a gente aperta, ele faz um barulhinho de peidinho... um punzinho saindo... assim: puffffffffffffff.... – imitou com a boquinha, o que parecia ser ar saindo sob pressão.

– Sei. – Ele disse de bom humor e sem querer acabou apertando o urso que liberou um barulhinho bem mais fiel que o que a irmã produziu com a boca. O urso parecia recheado de algo mais que estopa, algo gelatinoso e indeterminado.

Ambos caíram na risada.

– E como é a voz do Punzinho que a Lucinda faz?

– Ah, não sei imitar... Eu vou pedir pra ela fazer pra você...

– Eu não perderia isso por nada... – disse rindo novamente.

PERIGOSAS ACHERON

*

*

*

Lucinda chegou ao apartamento bem tarde. Já passava da meia-noite e esperava que Lourenço já tivesse ido dormir. Lamentava por Bia, mas era final de semana e ela estava de folga. A mãe a colocaria para dormir. Ela tinha a chave, então esperava não incomodar ninguém.

Encontrou a sala numa penumbra, iluminada apenas pelo abajur. Analice estava lá. Dormia no sofá. Lucinda ficou surpresa. Esperava talvez por Lourenço a esperando para novo confronto, mas não por sua patroa. Ela fizera algo errado? Esquecera de algum remédio? Lourenço teria dito alguma coisa a ela sobre seu passado? Iria despedi-la? Oh, pelos céus, que não fosse isso, senão teria que arrumar outra criança e recomeçar novo ciclo de seis meses!

Havia passado o sábado com Noemi e outros companheiros dela visitando asilos e levando conforto espiritual a idosos. Conversavam com eles, escutavam suas histórias, liam para eles e, quando eles se mostravam receptivos, falavam sobre o que podia esperá-los além da vida na Terra. Lucinda gostou tanto, que queria repetir o programa e fazer outros do tipo. A caridade podia ser um bálsamo na alma de alguém que carregava tanta culpa. Aliviava de verdade. Tirava um pouco o peso. Era como pagar parcelas de uma dívida e enxergar uma previsão de quitação, mesmo que a longo prazo. Depois do asilo, ficara o restante do tempo em longas conversas com Noemi sobre coisas dos espíritos.

No domingo iria trabalhar como voluntária na cozinha de um centro de reabilitação para dependentes químicos. Como adorava fazer bolos, já estava encarregada de fazer alguns. Sentia-se

PERIGOSAS ACHERON

melhor, renovada e pronta para continuar seu resgate, mas encontrar Analice na sala esperando por ela a deixou nervosa e receosa. Hesitou na decisão de se deveria acordá-la, mas a mulher se remexeu e abriu os olhos. O barulho de sua chegada havia sido suficiente para despertá-la.

Analice sentou-se e inspirou longamente. Esticou os braços e esfregou os olhos.

Lucinda olhava para ela ansiosa e inerte.

— Puxa! Chegou tarde. — A mulher mais experiente comentou suavemente sem nenhum toque de censura na voz.

— Desculpa. Não sabia que ia incomodar...

— Não, imagine. É que eu queria conversar com você a sós, então achei que seria uma boa oportunidade, já que os meninos estão dormindo e Ana também. Só não contava de você chegar tão tarde...

— Conversar comigo? — Lucinda era pura
PERIGOSAS ACHERON

apreensão.

– Senta aí um pouquinho.

– Tá – concordou Lucinda temerosa. Sentou-se com sua bolsa no colo como se fosse um escudo.

– Amanhã é domingo, né? Então, Humberto tem uma ótima qualidade como marido, sabia? Ele me conta tudo. Não deixamos de falar nada um pro outro. Seja a respeito de nós ou de outras pessoas... Não posso dizer que seja fofoca... Mas, bem, ele é até um pouco fofoqueiro... Digamos mesmo que seja fofoca... Mas é com boa intenção...

Lucinda permaneceu quieta e aguardava que sua interlocutora dissesse logo o que tinha para dizer, que suspeitava que envolveria Lourenço e o flagrante que Seu Humberto havia lhes dado.

– Bem, o fato é que sabemos que você e o Lourenço estão... bem, que vocês estão... como vamos dizer? Apaixonados?

Lucinda segurou seu impulso de pular do
PERIGOSAS ACHERON

assento, bombardeada pela surpresa daquelas palavras. Como ela sabia? *Ele* teria contado?

– Dona Analice, quem foi que...?

– Pelo menos Lourenço admitiu que está. Pelo que observamos, você também gosta dele, mas se vai negar...

Lucinda suspirou e fez cara de choro. Aquilo estava realmente acontecendo?

– A senhora desaprova? – acabou perguntando.

– Desaprovar? – bufou em indignação bem-humorada. – Quem sou eu para aprovar ou desaprovar o relacionamento amoroso de alguém? Lourenço nem é meu filho! Não tenho idade para ter um filho de vinte anos... Apesar de eu considerá-lo como se fosse...

– Então se não desaprova... o que a senhora...?

– Pode parecer estranho, mas só o que me preocupa é como isso vai ou pode afetar seu trabalho como babá. Se vai afetar o seu

relacionamento com Ana Beatriz.

– Nós não estamos juntos. Nem vamos ficar enquanto eu for babá da Ana Beatriz. Também não sei se vamos ficar juntos algum dia...

– Por quê? Quer dizer, até acho legal a sua preocupação profissional e tal, mas se vocês estão se gostando, ficar esperando...

– Só faltam duas semanas. E eu já encontrei uma substituta. Queria até combinar com a senhora para ela vir aqui e falar...

– Meu Deus! Já? Passou tão rápido! Ah, você não pode mesmo continuar? Não é justo! Ana gosta tanto de você...

– Não vou sumir. Vou visitá-la regularmente até ela se acostumar com a nova babá.

– Ah, não me conformo...

– Por mais que eu quisesse ficar, preciso seguir minha vida. Eu fui muito bem nas provas que fiz até agora. Acho que tenho boas chances no ENEM.

Vou estudar no ano que vem, não vou poder trabalhar como babá...

– Eu sei, querida. Você me deixou isso bem claro quando começamos. Mesmo assim, não me conformo. E se eu não gostar da nova babá?

– Tenho certeza que a senhora vai gostar... – disse sorrindo com uma certeza que parecia vir da alma, tanta que Analice momentaneamente se convenceu.

– Mas voltando a você e Lourenço...

– Não existe Lourenço e eu. E depois de ontem, não acho que vai existir...

– Humberto me contou que vocês tiveram uma briga... Mas desde que vocês se conheceram só vi terem brigas... O que é que há? Afinal, se Lourenço que odiava sua aparência gótica passou por cima de tudo e admitiu que gosta de você, deve ser um sentimento bem poderoso. Porque ele é um garoto bem teimoso. E nunca soube dele estar apaixonado

por ninguém.

– Ele não me conhecia direito e acho que não conhece ainda... Ele acha que está apaixonado, mas quando viu um pouco de como eu sou de verdade, ele não gostou...

– Está falando da briga de ontem? Por causa de um garoto que você namorou?

– É. Ele não gostou de quem eu fui e quem eu namorei... Acho que não gosta mais de mim... – suspirou. – Puxa! É tão estranho ter essa conversa com a senhora!

– É uma conversa de mulheres... – falou em tom de cumplicidade e deu uma piscadinha.

– Mas que a senhora vai relatar pro seu marido... Disse que contam um pro outro...

– É, não dá pra evitar...

– A senhora não precisa se preocupar. Não vai ter nada entre a gente.

– Não é isso que eu quero. Quero o que for

PERIGOSAS ACHERON

melhor pra vocês. Então, a pergunta é: o quanto você gosta do meu enteado?

Lucinda refletiu um pouco antes de responder.

– Gosto o suficiente para saber que não sou a garota certa pra ele. Ele merece mais.

Analice olhou para a menina tentando ler nas entrelinhas. Ela não queria ficar com ele e aquilo era uma desculpa ou ela realmente tinha a autoestima baixa e não se achava à altura dele? Contudo, foi o brilho que viu refletido naqueles olhos azuis, mesmo na penumbra que lhe deu a resposta: sim, ela gostava dele. Muito. Sim, ela o amava. Mas por alguma razão, sacrificava o amor ao que achava que era certo. Incrível.

– Acho que isso é ele quem deve decidir... Vamos esperar essas duas semanas então. E ver o que acontece?

Lucinda concordou com a cabeça. Os olhos já úmidos. Despediram-se e foram se deitar.

* * *

Lourenço não ficou exatamente surpreso quando excepcionalmente acordou às seis da manhã em pleno domingo e viu que Lucinda já não estava mais no apartamento. Levantara extremamente cedo na esperança de falar com Lucinda antes que ela pudesse sair, fugindo dele de novo. Pelo jeito, ela se esforçara bastante nesse sentido. A que horas teria saído? Cinco e meia? Cinco? Pegou o celular e enviou uma mensagem zangada: *Você está fugindo de mim! Antes das seis num domingo? Sério isso? Covarde!*

Surpreso ele ficou por ela responder: *Nos falamos em duas semanas.*

Ficou tão irritado que sua vontade era jogar o celular longe ou dar um murro na parede. Não fez uma coisa nem outra. Voltou para cama e,

PERIGOSAS ACHERON

inacreditavelmente, conseguiu voltar a dormir. Teve, entretanto sonhos estranhos com Lucinda, Lisânia, Regis e a mãe de Lisânia. Estranhos, porque nunca viu nada além de uma foto de Lisânia, mas ela estava extraordinariamente nítida no sonho, bem definida e caracterizada. E nunca vira a mãe dela, mas esta também estava no sonho de forma bastante vívida.

O sonho foi confuso e angustiante. Nele todos sofriam. Lisânia chorava pedindo ajuda. Ela estava num vale escuro e tudo parecia preto, branco e cinza. Havia outras pessoas lá. Mas eram espectros de gente. Seus rostos eram distorcidos como numa pintura expressionista. Elas gemiam de dor e se arrastavam em vez de andar. Pareciam também pedir ajuda, embora suas vozes fossem mais uivos e quase não se distinguissem as palavras.

Ele conseguiu ver que alguns deles repetidamente reviviam o que pareciam ser suas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mortes. Alguns pareciam injetar drogas, em si mesmos, continuamente. Mostravam o rosto de gozo e depois de pavor. Outros fumavam desesperadamente e seus cigarros se consumiam em velocidade espantosa. Viu alguns atirarem em suas próprias cabeças ou em suas bocas... Havia também os que cortavam os pulsos... Puxavam cordas ao redor de seus pescoços ou pulavam para o que parecia um abismo, mas logo estavam de volta pulando de novo. E mais uma infinidade de cenas igualmente pavorosas e dignas de pena. E Lisânia se injetava drogas e tinha uma corda de enforcado ao pescoço.

Ouvia vozes horrendas e gritos infernais. Lourenço podia sentir, de certa forma, o padecimento daquelas criaturas. Elas ansiavam pela morte, pelo nada, que traria o fim e assim o cessar de seus sofrimentos. Mas enganaram-se em vida e continuavam a enganar-se achando que poderiam

PERIGOSAS ACHERON

por termo ao pesar que sentiam, que findariam aquilo. A morte não existia e enquanto aqueles seres não se livrassem do peso e angústia que os fez escolher aquele caminho, fosse consciente ou não, vicioso ou não, não conseguiriam prosseguir e *viver...*

Lourenço não fazia parte do lugar, mas andava por ele como um visitante que não podia ser afetado pelo estado depressivo e nociceptivo. Lucinda não estava lá, embora a tivesse visto junto a Lisânia algumas vezes, como se a defunta a atraísse para ali, quisesse que ela estivesse ali com ela, partilhando sua dor. Mas ela não pertencia ao local e as imagens dela ali eram difusas e translúcidas. Regis aparecia e desaparecia, assim como Delvina, a mãe de Lisânia. Suas imagens eram foscas e esmaecidas e ele podia ver uma espécie de cordão que saía de suas silhuetas e se estendia a perder de vista ligando-os a alguma

PERIGOSAS ACHERON

coisa... Lourenço não tinha ideia do quê.

Apesar de ter sentido a dor de Lucinda, ela não era nada comparada ao que carregavam Regis e Delvina. A pior de todas era a da própria Lisânia, que ao contrário das outras almas, já tinha consciência do que lhe acontecera e do que era tudo aquilo. Sem entender como, Lourenço se sentiu conectado a ela. Ela lhe disse, sem usar palavras, que aquele lugar era o Vale dos Suicidas. Ele entendeu que ela estava parte presa àquele lugar e parte amarrada ao mundo material e às pessoas que tinham responsabilidade por sua morte. E ela lhe pediu ajuda. Como? Como poderia ajudá-la?

Acordou assustado e com falta de ar. Inspirou lentamente para normalizar sua respiração. Nunca em toda a sua vida, tivera um pesadelo como aquele... O problema é que não parecia ter sido apenas um pesadelo. Tinha sido real. Viu as horas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

no celular, dez e vinte. Tinha dormido bastante. Levantou-se e preparou-se para o café rapidamente. Surgiu na sala com a mesma cara com que acordara.

– Que cara é essa? Viu fantasma? – Humberto perguntou brincando, sem largar o jornal que lia.

Lourenço apenas ergueu as sobrancelhas constatando a ironia na pergunta do pai.

Analice estava usando o computador no escritório e Ana Beatriz brincava montando pecinhas de lego no tapete da sala. A tevê estava ligada, embora ninguém prestasse atenção a ela.

O rapaz percebeu que a mesa do café já havia sido tirada.

– Vou tomar café na cozinha – anunciou.

Passou o dia dividido entre estudar, com dificuldade de concentração, e pensar no mistério que era toda aquela história fantástica que envolvia a babá.

PERIGOSAS ACHERON

À tarde, seu pai, a irmã e Analice foram a uma festa de aniversário de criança de uma das coleguinhas de Ana Beatriz. Ele ficou em casa ainda tomado por todo o seu tumulto emocional. Voltaram por volta das dez e meia. Ana Beatriz chegou dormindo no colo do pai. Todos tinham aquele cansaço que só pais que têm crianças pequenas conseguem entender. Logo o apartamento mergulhou novamente no silêncio. Lourenço não foi para cama. Sabia que ela chegaria tarde para evitá-lo novamente. Dessa vez a esperaria em seu quartinho. Não tinha como fugir.

– Com licença, Lisânia. Sei que você fica por aqui... Mas como você invadiu meus sonhos e me pediu ajuda, acho que tenho o direito de invadir aqui um pouquinho... Só não sei como vou poder ajudar você... Pelo que vi, você tá bem ferrada... – disse meio cínico. – Mas se ajudar você, vai ajudar Lucinda de alguma forma, eu topo. O que eu posso

PERIGOSAS ACHERON

fazer para começar?

Involuntariamente seus olhos foram atraídos para um livrinho de bolso, de capa branca, com o título: *Coletânea de preces*. Lourenço tomou-o nas mãos e entendendo que era isso mesmo que ela queria, começou a rezar.

* * *

Quando Lucinda abriu a porta do quartinho, exausta, mas feliz e aliviada pela dádiva de poder fazer trabalho voluntário e ter sido a última a ir embora e ter trabalhado arduamente até não sentir mais suas pernas, deparou-se com uma cena extravagante: Lourenço, de short e camiseta, dormindo em sua cama. Em seu peito o livrinho de orações que Noemi lhe dera.

Sua vontade era gritar com ele. Assustá-lo para que caísse da cama. Sacudi-lo e derrubá-lo. Que
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

raiva! Que disparate! Em seu quarto! Se fizera de tudo para evitá-lo no final de semana e ele sabia bem disso, ir esperá-la ali era golpe baixo!

Mentalmente pediu desculpas a Lisânia por aquilo. Abaixou-se e mexeu em seu ombro para acordá-lo.

– Lourenço, acorda. Você está no meu quarto.

Ele abriu os olhos e sorriu para ela. Espreguiçou-se e se sentou sobre a cama.

– Precisamos conversar, senta aqui.

– Daqui a duas semanas, Lourenço. – Ela insistiu sem se mexer.

– Senta aqui. Por favor. É importante.

Ela sentiu sinceridade e largou a bolsa no chão e se sentou ao lado dele.

– Primeiro preciso te pedir perdão. Eu fiquei com raiva e fui cruel com você.

– Desculpas aceitas. Eu mereci ouvir o que ouvi.

PERIGOSAS ACHERON

– Não sou eu quem tem que te julgar. E... o que eu tinha que te dizer era que o Regis também tem sonhos com Lisânia. E parece que a mãe dela também. E agora, aparentemente, eu também.

Lucinda virou todo o corpo e o rosto para encará-lo na mais perfeita perplexidade.

– Você sonhou com ela? Foi um pesadelo?

– Hoje de manhã. Mas não é como se eu estivesse lá de verdade... Sou um espectador. Estou lá por causa do que me une a você... – concluiu mais para si mesmo que para ela, o entendimento e a fala chegando a um só tempo.

– Meu Deus! Eu sinto muito! Não queria envolver você desse jeito...

– Mas parece que só os meus sonhos te surpreenderam. Você já sabia de Regis e da mãe dela?

– Sabia. Ou suspeitava. Eles estão todos lá no meu sonho. É como uma reunião com o fã clube de PERIGOSAS ACHERON

Lisânia. – Não conseguiu evitar a ironia. – Às vezes é só ela, às vezes os três, às vezes ela e ele... varia.

– É horrível! Como você aguenta?

– Tá melhorando. O que eu não sei é como ela aguenta. Eu posso sentir o sofrimento dela, sabe? É péssimo!

– Eu sei. Também senti. E já que ela me envolveu na história toda agora, não é hora de você abrir logo tudo de uma vez?

Lucinda olhou para ele séria e não resistiu a contemplar-lhes as feições bonitas e senti-las nas pontas de seus dedos. Tocou-lhe a face e depois os cabelos. Penetrou-lhe o olhar e sorriu sem esperanças, enquanto Lourenço deliciava-se com as carícias inesperadas.

– Você é tão bonito, sabe? Por dentro e por fora. E eu queria tanto merecer você...

– Você merece... – murmurou com o polegar

dela em seus lábios, louco de vontade de abri-los mais um pouco para sugar-lhe as pontas dos dedos. Controlou-se ainda e limitou-se a abraçá-la, encostando sua testa na dela. – Eu ainda quero você – anunciou num sussurro rouco.

– Veremos o que acontece... Daqui a duas semanas...

CAPÍTULO 21

FIM DE JOGO

12^{de dezembro de 2014.} A data acordada entre Lisânia e Lucinda chegara. Era justamente uma sexta-feira, dia em que Lourenço vinha para casa. E naquela sexta-feira ele voltava com o coração na mão. Aquelas duas semanas pareceram dois anos, tamanha era sua ansiedade e medo. Medo sim, de que Lucinda, mesmo sem as desculpas anteriores, ainda o rejeitasse. Consumia-se em frustração e aquela paixão louca só fazia aumentar e queimar seu peito.

Ele não voltara para casa. Ficou na faculdade

direto, embora não houvesse real necessidade em termos de estudo, já que já havia concluído a maior parte das provas e avaliações. Ficou lá apenas para entrega final de trabalhos, aulas práticas, projetos e resultados finais. Poderia ter voltado para casa nos finais de semana anteriores, mas era muito doloroso vê-la sem poder tocá-la e querer respostas sem poder. Pelo menos agora, o impedimento sobrenatural cessaria, ou esperava que assim o fosse. E teria finalmente de Lucinda toda a história.

Chegou no mesmo horário de sempre, só que com mais bagagem do que o normal – era fim de período e fim de ano. Só retornaria ao alojamento no próximo ano, após as férias. Trazia de volta três bolsas de viagem cheias de roupas, calçados, roupa de cama e banho, produtos de higiene e objetos pessoais. Trazia ainda um ventilador e alguns livros. Não dava para subir com tudo de uma vez. Subiu primeiro com as duas bolsas grandes. Jogou-

as no chão da sala para fechar a porta e, ao se virar, ela já estava lá.

Olhava com seus grandes olhos azuis cheios de esperança para Lourenço. Ainda vestia roupas góticas – um jeans rasgado e uma camiseta preta –, mas não havia colocado nenhuma maquiagem. Seus cabelos pareciam mais compridos e ela os amarrara num rabo-de-cavalo. Não os pintara mais, pois já era visível uma raiz loira crescente que contrastava drasticamente com aquele preto absoluto. Ela também dispensara os piercings e tinha uma aparência um pouco relaxada e decadente, mas de uma simplicidade que deixava transparecer ainda melhor sua beleza juvenil.

Lourenço olhou para ela e ficou absolutamente maravilhado. Achou-a mais linda que nunca. Não por abandonar aos poucos a aparência gótica, mas por revelar gradualmente sua face verdadeira. Perderam-se assim em longos e incontáveis

instantes de silêncio de contemplação mútua. Ainda a indecisão do primeiro movimento os deixou estáticos. Palavras seriam mais seguras:

– Oi.

– Oi.

Apenas monossílabos encontraram voz e a indecisão ainda estava no ar. Por fim, combinados pelo olhar, lançaram-se um aos braços do outro em um abraço terno e apertado. E ali ficaram, de olhos fechados, querendo que o momento se eternizasse e a sensação de aconchego se perpetuasse.

Danúzia, tendo ouvido o barulho da porta e mais nada, estranhou e foi verificar. Pisou na sala e flagrou o abraço. Ali permaneceu, alguns instantes, meio surpresa, sem que o abraço se dissolvesse. Já tinha achado o jovem patrão abraçar a babá meio esquisito, mas um abraço tão longo daqueles só podia dizer uma coisa... Correu para o quarto do casal para usar o telefone de lá e ligou para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Analice:

- Alô.
- Alô, dona Analice?
- Fala, Danúzia. Tá tudo bem por aí? Algum problema?
- Não, é... Lourenço chegou.
- É, é sexta-feira e as aulas dele na faculdade acabaram, ele tinha que voltar mesmo...
- Mas é que... A senhora sabia que...? Que...?
- O que é, Danúzia? Diz logo.
- Lourenço tá de namoro com a babá? – despejou.

Analice sorriu do outro lado da linha. Sabia que aquilo era inevitável.

- É, acho que sim. E hoje é o último dia dela como babá.
- A senhora acha isso certo?
- Ô, Danúzia! Ainda de implicância com a menina?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Não, dona Analice! Ela é boa menina. Tô justamente preocupada com ela. A senhora tem que falar com ele pra respeitar a garota. Fazer as coisas do jeito certo...

– E o que eles estão fazendo? – perguntou com uma ponta de preocupação.

– Por enquanto abraçando...

– Acho que abraçar pode, né? Se você quiser, fica de olho neles... – falou de forma brincalhona, mas que Danúzia levou a sério.

– Pode deixar.

* * *

Lourenço e Lucinda finalmente se soltaram do abraço e se encararam seriamente.

– Posso beijar você? – Ele perguntou.

– Ainda não. Mas abraçar foi bom...

– O que falta?

– Preciso falar com ela com a mediação de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Noemi, hoje à noite. Se tudo estiver bem, posso voltar à minha vida normal. Apesar de que, nunca vou voltar a ser como era antes. Eu mudei.

– Tudo bem. Acho que posso esperar mais um pouco – disse acariciando os cabelos dela que se soltavam rebeldemente do penteado.

– Quero que você vá comigo.

– Eu sempre vou.

– Não, eu quero dizer... entrar e participar.

– Sério? Eu posso?

– Ela apareceu nos seus sonhos, então você está dentro.

– Tá. Tô com medo. Essa parada de espírito me assusta um pouco... – confessou.

– Não se preocupe. Não é como nos filmes. Ela não vai te fazer mal. Não pode.

– Bem, isso é tranquilizador.

– Mas antes, vamos precisar conversar. Vou te contar tudo.

PERIGOSAS ACHERON

– Tá – disse com um nó na garganta, ansioso e temeroso ao mesmo tempo. Provavelmente a conversa seria longa e precisava tomar medidas práticas primeiro. – Vou buscar o resto das minhas coisas no carro e tomar um banho. Depois conversamos.

* * *

Enquanto Lourenço estava no banho, Danúzia aproveitou para falar com Lucinda:

– Queria me despedir de você – começou, com olhar baixo e meio sem jeito.

– Claro, Danúzia! – respondeu Lucinda tão contente que logo venceu a distância entre elas e envolveu a mulher mais velha num abraço. Danúzia, que não esperava por tanta expansividade por conta do relacionamento contido que tiveram, com um início conflituoso, ficou meio sem jeito e a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

abraçou timidamente, soltando-se tão logo foi possível.

– Sei que no começo fui ruim com você...

– Tudo bem. Ninguém se acostuma fácil com uma babá gótica! – Lucinda falou efusivamente. Sentia-se tão feliz por estar próxima de conquistar sua liberdade, que queria transbordar esse sentimento para todos. Além disso, aqueles dois anos lhe ensinaram a prática do amor. Amar é respeitar e ter consideração com o próximo. Ela tinha exercitado aquilo e se sentia uma nova pessoa. Mesmo Danúzia tendo sido preconceituosa e hostil com ela, conseguira ignorar seu primeiro instinto de devolver a hostilidade e desenvolver a mágoa. Ao contrário, forçara-se a entender e perdoar. Funcionou. Danúzia, aos poucos, acostumou-se a ela, tornou-se gentil e tiveram uma boa relação, embora distante, mas respeitosa e afetuosa.

PERIGOSAS ACHERON

Para a surpresa de Lucinda, Danúzia chorou.

– Você é uma menina tão boa...

– Que boa que nada! – respondeu sem evitar pensar se Danúzia ainda acharia o mesmo se soubesse de seu passado...

– Boa sim! Se mudasse essas roupas ficava melhor! Mas tudo bem! Por isso que vou te falar uma coisa: Lourenço é um bom menino. Mas mesmo assim, toma cuidado! Ele é patrão! E patrão com empregada nunca dá certo...

Lucinda foi tomada de nova surpresa, pois não tinha ideia de que Danúzia sabia sobre ela e Lourenço.

– Ah, Danúzia. A gente se gosta, mas não tá namorando, ainda. Nós vamos conversar hoje e ver no que vai dar. Mas depois que eu buscar a Ana Bia na escola hoje, não sou mais empregada da família. Se namorarmos, não vai ser como patrão e empregada, não se preocupe. Ano que vem vou pra PERIGOSAS ACHERON

faculdade e vou ser igual a ele: universitária.

– Deus te abençoe, minha filha! Deus te abençoe! Ele vai prover! Se for da vontade de Deus, vocês vão ser muitos felizes juntos!

– Se Deus quiser! – falou Lucinda otimista, embora uma sombra de preocupação ainda lhe passasse pela mente.

Lourenço e Lucinda ainda não puderam conversar a sós, pois quando ele saiu do banho, Danúzia insistiu em servir um lanche para os dois. Depois ficou conversando com eles sobre namoro cristão. Lucinda teve que dar um beliscão em Lourenço para ele não rir nem debochar do que ela dizia. Houve mais abraços de despedida quando Danúzia terminou seu expediente e foi embora. Só então ficaram a sós e em paz, mas já era tempo de buscar Ana Beatriz na escola. Para irem rápido, foram de carro. Na volta, só depois do banho e lanche da menina, de conversar com ela e de deixá-

PERIGOSAS NACIONAIS

la entretida com um vídeo game, puderam pensar em conversar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 22

O SEGREDO DE LUCINDA

Foram para o quarto de Lourenço. Ele se sentou na cama

e ela se sentou na cadeira que ficava de frente ao computador na escrivaninha do rapaz. Precisavam de distância. Lucinda se armou de coragem. Confessar para o homem que amava quem ela fora no passado não seria fácil, mesmo ele já tendo uma boa ideia. Era um relato:

– *Não quero começar me desculpando pelo*

meu comportamento no passado, mas preciso contar tudo, para que você entenda – dizendo isso, calou-se por alguns instantes olhando para ele e tomando coragem para prosseguir. – Quando minha mãe ficou doente, eu fiquei arrasada, deprimida, revoltada. Quando ela morreu, eu fiquei pior. Meu pai era e ainda é ateu. Minha mãe não tinha religião. Então, para mim, a morte era o fim e eu não estava preparada para o fim da minha mãe...

Eu invejava aquelas crianças que ouviam histórias do tipo “Ela está no céu”. Pode parecer ridículo, mas se meu pai me tivesse dito isso, acho que ajudaria, teria sido melhor. Eu queria ter tido a esperança de reencontrar minha mãe no céu depois que eu fosse pra lá algum dia... A ideia da vida após a morte teria me dado o consolo que eu precisava. Mas meu pai não achava que eu era mais criança – eu tinha quatorze para quinze anos

–, ele achava que eu tinha que entender que as pessoas morrem, que tudo acaba...

Minha mãe, apesar de não ter tido uma religião, falava em alma que vivia após a morte. Era uma pessoa boa e me ensinava a ser boa. A ideia de que o espírito continua vivo depois da morte faz com que as pessoas queiram ser boas para terem recompensas na outra vida. Se não forem boas, terão castigos... Basicamente é a ideia de céu e inferno. Mas tire isso de uma pessoa? O que vai fazer com que ela se importe? Pra que ser bom se só temos esta vida e se não há recompensas para quem é bom? Vendo desse jeito, é mais lógico roubar, assassinar, fazer tudo o que quiser pra te dar dinheiro e uma vida fácil, de prazeres e diversão. Porque não tem consequências!

E foi assim que eu me tornei uma garotinha má. Sem minha mãe, com meu pai me ensinando que tudo o que importa na vida é o dinheiro, eu meio

que fiquei muito materialista. Ele saía em viagens de negócios, para ganhar mais dinheiro e me dar tudo o que eu queria e eu ficava sozinha. Fiquei com raiva, muita raiva. Busquei cada vez mais consolo no material. Cuidava demais da aparência, adorava gastar o dinheiro dele de forma absurda com cosméticos, salões de beleza, roupas caras, sapatos caros... Depois queria exhibir tudo isso em festas e boates...

Afastei minhas amigas antigas, quem eu desprezei... – respirou e controlou o choro que ameaçava romper – e preferia as que se comportavam como eu... Lógico que atraí muitos rapazes, eu vestia roupas caras e sensuais. Eles eram sempre os piores tipos. Com esses caras eu namorei e perdi minha inocência. E cada vez eu ficava com mais raiva de tudo e de todos. Tornei-me uma cínica e era cruel com as pessoas porque a minha raiva era tudo o que eu via. Minha dor era

maior que tudo.

Adorava fazer os namorados das minhas colegas de turma traírem elas... Só pra provar que eu podia... E era tão fácil... Eles eram tão previsíveis e fracos... Meu prazer era causar a dor. Porque a dor e a desgraça gostam de companhia. Eu era tão infeliz... Mesmo assim, cega... e falsa... Na frente dos professores e coordenadores eu era uma aluna exemplar! Puxava o saco deles, elogiava, bajulava... Tudo falso! Nossa! Como eu me desprezo! Eu tenho horror ao que eu fui – parou por um instante para recuperar o fôlego. Olhou para Lourenço e viu que ele estava sério e atento. Mas era impossível saber o que pensava. Não importava. Se ficariam juntos ou não, dependeria dele. Mas ele teria que ficar com ela sabendo de tudo o que ela foi e fez. Só assim, o relacionamento dos dois poderia ser verdadeiro.

– Continue. Estou ouvindo.

– No segundo ano o Regis entrou na escola. Ele era gótico e aquilo era uma novidade pra gente. Lisânia também tinha entrado na escola naquele ano. Ela era uma garota quieta, magra, pálida. Parecia estar sempre doente. Nenhum garoto se interessava por ela. Eu jogava piadinhas e zoava todos que não fossem “meus amiguinhos”. Ela sofreu na minha mão. Ela se aproximou do Regis, que também era meio isolado. Aí virou gótica também. No começo aquilo ajudou a autoestima dela. Os dois andavam juntos esbanjando preto e se achando o máximo. Mas logo viraram a escória. Minha culpa de novo.

Eu me dedicava a bolar insultos e ironias para magoá-los, usando a coisa do gótico contra eles. Você acha que me ofendeu quando me conheceu? Me chamando de bruxa? Esquisita? Aberração? Você não faz ideia. Foram bilhetinhos, postagens nas redes sociais, ofensas verbais, deboche,

humilhações, pichação no banheiro ridicularizando os dois... Nossa! Eu fui uma verdadeira bruxa! Você achava que eu era uma bruxa vestindo preto? Eu fui bruxa quando vestia rosa...

No terceiro ano, eu piorei... Soube que Lisânia tinha tentado suicídio nas férias, mas não liguei, não acreditei e, não sei se teria feito diferença se eu acreditasse. A fofoca sobre o envolvimento de Regis e Lisânia com drogas só me deu mais munição para a zoação. Felizmente a educação de minha mãe ainda tinha algum efeito sobre mim, ela era muito taxativa sobre não usar... caso contrário, eu poderia ter caído nessa também. Do jeito que eu tinha raiva e tava perdida na vida...

Por fim, eu tive uma ideia brilhante: seduzir o namorado dela para destruir a única coisa que aquela pobre garota tinha. Comecei parando de humilhar Regis. Continuava a infernizar ela, é

claro, mas longe das vistas dele. Quando ele estava sozinho, eu me aproximava, sorria, lançava olhares... Até que um dia, eu chamei ele pra sair e disse que seria nosso segredinho. Ele topou. Aí, bem... Depois eu contei pra ela, com requintes de crueldade, como você disse. Ela não acreditou, mas ele pirou com a culpa e acabou confessando... Mas se ele não tivesse confessado, eu estava preparada. Eu tinha uma foto.

Nesse ponto, Lourenço a olhava com nojo e Lucinda sabia que podia perdê-lo. Mas era preciso que toda a verdade fosse dita.

– Duas semanas depois, ela se enforcou.

Foi aí que eu levei o choque. Mesmo tendo decidido ser uma filha da mãe sem sentimentos, a culpa veio com força total. Eu fiquei arrasada. Eu fui ao enterro. Não sei por quê. Só sabia que precisava ir. Pedir desculpas perto do túmulo, sei lá. Foi horrível! Regis me expulsou aos gritos me

chamando de vagabunda. A mãe dela passou mal e me xingou quando Regis contou a ela quem eu era.

Eu chorei tanto e senti uma dor tão forte que achei que ia morrer. Eu não queria ir à escola. Eu não queria levantar da cama. Tinha dias em que eu nem penteava o cabelo. E desde o enterro, eu passei a ter os pesadelos. Não como nos últimos tempos aqui em sua casa, tem sido raro e leve. Era bem pior e todos os dias. Eu quase não me formei, porque não conseguia estudar e faltava muito. Fiquei relaxada com a aparência e todos notaram. Só confirmei ser a culpada pela morte dela, como muitos já sabiam ou suspeitavam. Regis só fazia falar mal de mim para todos. Eu tinha vergonha de todos e de tudo.

Fiquei muito doente, peguei pneumonia. Eu ia morrer e queria morrer. Aí, um dia, uma moça bateu à minha porta. Ela disse à empregada que era minha tia e assim a empregada a deixou entrar.

Ela foi até meu quarto. Eu estava dormindo. Ela fez orações e mentalizações. Quando eu acordei, eu me sentia melhor. Levei um susto com a mulher no meu quarto.

– Era Noemi? – Ele não resistiu a perguntar.

– Sim, era! Lisânia havia pedido ajuda no centro em que ela exerce a sua mediunidade. Estava bastante perturbada, com muita raiva. Então, sabendo do suicídio, Noemi decidiu ir ao enterro para evitar que ela fizesse mal a alguém. No cemitério ela demonstrou raiva por sua mãe, por Regis e por mim. Após o enterro, ela me seguiu. Noemi viu e, por isso, foi me procurar.

– A doença?! Foi ela?

– De certa forma sim. O emocional de uma pessoa pode debilitar o organismo. A presença de Lisânia junto a mim aumentava meu sentimento de culpa e me abatia terrivelmente. O ódio que ela nutria por mim me fazia mal.

PERIGOSAS NACIONAIS

– Então como você melhorou?

– Noemi. Primeiro: muita oração. E ela começou a fazer um trabalho de evangelização e doutrinação do espírito de Lisânia. Isso é feito com frequência por trabalhadores médiuns em centros de assistência caridosa. Ela fazia isso comigo em sua casa com ajuda de seus companheiros que têm o mesmo dom.

– E a luz azul?

– É usada como ajuda terapêutica de paz e elevação espiritual. A luz azul é tranquilizadora, muito usada em tratamentos cromoterápicos.

– Sei.

– Algumas vezes, só uma conversa resolve. Mas Lisânia era uma alma suicida e muito perturbada. Carregava muita raiva, muita mágoa. Sem perdoar, o espírito não pode ter paz. Ela precisava perdoar os que a ofenderam e também se perdoar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Se perdoar?

– É! Frequentemente a culpa é a causa de nossos maiores sofrimentos. Temos que perdoar o outro, mas também nos perdoar...

– Você se perdoou, Lucinda? – perguntou muito sério.

Os azuis dos olhos dela estavam rasos de lágrimas.

– Estou trabalhando nisso... Acho que só vou conseguir se ela me perdoar primeiro...

– É por isso que ela segue e persegue você... – Ele concluiu.

– É! Sabia que ela tinha mágoa de Regis e da mãe também, mas achei que só perturbava a mim e... que eu era seu alvo... Fiquei surpresa com o que disse sobre Regis e a mãe.

– Noemi sabe?

– Não sei. Ela não me conta tudo. Só o que acha que preciso saber. Lisânia é um espírito

PERIGOSAS ACHERON

obsessor. Ela não consegue se perdoar pelo seu suicídio e me culpa por tudo. Ela queria vingança. Queria me ver sofrer.

– E o acordo?

– É, então: depois de muitas sessões e conversas, ela concordou em me perdoar. Mas para isso, queria que eu cumprisse pena pelos meus crimes.

– Como assim? Você não cometeu nenhum crime.

– Não pela lei dos homens. Mas intriga, calúnia, bullying, manipulação, brincar com os sentimentos dos outros são crimes bem graves pelas leis divinas. Eu não podia ir para a cadeia e já estava pagando porque a consciência de meus crimes já me fazia sofrer de uma forma como nunca imaginei ser possível. Mas ela queria me punir mais.

Então ela estipulou minha pena: dois anos. Eu

tinha que viver por meus próprios meios, pelo meu trabalho, sem usar o dinheiro do meu pai, sem ter luxo nenhum. Eu não podia ser mais a menininha rica.

– Aí você resolveu ser babá?

– Não. Foi ela que determinou que eu deveria cuidar de crianças. Ela sabia que eu odiava crianças. Ela queria que eu trabalhasse com aquilo que mais odiava. Era parte da minha punição.

– Você odiava crianças? – perguntou incrédulo e meio desapontado.

– Eu era um lixo, Lourenço. Eu era uma criatura desprezível, com raiva de tudo e de todos. Eu vivia linda, perfumada e impecável por fora e por dentro eu era um monte de estrume. Crianças para mim eram chatas, bobas, choronas e sujas. Elas podiam sujar minhas roupas, babar meus cabelos, estragar minhas unhas, ocupar meu precioso tempo ocioso... – disse carregando no

sarcasmo. – Então eu tinha que passar dois anos como babá. Mas ainda não era suficiente. Eu deveria sentir na pele tudo que ela sentiu como gótica: o preconceito nos olhares, nos cochichos e nas risadinhas dos outros. E aí eu me transformei: de Barbie para boneca Monster High^[6].

– E por que só seis meses com cada criança?

– *Para me punir! Isso não foi estabelecido no início. A primeira vez em que trabalhei como babá, no início do ano passado, foi bem torturante para mim. Eu realmente não gostava muito de crianças, mas meu sentimento de culpa me fez aceitar a pena com resignação. Larguei tudo, isso me custou uma briga com meu pai, que não entendia meus motivos, nem eu pude contar tudo a ele, porque ele não acreditaria nem aceitaria. Eu não podia estudar em universidade, nem me divertir, nem namorar, nem sair com amigos. Eu fui condenada a uma cela de solidão e trabalho forçado sob a*
PERIGOSAS ACHERON

pele gótica e suas consequências durante dois anos.

Foi bem difícil conseguir o primeiro trabalho e você deve entender bem por quê. Eu me vestindo como uma esquisita e sem experiência nenhuma. Foi Noemi que me conseguiu o trabalho, para uma conhecida dela. Noemi sempre foi boa com crianças, ela já tem dois netos. Ela me ajudou dando dicas e ensinando coisas. Para minha surpresa, em pouco tempo vi que não odiava mais crianças, ao contrário, me afeiçoei muito àquele menino. O que era para ser um tormento virou um trabalho agradável, que me dava prazer, a sensação de ser útil e estar colaborando para a educação daquela criaturinha tão linda. Eu não estava sofrendo tanto como era para ser. Lisânia não gostou. Aí veio a regra de só ficar seis meses. Assim, ela me fazia sofrer toda vez que tinha que abandonar a criança a quem havia me apegado.

PERIGOSAS NACIONAIS

– Muito cruel da parte dela.

– Mas novamente, Noemi me ajudou. Ela me ajudava a escolher uma nova babá para a criança, para que pelo menos esta não sofresse... Babás maravilhosas.

– Como?

– Eu podia dizer que é porque ela tem uma experiência incrível com crianças, mas, o que realmente tem ajudado é que ela consegue perceber a espiritualidade das pessoas pelas auras.

– Ah. Por que eu não estou surpreso com isso?

– Pois é.

– Então ela escolhe pessoas com auras resplandecentes?

– Mais ou menos isso.

– Você sofreu muito? Quero dizer, como gótica?

– Não acho que tenha sido sofrimento. Sofrimento era o que eu tinha antes e nem sabia.

PERIGOSAS ACHERON

Como gótica eu me esclareci. Tive a real percepção do quanto as pessoas se iludem pelas aparências, como discriminam, como estão presas ao exterior, como são cegas, preconceituosas. É tudo uma ilusão. Passei a valorizar mais as ações do que as aparências. Só pelos atos, pela atitude é que conhecemos as pessoas. E sob o meu disfarce, eu observava melhor.

– Você...

– Se eu me magoava? Se era humilhada? Claro! Mas não foi isso que fiz com Lisânia e Regis? E como foi libertador poder pagar dessa forma! Lourenço, meu sofrimento nem se compara ao de Lisânia! Antes e depois de morrer! Pois ela ainda sofre tanto! Nem de perto se compara ao que eu iria sofrer se morresse primeiro para depois tomar consciência! Porque do outro lado, não tem enganação! Não tem como fugir do que se fez! Não tem aparência falsa! É tudo real e se você é um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

monstro por dentro, a aparência que você vai ter é a de um monstro!

– Isso é assustador!

– Não é?! – Ela riu tristemente.

– Então Lisânia realmente cometeu suicídio?

– Claro, Lourenço, todos sabem disso!

– Mas, o delegado tinha suas dúvidas...

Cheguei até Regis através dele.

– Sério? Mas ela se enforcou!

– Ele afirma que dá a impressão de que alguém empurrou a cadeira e não que ela pulou da cadeira.

– É mesmo? Isso é muito estranho, Lourenço...

– As informações que a Noemi tem do além são de que ela é ou não é suicida?

– Com certeza ela é suicida. Estava no vale dos...

– Eu sei. Eu estive lá. No sonho.

– Então?

– Isso põe um fim a qualquer dúvida.

PERIGOSAS ACHERON

Lucinda sentia-se cheia de esperanças e leve por ter contado tudo a Lourenço. Mesmo que ele nem quisesse mais olhar para ela, ainda assim teria valido a pena.

– Acho que minha última provação foi me apaixonar. Um toque de sofrimento extra para a minha pena.

– Não é só você que sofre com isso – disse, fazendo com que ela abaixasse o olhar constrangida.

– E então?

– O quê?

– Como se sente em relação a mim agora que sabe de tudo?

– Não sei. É estranho. Preciso de um tempo. Não tô com vontade de te beijar agora, se é que me entende. Mas isso vai passar, porque sei de uma coisa: não me apaixonei pela garota que você foi há dois anos. Me apaixonei por quem você é agora. E

com certeza não foi pela sua aparência! – disse com bom humor, despertando um sorriso em Lucinda. – Não consigo enxergar aquela megera egoísta e materialista em você. Você é doce e meiga. Você trabalha bastante, é dedicada, estudiosa, tem muito jeito com crianças e minha irmã ama você. Você é paciente e prestativa. Nunca reclama de nada. Parece estar à disposição para servir o tempo todo. Não trata este emprego como um emprego, nem como punição. Trata como... como um... como uma missão de amor. Foi isso que vi em você.

– Então ainda vai comigo hoje à noite? – perguntou entre lágrimas.

– Vou. Vamos até o final com isso. No mínimo, seremos amigos.

– Tá – levantou-se da cama esperançosa.

– Só mais uma coisa.

– O quê?

– A história de estudar Psicologia infantil era

mentira, né? Você nem gostava de crianças. Você está fazendo vestibular para quê?

— Era uma mentira, que se tornou verdade. Achei minha vocação nesses empregos que eram para serem uma punição, mas que acabaram sendo minha redenção. É lógico que vou estudar Psicologia e vou me especializar em crianças. Porque eu amo crianças! Na verdade, eu amo as pessoas! Porque nós temos que amar as pessoas, Lourenço! Essa é a lei! Eu aprendi — concluiu emocionada.

Ele olhou para ela sem dizer nada. E sabia naquele instante que a perdoaria por quem quer que ela tivesse sido no passado. Porque seu olhar tinha sido de admiração.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 23

A REVELAÇÃO DO FANTASMA

Chegaram à casa de Noemi quinze minutos antes do horário. Lourenço estava muito ansioso e apreensivo. Nunca tivera nenhuma experiência com o sobrenatural antes, a não ser por aquele sonho bizarro. Sabia que não a veria. Só Noemi podia fazê-lo. Mesmo assim, sentia uma estranha excitação, algo entre o medo e a curiosidade.

Noemi os recebeu sorridente e tranquila em sua

PERIGOSAS ACHERON

sala. Havia mais um homem e uma mulher com ela. Ela explicou que para ter clareza no que Lisânia dissesse, precisava de uma corrente, ou seja, mais de um médium desenvolvido. O homem e a mulher foram apresentados a Lourenço, Lucinda já os conhecia. Sentaram a uma mesa simples, forrada por uma toalha branca. Ela apagou as luzes e deixou apenas a luz azul. Iniciaram com uma oração e leitura de um trecho do evangelho. Permaneceram em oração e Noemi então chamou por Lisânia.

– Chamamos aqui nossa irmã Lisânia, que tanto tem sofrido, para que possamos ajudá-la.

Lourenço abriu um olho só e espiou nesse momento. Sua curiosidade era quase científica e parte dele continuava cética.

Em poucos segundos, o homem começou a gemer.

– É você, Lisânia? – perguntou Noemi.

PERIGOSAS NACIONAIS

– Sim, sou eu – O homem falou de uma maneira delicada, bem diferente de antes quando se apresentara. Lourenço entendeu que ele falava por Lisânia e se impressionou bastante. Os pelos de seus braços se arrepiaram por inteiro.

– Obrigada, eu precisava falar. – O homem continuou com voz suave.

Eles fizeram uma série de perguntas para terem certeza de que se tratava do espírito de Lisânia. Conforme Noemi explicou depois a Lourenço, muitos espíritos inferiores se divertem se passando por quem não são. É sempre necessário estar atento e se certificar.

– Lisânia? Você já se perdoou, irmã? Pelo abuso de seu corpo físico? Pelo seu suicídio? Já compreendeu seu erro?

– Você sabe que sim, Noemi. Eu... Não quero voltar pra lá... – falou num gemido, chorando.

– O vale dos suicidas?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Sim!

– Você ainda é arrastada para lá, quando não está perto de nós?

– Sim. Mas eu rezo, como você me ensinou e peço ajuda. Tem uma moça que diz que é minha bisavó, ela me ajuda. Ela diz que logo vou poder ir com ela para um lugar melhor. Estou menos presa lá. Já não me sinto como os que estão lá se sentem...

– Lisânia, hoje completam dois anos terrenos de quando você exigiu de Lucinda uma penitência, lembra?

– Lembro.

– Então, ela está há dois anos trabalhando com crianças como babá, como uma pessoa humilde, ganhando seu próprio sustento, não teve roda de amigos, nem namorado, nem nenhum tipo de divertimento fútil. Ela se vestiu como você em vida, conforme você exigiu, para passar por todos

PERIGOSAS ACHERON

os constrangimentos que você passou. Fez tudo que você pediu.

– Ela vacilou duas vezes... Com ele – falou apontando para Lourenço que arregalou os olhos e afastou o corpo da mesa numa atitude defensiva instintiva.

– Sabemos disso. Mas foram momentos de fraqueza, porque eles estão apaixonados. – As palavras de Noemi fizeram Lourenço e Lucinda ruborizarem. – Não quiseram afrontar você. E eles se desculparam, não é? Você ainda odeia Lucinda?

– Não. Não posso mais odiar ninguém, senão nunca vou parar de sofrer. Não odeio mais Lucinda, porque ela não é mais a garota que eu odiei. E castigando ela, porque eu estava com raiva, acabei fazendo bem para ela. Foi só por isso que me deixavam sair daquele lugar horrível. Eu pensava que estavam me deixando me vingar... – disse em meio a um riso choroso. – Mas só estavam me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

deixando salvar Lucinda e Regis.

– Como você salvou Regis?

– Ele ficou perturbado por me ver em seus sonhos e perceber minha presença e procurou ajuda em uma igreja. A igreja fez bem pra ele. Ele largou o vício. Continuei perto dele, porque ainda queria me vingar, fui até a igreja dele. Mas lá eles não me entenderam. Mas eram boas pessoas e ajudaram ele do jeito que podiam. Fez bem pra ele... Acabei ficando com pena dele em vez de raiva... Ele sempre foi fraco, como eu...

– Você perdoou Regis?

– Agora perdoo.

– Isso é ótimo, Lisânia. E perdoa Lucinda?

– Perdoo.

– E perdoa sua mãe, por não ter sido boa mãe com você? Por ter errado tantas vezes em sua educação, sua negligência?

– Eu quero perdoar...

PERIGOSAS ACHERON

– E o que te impede?

– Não sei... Sinto que... Tem uma coisa que eu não consigo me lembrar... De quando eu era viva... é com a minha mãe. Falta uma coisa para eu perdoar, mas não sei o quê.

– Não seria da época que você era muito pequena, bebê? Por isso não lembraria?

– Não... é uma coisa mais recente... eu só não consigo lembrar...

O médium então fez um gesto com as mãos. O mesmo que Regis havia descrito para Lourenço e que Lucinda já conhecia tão bem de seus pesadelos com a ex-colega de escola. Lisânia o fazia em seus sonhos e Lucinda nunca entendera o porquê, mas naquele instante, ele tornava-se bem claro para ela. A jovem babá teve a compreensão exata de que quando sua ex-colega juntava as palmas das mãos para cima, estava querendo lhe dizer que havia algo de que não se lembrava... E que era algo importante

que revelaria o mistério de sua morte.

– Não pode perdoar incondicionalmente? Sem saber o que é?

– Não! Preciso lembrar. Você me ajuda a lembrar?

Noemi pensou por um minuto. Aquilo parecia um desafio. Se era um caso de memória seletiva, devia ser algo muito ruim, muito traumático. O que a mãe da menina podia ter feito de tão grave assim com ela? Maus tratos? Abuso físico e psicológico?

– Claro. Vamos te ajudar. Vamos fazer uma oração para Jesus e nossos guias iluminados nos ajudarem.

Assim, fizeram um minuto de oração. Logo Noemi retomou a palavra:

– Lisânia, vou tentar ajudar você a lembrar, tá? Mas me diga uma coisa: você disse que pensava que se vingava, mas estava salvando Lucinda e Regis. E sua mãe? Também estava salvando ela?

PERIGOSAS NACIONAIS

– Eu estive nos sonhos dela também. Mas não consegui fazer nada para ela. Mas ela não era má, era? Ela só não foi uma boa mãe...

– Preciso que você me esclareça e procure se lembrar, tá? Por que ela não era uma boa mãe? Ela batia em você?

– Batia.

– O quanto?

– Muito.

– Quando?

– Sempre.

– Desde quando?

– Desde sempre.

– Parou quando você cresceu? Ela não te batia no seu último ano de vida, né?

– Batia. Mas Regis me protegia. Aí ela gritava. Gritava muito.

– Ela bebia?

– Às vezes.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Seu padrasto era mau com você também?
- Os dois eram.
- O que ele fazia?
- Coisas ruins.
- Que coisas ruins? – insistiu Noemi.
- Coisas muito ruins, tá? – Ela choramingou como quem implora para não lembrar nem dizer.
- Aquilo que você não se lembra e que sua mãe fez era uma dessas coisas ruins?
- Não. Foi diferente.
- Você era bebê? Pequena?
- Não! É recente.
- Antes ou depois do que Lucinda fez?
- Depois.
- No dia que você morreu?
- *É...* – falou com a entonação de quem se apercebe de algo.
- Foi antes de você se enforcar?
- É, eu acho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Ela foi ao seu quarto, viu a corda?
- É, viu.
- Tentou fazer você não pular?
- Não lembro...
- Tente se lembrar.

Lucinda, apesar de já acostumada com a situação, poucas vezes vira Lisânia se manifestar falando através de outro médium que não fosse Noemi e sempre falava pouco. Eram mais grunhidos, gemidos, choro e reclamações. Agora ela parecia mais lúcida. Estava serena e focada. E Lucinda já sentia o que iriam descobrir. Se não tivesse sido proibida pela médium de interferir naquele caso, talvez já tivesse dito o que intuitivamente já sabia. Adivinhara, deduzira, como se aquele gesto em seus sonhos, naquele momento, tivesse magicamente revelando que o que a menina morta não lembrava era justamente o momento de sua morte...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Lourenço via tudo em que ele acreditava ou não acreditava entrarem em choque e em xeque. Sua concepção de vida nunca mais seria a mesma.

O médium fez uma expressão pensativa e dolorosa, estranhamente feminina para aquele sujeito robusto e barbudo.

– De manhã ela tinha brigado comigo de novo. Disse que eu era um peso, um atraso na vida dela. Que ela não conseguia namorado porque eu estava lá atrapalhando. Porque quando eles viam a filha aberração que eu era, metiam o pé.

– Foi por isso que você quis se matar? Achou que assim deixaria sua mãe livre?

– É... Eu queria acabar com todo aquele sofrimento! Eu não aguentava mais aquela tortura dela me dizendo que eu não prestava, que não valia o prato de comida que comia, que ela gastava muito dinheiro comigo e todas aquelas coisas que ela sempre dizia...

PERIGOSAS ACHERON

– Como arrumou a corda com aquele nó correção?

– Eu comprei pela Internet. O nó já vinha pronto... É incrível o que se pode comprar pela Internet! Eu tinha todo um kit de suicídio. Até veneno eu tinha...

– E escolheu se enforcar?

– Eu só queria que a dor fosse embora... Ela só ia embora com as drogas, mas durava pouco... Eu queria definitivo... Se eu soubesse o que sei agora... Que não adianta nada! A dor vem com a gente e piora! É horrível ser suicida aqui! É pior que gótico aí! Preparei tudo.

– E?

– Eu já havia tentado antes e não consegui. Sempre tinha medo na última hora. Eu liguei pro Regis e disse que ia me matar. Eu disse que era por causa dele! Mas não era! Queria que ele se sentisse culpado. Ele e a Lucinda me fizeram sofrer, mas

nem se comparava ao que minha mãe me fazia sofrer todo dia...

– E quando sua mãe...?

A fisionomia do médium começou a se transfigurar num misto de surpresa e pavor – Meu Deus! Eu estou me lembrando agora... Eu vou contar o que aconteceu...

Lucinda tinha uma boa ideia do que tinha acontecido! Ficou aflita e em expectativa. Sabia que suas suspeitas se confirmariam.

O médium entrou numa espécie de transe mais profundo enquanto Lisânia ia se lembrando e contando o que realmente acontecera antes de sua morte.

* * *

– *Eu não suportava mais! Queria morrer! Peguei o kit de enforcado que tinha esse nome*
PERIGOSAS ACHERON

mesmo, por mais estranho que pareça. Pensava apenas se minha morte poderia, pelo menos, despertar alguma culpa naquela mulher que se dizia minha mãe. Ajeitei tudo. Deu um certo trabalho. Enquanto me preparava, esqueci um pouco o que estava fazendo. Era como se fosse uma atividade normal, uma tarefa. Quando ficou pronto, fiquei olhando pra aquilo e quase desisti. Quase...

Escrevi um bilhete primeiro – o tradicional bilhete suicida. Disse que odiava todos e tudo. Que o mundo era um lugar horrível e eu estava cansada de tudo! Assinei e deixei sobre a cama. Aí liguei para minha mãe. Disse que ia me matar. Que ninguém ia me impedir. E então me dei conta de que eu queria era que alguém me impedisse, que dissesse que eu era importante, que não viveria sem mim. Ou Regis ou minha mãe. Por isso liguei para os dois. Será que alguém ligava para mim?

Alguém tentaria me deter?

Coloquei a cadeira na posição. Subi e coloquei o laço no pescoço. Apertei um pouco. Mas aí fiquei parada lá uma meia hora sem a coragem de pular da cadeira. Teve um momento em que eu me desequilibrei e achei que poderia acabar morrendo por acidente. Teria sido bom? Fiquei aliviada quando me equilibrei e por não ter caído. Que espécie de suicida fica aliviado quando não morre? E lá fiquei. Aí, escutei um barulho. Era ela. Então eu pensei: Caramba, ela largou o trabalho e correu para me salvar! Será que ela se importa pelo menos um pouquinho?

Deus! Eu me lembro de tudo agora! Por que não lembrava antes, Noemi? Ela entrou no quarto e olhou para mim. Eu lembro que fiquei assustada do jeito que ela me olhou. Pensei que ela entraria e gritaria para eu parar e sair dali. Mas não. Ela ficou só me olhando e eu me assustei. Ela pegou o

bilhete na cama e leu. Aí, ela perguntou:

– Você vai se matar? – Ela perguntou não com preocupação real, mas irônica e cinicamente, deixando claro que não acreditava. Eu fiquei com muita raiva e mágoa.

– Vou! Vou me matar por sua causa!

– Não vai nada! Você não tem coragem! É só papo fiado! Vou me matar, blá, blá, blá! Não tem competência nem pra isso! Cortou os pulsos? Nem acertou a veia direito! Tomou remédios? Nem tomou uma dose fatal! Você não quer se matar coisa nenhuma! Quer que a gente fique com peninha de você! E eu fico largando tudo e correndo para ver a sua ceninha! Tudo cena, meu amor! Quer se matar? Então vai, pula!

– Você não liga, né? – Eu gritei desesperada e magoada.

– Eu cansei! Cansei! Pula logo que eu tenho mais o que fazer!

– *Então não sei se vou pular! Não quero te dar esse gostinho!*

– *Eu é que não aguento mais!*

E foi aí que ela...

Ela chutou a cadeira com raiva e eu caí. Senti o nó me enforcando. Ela ficou me olhando um tempo. Depois saiu. Eu fui sufocando, sufocando... Aí ficou tudo escuro.

Quando acordei, eu estava perdida entre dois mundos. Ora eu estava perto de Lucinda, Regis ou minha mãe e ora estava naquele lugar horrível para suicidas. Fui ao meu enterro. Um outro espírito como eu me disse para eu seguir Lucinda. Pensei que seria para me vingar... Agora entendo... Foi para me tirar dali também. É muito ruim ficar vendo nosso cadáver se decompor. Já ouvi que alguns ficam lá e passam por isso.

* * *

– Lisânia?! Lisânia?! – chamava Noemi, escutando o médium que a representava chorando baixinho.

– Oi? – ela atendeu. – Desculpe. Eu me lembrei... É muito ruim.

Todos na mesa estavam chocados, menos Lucinda. De certa forma ela já sabia. Lourenço era talvez o menos surpreso dentre os outros, pois a conversa com o delegado Perez já havia suscitado aquela hipótese.

– Então você não se suicidou efetivamente. Sua mãe matou você. Foi assassinato.

– Não importa muito para a minha situação. De qualquer forma fui como suicida. Eu tomava drogas e isso é um tipo de suicídio. Eu tentei algumas vezes e tinha essa ideia de me matar e isso também é ser suicida.

– Sim, mas é menos consciente. Por isso você

PERIGOSAS NACIONAIS

pôde fazer o que fez. Acho então que não consegue perdoar sua mãe?

O médium inspirou e expirou pesadamente.

– Vou perdoar. Se eu não perdoar, quem se prejudica sou eu. Ela é uma pobre coitada. Uma alma infeliz e tenho até medo de imaginar o lugar para onde ela vai quando morrer. Mas quero justiça.

– Mas você sabe, Lisânia, que sempre há justiça aí do outro lado.

– Eu sei. Mas a justiça que eu queria, era que soubessem que eu não me matei, pelo menos não daquele jeito. Eu queria que Regis soubesse... Queria que a justiça daí também descobrisse...

– Vai ser difícil provar. Não podemos usar o testemunho de uma morta como prova. Embora isso já tenha sido feito na história da justiça no Brasil... Mas não somos médiuns de renome.

– Eu entendo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Vamos orar para que você possa perdoar sua mãe. Consegue se perdoar, Lisânia?

– Isso é o mais difícil. Mas agora que sei que não tirei minha própria vida do jeito que pensei, consigo me perdoar. Vou melhorar.

– E Lucinda? Está liberada? Agora ela é livre para se vestir como quiser, trabalhar ou estudar, fazer o que quiser?

– Sim. Mas, não vou liberar o namoro com esse jovem.

Na mesa todos se assustaram e se entreolharam. Lucinda e Lourenço queriam muito falar, meter-se na conversa, mas haviam sido avisados que só Noemi falaria com ela. Tinha que ser assim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Por que não, Lisânia? Ela cumpriu...
- Não essa parte. Eles desrespeitaram duas vezes.
- Você tem que perdoar, Lisânia.
- Eu perdoo. Só não libero. Ainda. Porque eu preciso deles dois. Preciso que me façam um favor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO

24

NÃO ACABOU

Seu Josué Antunes estava chegando de mais uma viagem de negócios. Quando chegou à portaria do prédio, viu que o porteiro tinha cara de novidade. Mas bastou olhar para o sofá da recepção para saber o que era. Lucinda, sua filha. Ela estava lá e ao que tudo indicava esperava por ele. Trazia suas coisas, o que indicava que ela estava voltando para casa.

Quando o viu se levantou e esperou. Ele se

PERIGOSAS ACHERON

aproximou cauteloso e muitíssimo emocionado. Pensara que talvez, ela não voltasse mais. Ele sabia que não era o melhor dos pais, que depois da morte da esposa não tinha sido forte o suficiente pelos dois. Sabia que Lucinda tinha esperado mais dele do que ele realmente pôde dar. Mas estava disposto a tentar, a melhorar. Ela tinha se tornado uma adolescente rebelde e egoísta, mas sabia que tinha culpa nisso.

E agora lá estava ela. Os cabelos pretos, mais crescidos e fora do corte louco e repicado, começavam a parecer bem normais. O cabelo louro natural da menina começava a aparecer nas raízes. As roupas eram as mesmas, mas sem as correntes, piercings, maquiagem e unhas pretas, ela parecia bem normal. Ela sorriu timidamente e ele se rendeu à emoção do momento, avançando o que faltava em sua direção para abraçá-la fortemente. Derramou duas lágrimas. Lucinda também chorou e o porteiro

PERIGOSAS ACHERON

estava quase se rendendo também. Ao se desprenderem do abraço, tiveram um olhar de camaradagem antes de iniciarem o contato verbal.

– Você voltou, filha? Pra ficar?

– Voltei, pai. Daqui só saio se precisar morar em alojamento de faculdade ou quando me casar.

– Que bom! Eu fico muito feliz! Vamos subir! Eu te ajudo – disse pegando a maior parte da bagagem da menina deixando muito pouco para ela carregar.

Lucinda não contou ao pai sobre fantasmas nem nada desse tipo. Ele continuava a ser um ateu convicto e não acreditaria facilmente. Decidiu que tentaria espiritualizá-lo aos poucos, com o convívio e com conversas e mais conversas, sem pressa. Apenas disse a ele que era uma fase que ela precisou viver para aprender. E terminou essa frase com um beijo terno na bochecha vermelha do pai,

PERIGOSAS ACHERON

que ficou encantado. Ela voltava a ser não a adolescente que era antes da fase gótica, mas a menina boa que era quando a mãe era viva, só que mais esperta, madura e inteligente.

Lucinda encontrou seu quarto do jeito que deixou.

– Eu não mudei nada, filha. Você podia voltar a qualquer momento, então eu... Bem, tá tudo aí. E se precisar de qualquer coisa nova... Você largou o emprego, né? Vai aceitar o dinheiro do seu velho pai?

– Vou, pai. Vou precisar do senhor para poder estudar ano que vem na faculdade. Quero me dedicar bastante.

– Claro, claro! Você não precisava trabalhar.

– Eu sei disso... Quero só estudar por um tempo... Depois vou estagiar.

– É claro, minha filha!

Lucinda abriu o armário e seus olhos

PERIGOSAS NACIONAIS

percorreram seu antigo guarda-roupa. Podia aproveitar muita coisa, mas algumas peças simplesmente não faziam mais o seu estilo. Seu novo estilo não seria nem uma coisa nem outra. Nem perua adolescente nem roqueira gótica. Queria misturar. Queria vestidos claros e românticos. Queria jeans e tênis coloridos, saias compridas, blusas delicadas e vestidos com estampas florais.

— Pai, ainda vou lá por uns dias até a nova babá se adaptar, tá?

— Tudo bem, filha! Desde que você volte para casa...

— É aqui que eu moro agora. Sem querer abusar, vou querer mesmo um pouco do seu dinheiro. Tenho algum, mas queria dar uma renovada no meu visual. Nas roupas e no cabelo...

— É só dizer quanto.

* * *

PERIGOSAS ACHERON

Ana Beatriz reclamou muito de ter uma nova babá, mas Lucinda conversou tanto com ela, que a menina aceitou a mudança, principalmente porque Lucinda garantiu que estaria lá nos primeiros dias, até ela se acostumar. Além disso, Lourenço estava de férias e estaria em casa também. Era uma época perfeita para uma adaptação.

A nova babá se chamava Lígia, tinha trinta e cinco anos e dois filhos adolescentes. Começara a trabalhar como babá depois que os filhos ficaram autossuficientes, porque simplesmente adorava crianças e sentia falta do convívio com uma. Claro que também para completar o orçamento apertado da família. Era simpática e sorridente e apesar da origem humilde, era bem eloquente.

Ana Beatriz simpatizou com ela de imediato. Lucinda chegou pouco depois da nova babá naquela manhã de segunda-feira. Lourenço foi

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

atender a campainha, ansioso depois de não vê-la desde o sábado de manhã, quando a levara de carro até a casa de seu pai com todas as suas coisas. Ao abrir a porta se surpreendeu. Lucinda vestia jeans, mas uma blusa branca com letras coloridas. Sua única maquiagem era um batom cor-de-rosa e seus cabelos estavam bem penteados e de uma tonalidade escura de louro. Os olhos azuis se sobressaíam ainda mais. Então aquela era Lucinda?

– Nossa! Que transformação!

– Esta sou eu! De verdade! – falou dando uma voltinha. – O que acha?

– Como fez seu cabelo...?

– Estava ficando de duas cores, então descolori de vez e tentei o tom mais próximo do natural. Acho que ficou bom. Mas se disser que estava melhor antes, corro e compro uma tinta preta.

Ele riu divertido e pegou um dos fios do cabelo dela em seus dedos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Você está linda – disse, triste por não poder ainda demonstrar com gestos o que sentia.

– Obrigada. Que bom que gostou. É um alívio.

– Então, quando vamos fazer aquilo?

– Bem, hoje preciso ficar com a nova babá até seus pais chegarem... Vamos sair assim que eles chegarem. Vai ter que ser à noite. Vamos fazer hoje!

– Mal posso esperar.

* * *

Nove da noite.

– Pronta? – perguntou Lourenço quando Lucinda afivelava o cinto de segurança de seu assento no carro.

– Pronta. Vamos fazer aquilo.

PERIGOSAS ACHERON

* * *

Naquela manhã de segunda-feira, quando Regis recebera o telefonema do delegado Perez, não sabia o que pensar. Mas ele queria apenas que ele recebesse visitas à noite. Visitas que ele não desejava. Porém, não era boa ideia recusar algo a um delegado, ainda mais um que suspeitara dele quando sua namorada se suicidou. Prometeu colaborar em tudo que pudesse. Mesmo assim, odiava ter que falar com aquela garota de novo.

Às nove e meia sua campainha tocou e ele gritou para a mãe que atenderia. Que era para ele. Pelo olho mágico confirmou que era seu passado batendo à porta. Abriu-a sem ânimo.

– Boa noite – falou Lourenço primeiro, tomando a dianteira e entrando no apartamento sem esperar ser convidado.

– Oi, Regis – cumprimentou Lucinda, seguindo

PERIGOSAS ACHERON

Lourenço de cabeça baixa, sentindo-se esmagada pelo peso da vergonha que sentia só de lembrar como tinha se comportado com aquele rapaz no passado.

Regis não disse nada, apenas os seguiu e conduziu aos seus aposentos, muito contrariado.

* * *

Terça-feira, quinze de dezembro.

Lourenço e Lucinda deixaram Ana Beatriz, que também já estava em férias escolares, com a nova babá por algumas horas e foram até a delegacia. Perez os aguardava.

– Bom dia delegado – cumprimentou Lourenço.

– Bom dia, Lourenço.

– Lucinda, como vai? – Ela cumprimentou timidamente. Havia falado com esse delegado por ocasião da morte de Lisânia e não tinha sido muito

agradável, pois ele a tratara como suspeita de assassinato ou pelo menos como culpada pelo suicídio da menina. Não que tivesse mágoa, tinha era vergonha, pois ela merecia todas as suspeitas.

– Olha, a minha comichão está me matando! Temos que resolver logo isso! Sentem-se.

* * *

Dona Delvina, mãe de Lisânia, morava em um apartamento simples e antigo em Copacabana. Vivia da pensão do falecido marido. Não tinha tão boas condições financeiras como a família de Lucinda ou de Regis, o que fez com que Lourenço suspeitasse que devia ter sido bem mais difícil para ela manter Lisânia na escola onde estudou. Chegaram ao prédio por volta das dezoito horas. Delvina também recebera um telefonema do

PERIGOSAS ACHERON

delegado que trabalhara no caso do suicídio de sua filha. Foi bem estranho receber aquele telefonema e mais estranho ainda o pedido que lhe fez para receber aquela menina que ela odiava e um outro rapaz que nem sabia quem era. O delegado só lhe disse que seria muito importante para esclarecer a morte de sua filha. Mas para ela não havia nada para ser esclarecido. Fora um suicídio e aquela gente tinha que aceitar aquilo.

Muito contrafeita abriu a porta para aquele casal contrastante: uma menina branca de cabelos claros e um rapaz moreno de cabelos escuros. Deixou-os sentar em seu sofá, mas não lhes ofereceu nada, nem água. Sentou-se no outro sofá e encarou os dois com olhos malfazejos.

– O que vocês querem comigo?

– É um assunto delicado, dona Delvina – começou Lourenço. – A senhora já conhece a Lucinda. Eu vim apenas para acompanhá-la, já que

a senhora guarda uma certa mágoa dela.

– Essa menina matou a minha filha!

– Na verdade, dona Delvina, sua filha acha que foram três pessoas as responsáveis pela morte dela: essa menina aqui, Regis e a senhora.

– Eu? Vocês tão malucos? E Lisânia não acha nada porque tá morta!

– Pois é. Aí é que está o problema. Ela não está totalmente morta – falou Lourenço de forma espirituosa, de certa forma se divertindo com aquilo.

– Como assim não está totalmente morta?

– Dona Delvina, a senhora sonha com ela? – arriscou Lucinda.

Delvina ficou lívida e sentiu uma brisa soprar em seu rosto. Por instinto olhou para a janela, mas ela estava fechada. O pavor a dominou e sentiu todos os pelos de seu braço arrepiarem-se.

– Vocês sentiram isso? – Ela perguntou

assustada.

– É, eu meio que sinto também a presença dela. Regis também. Ela está em nossos sonhos e fica atrás da gente o tempo todo. A senhora pode não acreditar, mas ela é um fantasma – afirmou Lucinda.

– Isso é impossível – falou mais para si mesma que para eles. Tremia naquele momento.

– Ela tem me perturbado há muito tempo e a Regis também. Acho que a senhora sabe do que eu tô falando. Quando pelo canto do olho você tem a certeza que tem alguém ali, mas quando se vira não tem ninguém. Sentir a presença de uma pessoa mesmo quando está sozinha... Chega a ouvir passos quando anda em uma rua pouco movimentada à noite, mas aí se vira e não tem ninguém. Às vezes chega a ver o vulto ou ouvir uma voz bem distante, mas sempre diz pra si mesma que é sua imaginação, que é da sua cabeça. Chega até a ouvir

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

o seu nome...

– Isso é um monte de bobagem! Só acredito vendo.

– Ver a senhora não vai. São poucas pessoas que tem esse dom. Mas sentimos do jeito que falei. E tem pessoas que conseguem falar pelos mortos. E uma dessas pessoas disse que ela quer que o assassino confesse.

– Assassino? Que assassino?

– Sua filha foi assassinada, dona Delvina. Ela não se enforcou sozinha – afirmou Lucinda catedraticamente, mostrando toda certeza que ela tinha desde antes de a própria Lisânia confirmar o que ocorreu.

– Que absurdo! Vocês são loucos! – falou muito nervosa levantando-se do sofá. Mas aí ouviu um sussurro perto de seu ouvido que era como um sopro, um barulho feito pelo vento, mas que soou claramente como: *confesse!*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Ela disse que não vai ter paz até o assassino confessar ou ser pego – completou Lourenço – e nem vai deixar essa pessoa em paz.

– E o que o delegado tem a ver com isso? Delegado agora acredita em história de fantasma?

– É o seguinte – iniciou Lucinda retomando a palavra –, parece que há uma prova do assassinato de sua filha. Ela tinha uma câmera escondida no quarto, que usava para seu diário em vídeo. E ela estava ligada no momento em que ela morreu.

Ao ouvir aquelas palavras, Delvina arregalou os olhos e ficou em choque.

– Regis está com a gravação porque ele sabia da câmera e pegou para ter as últimas palavras de sua namorada como recordação. Ele achou o corpo e depois que chamou a polícia e ligou pra senhora, ele pegou a câmera. Mas ele não teve coragem de assistir, porque seria muito doloroso. Mas agora Lisânia fez uma comunicação com o mundo dos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vivos e pediu para eu, a senhora e Regis nos reunir e assistirmos ao vídeo. Ela quer revelar o assassino e é um de nós. Quer que ele se arrependa e confesse.

– Isso é loucura! Se é um de nós, só pode ser o Regis! Porque você não me chamaria se fosse você.

– Vamos fazer isso amanhã de manhã, na casa do Regis.

– Que coisa idiota! Se ele é o assassino, vai matar a gente!

– O delegado Perez vai chegar logo que puder. Ele vai chegar um pouco depois...

– E pode ser tarde!

– A senhora vai?

– Isso é uma palhaçada. Fantasmas não existem e não deve ter nada nessa gravação.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

– Então não há nada a temer – concluiu Lucinda, com um pequeno sorriso de satisfação, sentindo-se uma peça chave naquele jogo que tinha como objetivo fazer *justiça*.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 25

ELEMENTAR, MEU CARO PEREZ

Quando Regis recebeu Delvina no apartamento, Lucinda e Lourenço também já estavam lá, para total surpresa dela, que chegara uma hora antes, achando que encontraria o rapaz sozinho.

— Puxa! A senhora chegou cedo mesmo! Mas parece que todo mundo chegou!

A mulher ficou desnorteada. O que ia fazer agora? Em vez de um só, havia três no

PERIGOSAS ACHERON

apartamento. O vídeo pausado já estava com o rosto de Lisânia congelado. Ela puxou uma arma de dentro da bolsa e a apontou para uns e outros, exigindo que se posicionassem todos juntos.

– Então, tá! Eu não quero a imagem da minha filha denegrida assim. Eu não fiz nada e isso tudo é uma palhaçada. Para ninguém se machucar, vamos acabar com essa brincadeira agora. Regis, tira isso aí e me dá a gravação – Ela ordenou se fazendo valer da autoridade da arma.

– Calma aí, dona Delvina. Abaixa essa arma – suplicou Regis.

– Tira logo isso daí e me entrega.

Regis obedeceu. Lucinda e Lourenço tinham as mãos ao alto e se entreolhavam.

Quando de posse do cartão onde estava gravado o vídeo, ela olhou ao redor e ainda muito nervosa e com voz alterada voltou-se novamente para Regis:

– Isso tem cópia? Tem alguma cópia? Vai,
PERIGOSAS ACHERON

responde!

– Tem – respondeu ao mesmo tempo em que pegou um DVD sobre a estante onde estava a tevê e entregou a ela. Neste mesmo instante, bruscamente adentraram o apartamento Perez e mais quatro policiais empunhando armas e vestindo coletes.

– Parada! Polícia! Jogue a arma no chão. Dona Delvina, coloca a arma no chão e as mãos na cabeça!

Acuada e assustada, ela colocou a arma no chão, mas tentou ocultar o cartão e o CD no bolso da calça. Os policiais agiram rápido e a renderam e revistaram, pegando as gravações quase que imediatamente após ela as ter tentado esconder, pegaram a arma e a algemaram.

Quando ela se recuperou do susto e colocou os pensamentos em ordem, começou a questionar a prisão:

– Eu tô sendo presa por quê? Eu não fiz nada!

PERIGOSAS NACIONAIS

- Por porte de arma e assalto a mão armada.
- Como assim? Que assalto?
- Exigir objeto por meio de força é assalto, roubo a mão armada. Mas a senhora é suspeita do assassinato de sua filha, Lisânia, o que essas gravações devem provar – discursou Perez.

A mulher baixou a cabeça e se deixou ser conduzida, sendo levada embora. Antes de sair, Perez trocou olhares de cumplicidade com Lourenço e Lucinda.

Aquilo era só o início. Eles tinham planejado tudo. Regis foi uma parte um tanto difícil. Convencê-lo a fazer parte daquele teatro perigoso fora trabalho árduo. Disseram-lhe somente que tinham a prova, mas que precisavam da prisão em flagrante. No entanto, o perigo da empreitada o assustava e somente a promessa, mesmo que quimérica de que isso daria paz a Lisânia e que ela não o atormentaria mais nos sonhos, foi capaz de

PERIGOSAS ACHERON

persuadir o rapaz.

Por segurança, um carro de polícia com policiais a paisano pernoitou em frente ao prédio onde Regis morava, caso Delvina resolvesse ir até lá dar fim à suposta gravação. Perez havia armado um esquema. E ela realmente chegou antes da hora. Os policiais da viatura comunicaram imediatamente, por rádio, o fato ao delegado, que já estava no prédio – havia chegado cedo. Entrou em seguida no apartamento de Regis. Felizmente, tudo estava acontecendo como ele previra.

* * *

Delvina não queria falar sem o advogado. Mas não estava só naquela cela. Lisânia estava lá, soprando-lhe pensamentos o tempo todo: *Confesse! Eu não vou te deixar em paz enquanto não confessar...*

Ela foi chamada à sala de interrogatório de novo. Mas não era para falar com Perez. Ela tinha uma visita: Noemi.

– Oi, Delvina.

– Quem é você?

– Meu nome é Noemi. Nós já nos vimos.

– Já?

– No enterro de Lisânia... Quando a senhora gritou com Lucinda, acusando ela de ter matado sua filha... o que é bem estranho, considerando que foi a senhora que matou...

– Isso é mentira.

– A senhora sabe que tem uma gravação.

– Eu não vi a gravação, não sei se prova alguma coisa.

– Mas eu sei o que está lá. Lisânia me contou.

– Ah, tá!

– Eu a vejo! Sou médium... Não consigo ouvi-la bem, pois o fato de ter sido enforcada afeta sua

garganta perispiritual^[7], mas ela já se manifestou através de outro médium e pôde falar claramente. Ela me contou tudinho. De como a senhora falou que queria que ela pulasse, que morresse logo! E de como chutou a cadeira!

– Vai embora daqui! Eu não quero falar com você! Não quero ouvir essas mentiras!

– Eu até posso ir embora, mas ela não vai. Ela vai ficar aí do seu lado... Ela quer que você confesse e peça perdão a ela. Ela está pronta para perdoar, desde que você tenha se arrependido...

– Joga esse papo de charlatanice pra outro! Não caio nessas histórias de folclore!

– Então a senhora nunca a viu nos sonhos?

Delvina abalou-se novamente. De novo aquela história?

– Eu não vou confessar nada.

– Não acha melhor alguns anos na cadeia que incontáveis eras nas trevas – em lugares sombrios

PERIGOSAS ACHERON

–, após a morte?

Delvina impressionou-se com aquelas palavras. Se ela tivesse dito *inferno*, não a assustaria, estava acostumada com a palavra e não tinha nenhuma fé nela. Mas *lugares sombrios* soou como algo real e aterrador.

– Vim apelar pelo seu bom senso e pelo seu bem-estar espiritual.

– Só estou ouvindo historinha... – concluiu com um sorriso cínico.

– Desculpe, Lisânia. Sinto muito mesmo. Ela não tem esse nível de consciência ainda.

– Que convincente! – debochou Delvina, insinuando que aquilo era apenas um teatro para impressioná-la.

Noemi deixou a sala, mas em seguida o delegado entrou.

– Acabei de informar o seu advogado, por telefone, que sua pena seria menor se você

confessasse. Mas, quando o juiz vir a gravação, não vai ser necessário. E a pena vai ser a máxima.

– Eu quero ver a gravação. E meu advogado também. Cadê ele?

– Ele está em audiência fora do Estado e só pode estar aqui amanhã, após chegar de viagem.

– Ótimo. Já terminamos?

– Já.

* * *

Noemi esperava por Perez. Depois que ele mandou Delvina novamente para a cela, foi ao encontro da médium.

– E então? – Ele perguntou.

– A mulher é ruim de doer. Ela não tem sentimento... Coitada da Lisânia! Enquanto Lucinda e Regis se torturam há dois anos, ela parece que não tem nenhum problema com o que fez..., e que foi ainda pior.

– Então não vai confessar?

– Vai! O advogado não vem até amanhã. O senhor conseguiu isso, não é verdade? Então, ela terá uma longa noite pela frente... Certamente Lisânia vai atormentá-la a noite toda.

* * *

Os gritos de Delvina naquela noite apavoraram até os presos mais insensíveis. Dor lancinante, visão de horrores inimagináveis e amostras de sofrimento da alma deformaram o rosto da mulher, que dormindo, exprimia na face o espectro da morte. Acordou às quatro da manhã com um grito agudo em meio à pior parte de seu pesadelo. Ao acordar, entre o sono e a realidade, ainda viu Lisânia em sua cela, apenas por alguns segundos, mas segundos medonhos. Ela tremia e entrou em um estado de pânico. Gritou pelo delegado. Queria

PERIGOSAS ACHERON

falar com ele.

– Pelo amor de Deus! Seu delegado! Eu quero falar! Pelo amor de Deus! Preciso que ela me deixe em paz! Eu falo! Eu confesso!

Aos gritos dela, juntaram-se os de outros presos que já haviam sido bastante incomodados durante a madrugada, exigindo também que tirassem aquela mulher dali.

Quando terminou o relato, Perez, que já havia visto de tudo naquela vida, estava chocado. Histórias de mães que matam seus filhos sempre o deixavam inconsolável. A figura materna deveria ser cem por cento confiável. Tinha que ser um sustentáculo para os filhos, não a causa para seus sofrimentos. Era nesses momentos que sentia o quanto sua profissão era dura. Ouviu as palavras da mulher sem saber se sentia raiva ou pena daquela criatura desprezível:

– ... ela me ameaçando de novo! De se matar!

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu não aguentava mais. Aquele teatrinho! Só fazia coisas erradas! Envolvida com os tóxicos... e aquele imbecil do Regis. Os dois deixavam minha casa imunda e fedida. Aí eu a vi ali em cima da cadeira, com o laço pronto no pescoço. Tinha feito aquilo só para ficar de novo com aquele draminha, chantagem emocional, falando... “Ah, eu vou me matar... Olha, presta atenção em mim... Vou me matar...” E eu pensei: ela estava ali. Era só um empurrãozinho e pronto. Tava fácil. Ela praticamente estava me implorando para fazer aquilo! Era o melhor pra ela... Ela queria morrer... Eu só precisei... só precisei... empurrar a cadeira. E pronto. Ela começou a se debater... Foi rápido. Eu fiquei olhando. Precisava ter certeza que ela tinha morrido. Eu esperei. Aí, voltei para o trabalho. Eu sabia que Regis viria, porque ela tinha ligado pra lá e ela tinha dito pra ele que ia se matar. Então ele ia achar o corpo. Para todos os efeitos eu só tinha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

saído do trabalho para almoçar.

Delvina achava que teria uma pena menor por ter confessado, mas a frieza das palavras em seu depoimento não ajudaram muito naquele sentido.

– Delegado, agora que confessei, quando o juiz for ver o vídeo, não vai aumentar minha pena, né?

– Vídeo? – Perez perguntou cinicamente.

– É, a gravação da Lisânia, do momento de sua morte.

Perez riu e soltou um muxoxo.

– Aquele vídeo que estava pausado quando você chegou?

– É! A prova!

– Acho que tivemos sorte de você ter confessado, porque não tinha prova nenhuma. Aquele era um vídeo de Lisânia e Regis falando besteiras para a câmera e mostrando seus piercings novos.

– Seus filhos da...

PERIGOSAS ACHERON

— Olha, dona Delvina! Não vai querer acrescentar desacato... Ora, um vídeo que gravava justo o momento da morte dela? Ia ser muita sorte! Coincidência de filme... Então, obrigado por ter confessado — tripudiou sarcasticamente.

Perez não pôde evitar o prazer que teve ao ver a cara de indignação da mulher. Ela tinha sido enganada! E bem enganada! Os pesadelos a teriam feito confessar se não acreditasse na existência de uma prova? Talvez não..., — Ele se questionava. No fim, ela confessou e era aquilo que importava. O plano tinha sido perfeito. Era uma história e tanto e que infelizmente teria que guardar para ele, pois ninguém acreditaria e traria descrédito para ele como delegado. Mas o fato é que, de nem acreditar nem desacreditar, passara a acreditar...

Perez a mandou para a cela de novo. Daí para frente seria fácil. E sua comichão estava satisfeita. Ficou com vontade de ligar para sua amiga

PERIGOSAS ACHERON

Catarina e lhe contar sobre aquele caso pra lá de estranho, com um toque de sobrenatural. Ela tinha tido uma experiência de pós-morte quando levou um tiro, não seria difícil para ela acreditar na história...

Voltou à sua sala e lá estavam reunidos Noemi, Lucinda e Lourenço. Eles tinham o ar de expectativa e Perez logo satisfez a curiosidade e ansiedade de todos.

– Ela confessou!

Os suspiros e gemidos de alívio dominaram o ambiente.

– Graças a Deus – falou Noemi em tom de oração.

– Ela ficou injuriada quando soube que não havia gravação – informou o delegado.

– Ideia brilhante de Lucinda... – comentou Lourenço.

– Fiquei pensando como seria bom se houvesse

uma gravação... como no filme *Sexto sentido*... Mas já que não tinha gravação... Nada como um blefe...

– Parabéns, mocinha. Sua ideia deu muito certo – falou o delegado apertando a mão de Lucinda.

– Elementar, meu caro Perez! – brincou Lucinda em meio a um sorriso que despertou muitos outros.

– E ela ter ido até o Regis e vocês usando uma arma, foi ótimo para contar tudo contra ela. E vocês foram muito corajosos, arriscaram suas vidas. O tal Regis também.

– É, mas acho que o Regis dispensa os agradecimentos. Ele vai preferir não ver a gente nunca mais – concluiu Lourenço.

– Tá, então, obrigado vocês e Dona Noemi.

– Obrigada você, delegado. Nem todo mundo me dá crédito. Nunca imaginei que um delegado pudesse ter a mente tão aberta – agradeceu Noemi.

Conversaram por mais um tempo, fazendo
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vários comentários sobre o caso até se despedirem de vez. Antes de irem, o delegado tinha mais uma pergunta para Noemi:

– A menina morta? Ela vai ficar do lado da mãe ainda ou vai com vocês?

– Ela está aqui. E está feliz por conseguir um pouco da justiça terrena para a mãe, mas triste, porque ela nem se mostrou arrependida. Dona Delvina ainda tem muito que aprender e ainda vai sofrer muito aqui e depois. Mas Lisânia vai conosco. Vamos ajudá-la a fazer sua viagem.

*

*

*

PERIGOSAS ACHERON

Quando o advogado de Delvina chegou, na parte da tarde, e soube que ela havia dado o depoimento formal e assinado sua confissão, viu que não poderia fazer mais que pleitear uma pena menor, alegando insanidade temporária.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 26

ENFIM, A PAZ

Naquela noite, Lourenço e Lucinda foram à casa de Noemi para se despedirem de Lisânia. Mais leve e sentindo-se melhor, Noemi disse que Lisânia já não mais apresentava a aparência de sua morte com as marcas do enforcamento no pescoço. Com isso, ela conseguiria falar com ela sem ajuda de outro médium como interlocutor para a sua comunicação verbal.

Acenderam a luz azul e iniciaram as orações,
PERIGOSAS ACHERON

pedindo ajuda de bons espíritos para conduzir Lisânia a um lugar onde ela pudesse encontrar a paz e evoluir. Lisânia rezava também. Noemi sabia que ela conseguiria perdoar sua mãe, porque fora capaz de se perdoar, que é o mais difícil. Entendera que sua mãe era uma pobre alma ignorante que ainda teria que resgatar muitas dívidas que contraíra. Restava uma certa mágoa, mas o perdão havia sido concedido. O ato de perdoá-la havia purificado Lisânia de tal forma, que ela não voltaria mais ao vale dos suicidas.

Noemi registrou a presença de outro espírito no ambiente. Tratava-se do espírito protetor de Lisânia, o mesmo que a fizera sair do cemitério para evitar o sofrimento de ver seu corpo se decompondo. A figura era de uma mulher. Ela estava envolta em luz e vestia branco. Tinha um semblante sereno e inspirava confiança. Ela falou a Noemi através de pensamentos informando-a de

PERIGOSAS ACHERON

que estava ali para levar Lisânia embora. Havia um lugar onde ela teria certa paz. Ainda estava longe de ser um céu, mas, perto da Terra ou dos lugares por onde ela caminhou, era um paraíso. Noemi sorriu feliz pela sensação de missão cumprida e a satisfação que isso lhe trazia.

Lisânia entendeu que era hora de partir. Que estava livre e era hora de também libertar Lucinda. Pediu a Noemi que servisse de mediadora em sua conversa.

– Lucinda, Lisânia está livre para ir. Sua protetora – anjo de guarda – está aqui para levá-la. Quando perdoou, ela se libertou das amarras do ódio que a prendiam a vocês. Ela quer que eu transmita suas palavras a você.

– Está bem – concordou.

– Ela diz que perdoa você e pede que a perdoe pelo que lhe fez passar, mas que, agora, sabe que sua ação maléfica só foi permitida porque traria

benefícios para você, apesar de no início não saber disso.

– Lisânia, eu não tenho que te perdoar por nada. Eu só tenho a agradecer. Eu pude mudar ainda em vida e ainda jovem... Se você soubesse o quanto eu era infeliz quando era má... Mas agora, graças a você, estou bem. Eu só tenho a lhe agradecer. Lisânia, muito obrigada – disse com lágrimas nos olhos. – Eu aprendi tanto nesses dois anos... Eu era fútil e materialista. Eu era rasa e egoísta. Mas eu me regenerei e foi graças a você. Obrigada, obrigada, obrigada... – falou em meio ao choro cedendo às lágrimas e recebendo a mão de Lourenço como consolo.

– Ela diz que também mudou e se livrou do ódio que carregava e que a fazia tão doente e infeliz. Só não se sente tão culpada do que fez, porque, inconscientemente, acabou fazendo um bem para você e para Regis.

– Obrigada, Lisânia. Se não fosse por você, eu também não teria me tornado boa com crianças, e descoberto uma vocação tão contrária ao que eu pensava ser. E não teria conhecido este rapaz aqui, que, mesmo sabendo de tudo, continua do meu lado e está segurando a minha mão agora.

– Ela pediu desculpas por não deixar vocês dois ficarem juntos até agora. Disse que era necessário. Precisava da ajuda de vocês e não podia arriscar. Mas disse que isso deixou vocês mais apaixonados... Ela está brincando agora.

Lourenço e Lucinda sorriram nervosamente e entreolharam-se meio embaraçados.

– Estamos liberados agora? – perguntou Lourenço.

– Estão! Ela disse que estão livres. Ela não vai mais estar aqui. Disse que vai rezar por vocês.

– Obrigada, Lisânia. Vá em paz. Obrigada por me perdoar por tudo que lhe fiz – finalizou

Lucinda.

– Obrigado – agradeceu também Lourenço.

– Lourenço, ela está dizendo que foi muito bom você ter estado ao lado de Lucinda, foi fundamental sua presença e apoio. Graças a isso, Lucinda pôde se sentir segura e merecedora de sua redenção. Conseguiu se manter firme. Ela até teve a ideia brilhante que fez com que Delvina confessasse.

– Minha garota... – falou Lourenço, olhando para Lucinda com um sorriso de orgulho

– Fiz o que o meu coração me mandou fazer. – declarou a ex-babá gótica, sorrindo de volta para Lourenço e depois para Noemi.

– Está na hora. Ela está despedindo, dizendo adeus a todos nós. – Interveio Noemi.

– Adeus, Lisânia – disse Lucinda.

– Adeus – falou Lourenço.

– Vá em paz! – completou Noemi, que ficou em silêncio por alguns instantes e depois anunciou:

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela se foi.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 27

CRIANÇAS SABEM DE TUDO

Quando deixaram a casa de Noemi, depois de longos agradecimentos também à prestimosa médium, Lourenço e Lucinda saíram de mãos dadas sentindo-se leves como plumas.

A sensação de flutuar era tão intensa que por vezes parecia que eles é que tinham ido para o paraíso. Olhavam-se como cúmplices e trocavam sorrisos.

Pararam na calçada e olharam para o céu. Ele

estava bonito e estrelado. A lua brilhava imensa e cheia. A noite estava quente como era comum em dezembro. Lourenço permitiu-se então olhar para o vestido florido que Lucinda vestia. Segurou-a pela mão, forçando-a a ficar de frente para ele a certa distância para que ele pudesse observá-la.

– Você está tão linda.

– Obrigada.

– Mas você sempre foi linda. De cabelo preto, de qualquer jeito...

– Também te acho um gato.

– Queria te pedir uma coisa.

– Claro.

Ele a segurou pelas duas mãos solenemente e olhou-a longamente antes.

– Quer ser minha namorada?

Lucinda sorriu. Mal podia crer em sua boa sorte. Será que ela merecia? Será que sua regeneração lhe dava esse direito? Como não

aproveitar aquela dádiva? Sim, queria. Queria sorver aquela ventura. Seu coração batia forte de emoção e ela inspirou profundamente, sentindo a felicidade penetrar-lhe a alma através de todos os seus poros.

– Quero. Quero tanto, Lourenço! Na verdade, já me sentia sua namorada...

Lourenço ouviu o que queria. Era o que faltava para ele poder tomar aquela mulher nos braços.

Envolveu-a e beijou-a nos lábios suavemente. Depois suas bocas se abriram e famintas deliciaram-se em se reencontrar depois de tanto tempo. O beijo durou alguns minutos e carícias simultâneas naturalmente se desenvolveram. Mãos nos cabelos, corpos colados. O lugar não lhes permitia continuar e encerraram o primeiro beijo que selou o início oficial de seu namoro. Caminharam de mãos dadas até o carro.

– Antes de levá-la em casa, vamos passar na

PERIGOSAS ACHERON

minha. Quero comunicar à minha família o nosso namoro.

– Isso vai ser bem estranho...

– Por quê? Você não é mais a babá.

– Eu sei. Vai ser bom, porque ainda vou poder ver Ana Beatriz.

– E vai passar o Natal conosco.

– E meu pai?

– A gente combina! Passa a ceia da véspera ou o almoço do dia vinte e cinco. Um deles conosco e o outro com seu pai. Mas seu pai também é bem-vindo se quiser.

– Isso parece promissor...

– Depois vou levar você em casa e pedir você em namoro ao seu pai.

– Ainda se usa isso?

– Acho que não. Mas nosso namoro vai ser bem sério... Então, acho que é apropriado.

– Não sei se meu pai aguenta... – disse

brincando.

Entraram no carro e conversaram animadamente até o prédio de Lourenço. Ainda era cedo e a família estava na sala com a tevê ligada. Quando entraram, Analice e Humberto surpreenderam-se com o visual novo de Lucinda. Por alguns instantes nem a reconheceram. Como Lourenço estava em casa de férias e a nova babá estava se saindo bem, Lucinda não havia esperado por eles na segunda, nem nesse dia, antes de terem ido para a casa de Noemi.

— Lucinda! — exclamou Ana Beatriz correndo para abraçá-la.

A ex-babá pegou a menina no colo num abraço apertado e deu-lhe beijos carinhosos. Apesar de terem estado juntas à tarde, era como se antecipassem a saudade que haveria quando a fase de adaptação da nova babá terminasse.

Quando a pôs no chão ela fez uma carinha de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

curiosa e ao mesmo tempo de sabichona, como se soubesse exatamente o que iria acontecer ali naquele instante.

– Veio de visita? – perguntou Humberto.

– Mais ou menos – respondeu Lourenço.

– O que vocês andam aprontando? – perguntou Analice enquanto abaixava radicalmente o som da tevê.

– Pai, Analice, Bia... Lucinda agora é minha namorada. Estamos oficialmente namorando a partir de hoje.

– Bingo! – comemorou Humberto. – Você me deve dez reais, Analice.

– Ah, Humberto!

– Eu falei! Ainda nesta semana!

– Vocês fizeram uma aposta? – perguntou Lourenço num tom entre o divertido e o indignado, acabando por rir.

– Seu pai falou que vocês iam ficar juntos ainda

PERIGOSAS ACHERON

esta semana. Eu achei que ainda ia demorar um pouco mais... Droga!

– Enço e Lucinda estão? – perguntou Ana Beatriz.

– É, meu amorzinho – respondeu Lucinda abaixando-se um pouco para falar mais ao nível do tamanho da menina.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Namorando? – Ela insistiu em esclarecer.
- É, maninha – confirmou Lourenço.
- Que lindo! Eu sabia! Eu disse... Lucinda é a princesa! Olha, Enço! Ela não tá mais disfarçada de bruxa! E você é o príncipe! Feliiiiiiiiizes para SEMPRE!
- Maninha, eu tenho que admitir: você acertou na mosca!

PERIGOSAS ACHERON

EPÍLOGO

O Natal daquele ano foi de muita alegria para todos.

Seu Josué Antunes passou a noite do dia vinte e quatro com sua filha. Apesar de não ter religião, gostava do clima fantasioso daquela época natalina, e, também, da parte dos presentes. Achava simpática a figura do Papai Noel. Pai e filha montaram uma árvore e enfeitaram a casa pela primeira vez desde o falecimento da esposa/mãe.

No dia seguinte, Lucinda foi almoçar com a família de Lourenço. Ainda era cedo para unir as duas famílias, talvez nos próximos anos... Os jovens namorados trocaram presentes e promessas.

O ano vindouro prometia ser um desafio. Ambos na faculdade – ver-se-iam apenas aos finais

PERIGOSAS NACIONAIS

de semana. Seria difícil controlar a saudade, mas já haviam combinado enviar muitas mensagens de texto e se comunicar pelas redes sociais – agora Lucinda podia ter um “perfil” –, telefonemas todos os dias na hora do almoço e à noite. Aos fins de semana saíam juntos, viajavam, teriam todos os encontros românticos que suas imaginações lhes permitissem planejar. Vez ou outra faziam um programa com Seu Josué ou com a família de Lourenço, especialmente com Ana Beatriz. E, sempre que possível, serviriam como voluntários nos abrigos onde Noemi ajudava. Não podiam esquecer do lado socioespiritual e, nada como a caridade para cuidar dessa parte.

Faziam já planos para quando se formassem. Lourenço brincava, dizendo que ia se juntar ao programa Médicos Sem Fronteiras e Lucinda dizia que o deixaria ir para a África somente se ela pudesse ser Psicóloga sem fronteiras e ir junto.

PERIGOSAS ACHERON

De qualquer forma, Lourenço queria que Lucinda nunca o deixasse esquecer de que ser médico é um sacerdócio, uma missão, uma maneira de servir ao próximo, nunca apenas um trabalho remunerado.

Sabia agora que tudo tinha consequências numa outra vida e não desejava contrair nenhuma dívida daquele tipo. Ele não aceitava a ideia de ganhar sem trabalhar – como alguns clínicos que batiam o ponto e não cumpriam com seu dever, deixando pessoas morrerem nas filas de espera. Não entendia o fato de existirem médicos que negligenciavam os pacientes e agiam como se fossem deuses, desrespeitando a vida humana.

Da mesma forma, ele a lembraria sempre do que realmente era importante. A lição que Lisânia lhes ensinara nunca poderia ser esquecida ou perdida.

Quanto mais conviviam, mais se sentiam

PERIGOSAS ACHERON

definitivamente ligados. Intuíam que seu amor transcendia a algo além do mundo material – o espiritual –, e pensavam um no outro cada vez mais com a certeza da felicidade duradoura. Mas não havia pressa e o futuro pertencia a Deus.

O companheirismo e amizade também passaram a ser pontos chave em seu relacionamento. Uma briguinha ou outra também fazia parte, mas nada que uma boa conversa não resolvesse e um longo abraço e alguns beijos molhados não curassem.

Enfim, estavam bem e tinham a certeza de ficar bem. E ainda tinham todo o mês de janeiro para curtirem juntos. Fariam uma viagem de uma semana para um belo lugar banhado pelo litoral, onde houvesse praias lindíssimas e o verde do mar fosse absoluto. Sozinhos, planejavam se amar com toda a intensidade da paixão guardada por meses.

– Ilha de Fernando de Noronha?

PERIGOSAS NACIONAIS

– Porto Seguro?

– Fortaleza?

– Natal?

Tentavam se decidir, enquanto olhavam folhetos de viagem. A dúvida era apenas o lugar.

– Já sei! – exclamou Lucinda. – Tive uma ideia. Vamos jogar todos pro alto e agarrar um! Quem sabe algum fantasma camarada que esteja por aqui nos ajude a escolher a melhor opção, colocando o folheto certo em nossas mãos?

– Gostei. Mas só se for enquanto beijo você...

– Com assi...?

Lucinda nem terminou a pergunta. Com os folhetos na mão, ele a enlaçou em seus braços e beijou-a apaixonadamente enquanto jogava os folhetos para o alto. Deixou uma de suas mãos estendida por sobre o ombro dela e agarrou um dos folhetos que caía.

O beijo estava bom e não se animavam a

PERIGOSAS ACHERON

terminá-lo. Quando finalmente o fizeram, Lourenço segurou o folheto e anunciou:

– Aqui está. Neste final de férias, vamos viajar e ficar num hotel em...

FIM

Querido leitor(a),

Gostou? Se gostou de *A babá gótica*, é provável que curta a minha escrita então. Peço assim, que faça uma avaliação do livro na página do mesmo na Amazon. Isso me ajuda muito e a outros leitores a descobrirem a obra. Todos que fizerem avaliação de qualquer livro meu receberão um kit de marcadores (não é sorteio). Basta fazer a avaliação e enviar um e-mail para adrianaigrejas@oi.com.br

Também gostaria de convidá-lo(la) a ler as minhas outras obras na Amazon.

Já disponíveis:

Viagem de férias (conto continuativo de “A babá gótica”)

PERIGOSAS NACIONAIS



Lucinda, a ex babá gótica e Lourenço, seu namorado, saem para sua esperada viagem de férias. Eles tiraram seu destino num sorteio e o resultado foi inesperado... Durante essas férias o casal vai ter a sua primeira vez e encontrar mais uma aventura de arrepiar os cabelos do braço!

PERIGOSAS ACHERON

A fórmula da vida – A escolha de Catarina
(romance policial com ação, aventura, drama,
humor e uma história de amor redentora) – 584
páginas



SINOPSE: Romance, da mesma autora de *A babá gótica*.

O pai de Catarina criou uma fórmula muito cobiçada. Por causa dela ele é assassinado e a menina se vê órfã, traumatizada pelo medo que a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

violência sofrida causou e nas mãos de um padrinho, que não a ama e nem liga para ela. Por isso, ela precisa aprender a se defender sozinha. Aprende a lutar, vira pitgirl, justiceira e se envolve em muitas confusões até que é acusada novamente de um crime e precisa fugir e trocar de identidade. Tudo estaria ótimo em sua nova vida, se ela não tivesse se apaixonado ou pudesse continuar mentindo para quem ama...

PERIGOSAS ACHERON

Um apartamento com vista para o mar e outras histórias (contos – histórias de diferentes gêneros, entre eles: amor, humor, drama, sobrenatural, mistério) 90 páginas.



SINOPSE: No conto que encabeça a coletânea *Um apartamento com vista para o mar* temos como narrador o Cupido, ou a personificação do amor, que tem a difícil missão de fazer com que dois jovens fiquem juntos e sejam felizes para sempre, apesar de todos os problemas. Em *A mulher e o canário*, uma esposa reprimida

PERIGOSAS ACHERON

faz uma reflexão sobre sua falta de liberdade em analogia com o canário na gaiola e decide romper a prisão psicológica em que vive. Em *A parte perfeita*, um homem abandona sua namorada ao sonhar com uma mulher que ele julga perfeita e começa uma busca por achar essa mulher. Em *A fita azul*, Bruna é a neta que vai tentar alegrar um pouco a vida de sua avó doente utilizando informações que acha no caderno de memórias da anciã. Em *Para os filhos deste solo, não és, mãe, gentil* o narrador-personagem se sensibiliza ao presenciar uma mendiga cantando o hino nacional. Em *A cara do Rio de Janeiro*, Dona Nilsa é uma professora que se empolga com o trabalho de um aluno, que aparentemente é brilhante. *Coisa de homem* relata uma divertida discussão de um casal provocada por um convite inusitado de um amigo do casal. Em *Anímico* encontramos um rapaz ainda muito jovem embevecido por constatar que encontrou o amor de sua vida ainda tão cedo, antes do esperado. *Moça de escritório* narra a tentativa de Ana, moça humilde, de mudar de vida apenas mudando a forma de se vestir. E no último conto *Amor em Flores e Folhas* os jovens médicos, Dagoberto e Gisela, têm uma nova chance de

PERIGOSAS NACIONAIS

viverem seu amor proibido ao serem levados para a misteriosa cidade de Folhas, onde devem cumprir uma missão.

Quatro contos de amor (contos – quatro histórias de amor – publicação exclusiva em e-book pela Amazon) 57 páginas



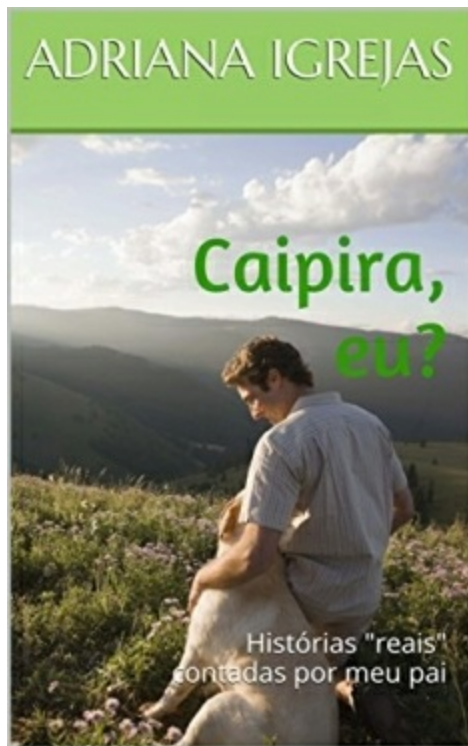
SINOPSE: Quatro histórias de amor surpreendentes e apaixonantes da mesma autora de "A babá gótica": A culpa é das mentiras - a mentira pode atrapalhar um romance?; De verdade - Tudo o que ela queria era um namorado de mentirinha, mas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ele queria tudo "de verdade"; Desembrulhando no Natal - Ela teria que escolher entre uma grande oportunidade e seu amor bem na época do Natal...; Queijadinha de assadeira - uma história baseada em uma receita, um prato doce que primeiro os separou e depois os uniu.

Caipira, eu? Histórias “reais” contadas por meu pai (contos biográficos – publicação exclusiva pela Amazon) 22 páginas



SINOPSE: Histórias que meu pai me contava quando eu era criança sobre a infância e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

adolescência dele numa fazenda em Miracema, interior do Rio de Janeiro, na década de 1940. Portanto as histórias são "reais". As aspas são porque algumas narrativas que meu pai contava como sendo verdadeiras, desde criança eu sabia que eram exageradas e fantasiosas, como a história de uma abóbora gigante, ou de ter visto Saci Pererê. Como elas são uma das melhores memórias que tenho dele e que me divertiram muito em meus anos verdes, resolvi registrar tudo como uma homenagem e forma de dividir com meus leitores um pouco do que me influenciou na minha carreira de contadora de histórias.

Divirta-se! Um grande abraço!

Adriana Igrejas

PERIGOSAS ACHERON

Biografia resumida:

Adriana Igrejas é do Rio de Janeiro, Professora de Português/ Literatura e Inglês, formada pela UFRJ. É autora de dois romances e de um livro de contos, além de participar de cinco antologias nacionais e duas portuguesas. Recebeu o Prêmio Baixada 2014 na categoria Literatura. Faz parte da Academia de Letras de seu município. É casada e tem dois filhos.

[1] Personagem que salva a protagonista de *Princesa de gelo* do suicídio.

[2] Vandinha é o nome em português dado à personagem Wednesday, a filha do casal da *Família Adams*, programa de tevê e filme que mostrava uma família sombria e assustadora.

[3] Só devemos pedir aos amigos coisas honestas.

[4] O amor vence todas as coisas.

PERIGOSAS NACIONAIS

[5] Elizabeth Bennet é a heroína do romance inglês *Orgulho e preconceito*, de Jane Austen. No momento em que o Sr. Darcy a pede em casamento pela primeira vez, diz que teve de passar por cima das considerações a respeito da inferioridade da posição social dela. Em resposta, ela diz que ele a ofendeu com esse comentário, entre outras coisas.

[6] **Monster High** é uma franquia de bonecas da moda americana criada pela Mattel em Julho de 2010. Os personagens são inspirados em filmes de monstros, suspense e ficção científica que as distinguem da maioria das bonecas da moda. (fonte: Wikipedia, a enciclopédia livre)

[7] Relativo a perispírito, um invólucro ou fluido que une o corpo e o espírito.

PERIGOSAS ACHERON